ROBERT PLANT COM A CORDA TODA

Ano 4
Nº 6
1988
Cr$ 310,00

BIZZ

GRÁTIS!
GUIA MUNDIAL DE FÃ-CLUBES

EXCLUSIVÍSSIMA!!!
NEW ORDER

A HISTÓRIA DO VELVET UNDERGROUND

THE MISSION

MALU MADER NO CINEMA

TIM MAIA • JORGE BEN

IRON MAIDEN

EXCLUSIVA COM BRUCE

Assinatura Anual Cr$ 405,00 · 5561 · Edição nº 35
Abaeté, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (Na

TODOS OS CAMINHOS LEVAM À BORA BORA

OS PARALAMAS DO SUCESSO

BORA BORA

EM LP
K7
& COMPACT DISC

EMI

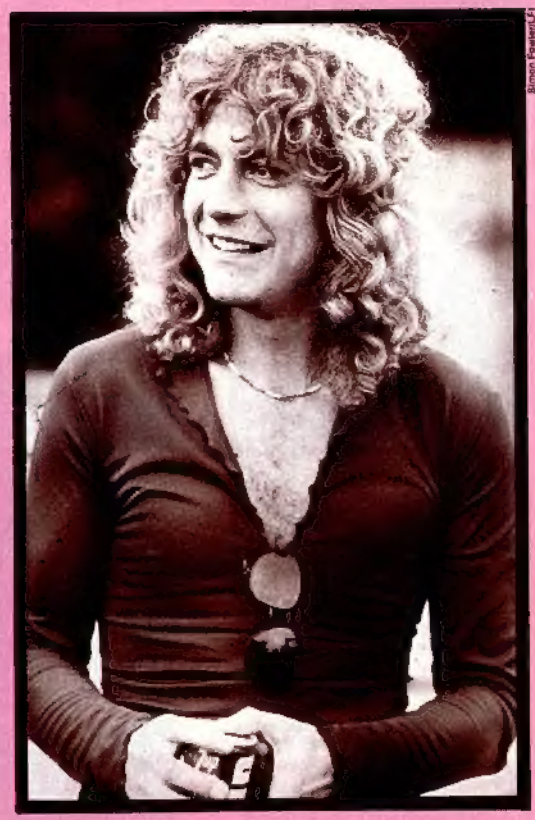
BIZZ

Ufa! Depois de muitas tentativas, **Pepe Escobar** desembarcou de um trem em Manchester para, na estação mesmo, fazer uma exclusiva com o **New Order**, a maior banda independente do planeta Terra. Do outro lado do espectro, **Robert Plant**, também em exclusiva, conta no entrevistão as peripécias pós-**Led Zeppelin** que levaram ao hit **Now and Zen** e mostra que o velho dinossauro voltou remoçado. No departamento histórico, **Celso Pucci** começa a contar — o resto virá na edição seguinte — a trajetória de uma das bandas mais cultuadas e *covenizadas* no mundo, o acachapante **Velvet Underground** de **John Cale** e **Lou Reed**. E ainda em *outra* exclusiva, concedida por telefone a **Thomas Pappon** e **Leopoldo Rey**, o **Iron Maiden** fala do novo disco, *Seventh Son of a Seventh Son*. Para fechar o internacional, **The Mission**, que em breve estará por estas bandas, fala com **Pepe Escobar** em Utrecht, Holanda, terra dos arenques e das bicicletas, cercado de *sisterzinhas of mercy*. **Ana Maria Bahiana**, nossa expedita correspondente em Los Angeles, fala com o alquimista **Jorge Ben**, que foi lá mixar seu novo disco. **Thomas** ouviu o mestre **Tim Maia** e **Lorena Calabria** destrinchou a via sambodrômica e industrial do **Black Future**. Na Discoteca Básica, uma bomba: **Live at the Apollo**, do *godfather* **James Brown**. Divirta-se.

José Eduardo Mendonça

3 ÍNDICE
Você está aqui...
4 SHOWBIZZ
Notas, notícias e boataria
14 PARADA
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
16 LANÇAMENTOS
Discos quentinhos da boca do forno
26 VÍDEO
Catherine Deneuve e os principais lançamentos
30 NEW ORDER
Pagando a conta para Pepe Escobar
38 VELVET UNDERGROUND
A história do mito, parte I
45 ENTREVISTA
Robert Plant conta tudo
54 IRON MAIDEN
Bruce Dickinson pelo telefone
58 JORGE BEN
Um flagra no alquimista em L.A.
62 THE MISSION
Wayne Hussey e os sobreviventes
66 TIM MAIA
E não é que ele apareceu?
68 BLACK FUTURE
Barulho também é cultura
70 CINEMA
Malu Mader vem aí
75 EM CARTAZ
Barfly, *O Rei da Paquera*, *Presente de Grego*
78 LETRAS
"Totally Nude", dos Talking Heads
80 MEU INSTRUMENTO
Biba Meira, uma agitada baterista nos Pampas
82 AIR MAIL
Direto de Los Angeles e Londres
85 AO VIVO
Frank Zappa, James Brown, Robert Plant, Olodum, Toy Dolls, Midnight Oil, Exumer, Guelo
92 DISCOTECA BÁSICA
Live at the Apollo, de James Brown
94 CARTAS E SERVIÇOS

Plant não quer mais saber das neuras de sua geração e, recarregado, conta da pá de terra sobre o passado e das novas perspectivas



Simon Fowler/LFI

Fotos de capa: G. de Boisat/LFI e Ebet Roberts/LFI

MONTREUX 88

Titãs: hoje Montreux, amanhã o mundo

Já está escalada a nossa seleção para mais uma edição do Festival de Jazz de Montreux, em julho próximo. Na tradicionalmente bem disputada (pelo público) Noite Brasileira (no dia 2) irão se apresentar **Martinho da Vila, Alcione, Rita & Roberto** e **Luiu Santos.** Os **Titãs** tocarão na Noite de Rock, no dia 8 (ao fechamento dessa edição, ainda não tínhamos os nomes das outras bandas de rock que também estarão no evento). É a primeira vez na história do Festival que uma banda brasileira toca na Noite de Rock.

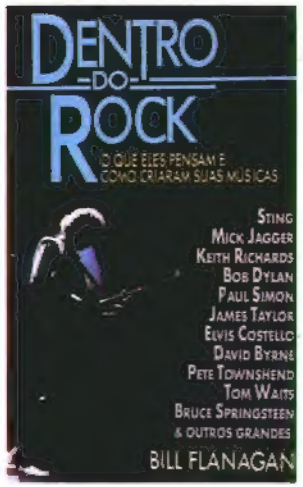
Gilberto Maia

A VOLTA DO VAN HALEN

Van Halen: em forma com disco novo

Saiu o novo LP do **Van Halen**: *OU812* (que quer dizer *'Oh, you ate one too'* — Oh, você também comeu um!). Tradicionalmente bons vendedores de disco, os rapazes voltam saudáveis e recuperados, principalmente **Eddie Van Halen**, que largou o álcool depois de estar internado por uns tempos na clínica Betty Ford, no ano passado.

Ann Summa/LFI



OBRAS ILUSTRES

Taí uma grande pedida para quem quer estar um pouco mais por dentro da evolução do rock'n'roll: é *Dentro do Rock*, o livro lançado agora pela Marco Zero, com tradução de Márcia Serra. O autor é o ex-repórter da *Rolling Stone* e atual editor da *Musician* **Bill Flanagan.** Através de entrevistas com alguns dos grandes protagonistas da história do rock (**Carl Perkins, Willie Dixon, Chuck Berry, Bob Dylan, Neil Young, Mick Jagger, Keith Richards, Pete Towshend, Elvis Costello, Lou Reed, David Byrne, Tom Waits, Bono, Mark Knopfler,** entre outros), o autor nos proporciona uma boa análise da cultura contemporânea.

The Angel of Death in the Adonis Lounge é a coletânea de poemas de **Marc Almond** (ex-Soft Cell) que acaba de ser lançada na Inglaterra pela editora GMP.

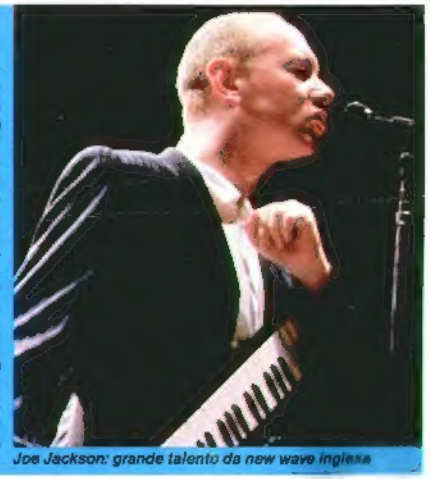
O SGT. PEPPER'S DA *NME*

A *New Musical Express* lançou a compilação *Sgt. Pepper Knew My Father*, com todas as músicas do antológico *Sgt. Pepper's...* dos **Beatles**, em versões de artistas contemporâneos e das mais variadas tendências. Vejam só quem fez o quê: "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band" — **The Three Wize Man** (grupo de hip hop); "With a Little Help from My Friends" — **Wet Wet Wet** (jovem quarteto pop inglês); "Lucy in the Sky with Diamonds" — **The Christians;** "Getting Better" — **Wedding Present;** "Fixing a Hole" — **Hue and Cry;** "She's Leaving Home" — **Billy Bragg.** "Being for the Benefit of Mr. Kite" — **Frank Sidebottom;** "With in You without You" — **Sonic Youth** (oooooobaaaa!); "When I'm Sixty-Four" — **The Courtney Pine Quartet** (jazz inglês); "Lovely Rita" — **Michelle Shocked;** "Good Morning, Good Morning" — **The Triffids;** "A Day in the Life" — **The Fall** (!!!). O que entrar com as vendas do LP e do cassete será encaminhado ao Childline, um serviço telefônico de auxílio a crianças vítimas da violência adulta. Até há poucos meses, o disco só era obtido pelo correio. Agora está nas lojas (por enquanto só na Inglaterra) e vai muito bem nas paradas.

NOVIDADES NO VINIL

Chama-se *Live at the National* o último LP dos **Smiths** pela Rough Trade. Foi gravado ao vivo em outubro de 87 no bairro londrino de Kilburn ⊗ **Joe Jackson** está de volta com o LP duplo *Live 1980/86*, que junta as melhores gravações feitas ao vivo nos últimos sete anos ⊗ O terceiro LP do **Big Audio Dynamite** já está nas lojas (que chato, por enquanto é só lá fora): é o *Dread Astaire* ⊗ *The Pictorial Jackson Review* é o nome do novo LP do **Felt** ⊗ Já está pronto o LP de estréia do **World Domination Enterprises.** É o *Let's Play Domination*, que teve a produção de **Dave Allen** (produtor de alguns LPs do Cure) ⊗ **Neil Young** volta à carga com um disco de blues, o *This Note's for You.* O velho fã de Ronald Reagan é acompanhado pela sua nova banda, The Blue Notes.

Peter Mazel/LFI



Joe Jackson: grande talento da new wave inglesa

MUDANÇAS NO CULT

The Cult, pouco antes do pau...

Depois de tantos boatos de que o **Cult** teria acabado, finalmente apareceu uma luz esclarecedora. Há alguns meses eles estavam excursionando como quinteto, já que incluíram o baixista **Kid Chaos** (ex-Zodiac Mindwarp & the Love Reaction) na formação. Em meio a um curto período de férias na Califórnia, estourou uma briga com o baterista **Les Warner.** Ele acabou saindo e parece que está pensando em processar o grupo (sabe-se lá por quê). Aproveitando o embalo, Kid Chaos também saiu para entrar no **Four Horsemen,** grupo novo que vai gravar pela Def Jam de Nova York, com produção de **Rick Rubin** (Beastie Boys, Cult). **Jamie Stewart** (que estava tocando guitarra base) voltou ao baixo e até o fechamento desta edição eles ainda não tinham achado o novo baterista. Pelo menos é certo que o grupo não acabou.

Ross Marinov/LFI

CURTAS E GROSSAS

Para incrementar a entrada do **New Order** no mercado americano, a Factory chamou nada mais nada menos que **Quincy Jones** (que produziu os três últimos LPs de Michael Jackson) para "dar um trato" em "Blue Monday", bem ao gosto do freguês. O single remixado já está à venda nos EUA e Inglaterra • **Kevin Rowland,** líder/cantor dos Dexys Midnight Runners (os três LPs do grupo foram lançados aqui) está de volta (depois de três anos parado) para lançar seu primeiro LP solo: *The Wanderer* (produzido por nosso conterrâneo **Deodato**) • **O cantor Dee Snider** saiu dos **Twisted Sisters** para se dedicar a um projeto solo • Numa edição passada falamos que o trio **Stock, Aitken & Waterman** tinha produzido o novo LP do **Judas Priest,** *Ram It Down.* Apesar de amplamente noticiado na imprensa estrangeira, isso não corresponde à verdade. Eles trabalharam juntos num estúdio em Paris, mas as quatro músicas que gravaram *não* entraram no LP. E, pasmem, uma delas é uma versão de "You Are Everything", clássico do soul imortalizado por Diana Ross e Marvin Gaye.

Dee Snider: um novo Ozzy Osbourne?

OUÇA ESSA

"O New Order e nós queríamos excursionar juntos. Achamos que poderíamos precisar de alguns cabeleireiros conosco."

Ian McCulloch, do **Echo & the Bunnymen,** explicando por que fizeram uma turnê pelos EUA com o New Order e o Gene Loves Jezebel.

INFINITA PICARETAGEM

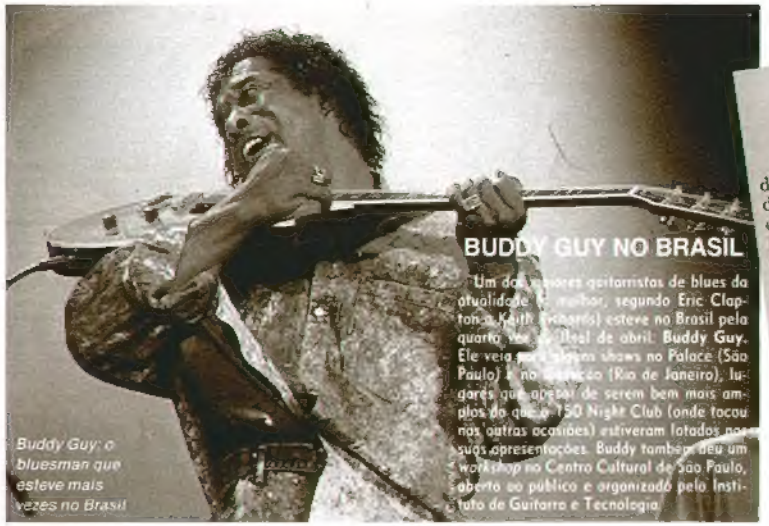
Segue denúncia dos Engenheiros do Hawaii enviado à redação de BIZZ:

"Mais do que ninguém os **Engenheiros do Hawaii** ficaram surpresos ao escutar no rádio um mix (mais para caricatura) de uma música chamada 'Infinita Highway', que por acaso é de sua autoria. A 'reinterpretação' é fruto de uma certa política de 'facilitar (leia-se vaselinar) as coisas para o ouvido médio', que reina em alguns setores que controlam a música feita e ouvida no Brasil e que já fez outras vítimas além do trio gaúcho. A banda deixa bem claro que a versão não faz parte de seu repertório, que seus integrantes não participaram do tal 'remix' e que este chegou em suas mãos e foi vetado (pela grupo) para execução radiofônica ou venda. Aliás, a versão original da música se encontra apenas num disco de capa amarela chamado *A Revolta dos Dândis* e toca super bem (sem vaselina) nas FMs de todo país. O que prova que os tais 'ouvidos médios' estão bem acima da média dos que planejam estratégias".

Engenheiros: denunciando a "estratégia" da RCA

A MORTE DE LINDA BATISTA

Ela morreu aos 69 anos, num hospital do Rio de Janeiro, devido a problemas pulmonares. **Linda Batista** (nascida Florinda Grandino de Oliveira, em São Paulo) foi uma das grandes cantoras da fase áurea do rádio carioca, nas décadas de 30, 40 e 50 (manteve o título de "Rainha do Rádio" de 37 a 48). Além de ter consagrado clássicos da MPB como "Risque" (Ary Barroso), "Vingança" e "Nunca" (ambas de Lupicínio Rodrigues), imortalizou pelo menos dois sucessos carnavalescos: "Clube dos Barrigudos" (Cristóvão de Alencar e Haroldo Lobo — 44) e "Nega Maluca" (Fernando Lobo e Evaldo Reis — 50). Ela cantou nos cassinos mais famosos da época e ainda em 15 filmes — a maioria chanchadas. No auge da popularidade, teve coleções de jóias, imóveis, carros (até importados) e amigos ilustres (como Getúlio Vargas e Orson Welles). Com o fechamento dos cassinos e a popularização da TV, fecharam-se as portas para a cantora e ela caiu no esquecimento. Morreu só e muito doente, mesmo tendo influenciado várias gerações de cantoras nacionais (entre elas, Ângela Maria e Elis Regina).



Buddy Guy: o bluesman que esteve mais vezes no Brasil

BUDDY GUY NO BRASIL

Um dos maiores guitarristas de blues da atualidade (e, melhor, segundo Eric Clapton e Keith Richards) esteve no Brasil pela quarta vez em abril: **Buddy Guy**. Ele veio para quatro shows no Palace (São Paulo) e no Canecão (Rio de Janeiro), lugares que apesar de serem bem mais amplos do que o 150 Night Club (onde tocou nas outras ocasiões) estiveram lotados nas suas apresentações. Buddy também deu um workshop no Centro Cultural de São Paulo, aberto ao público e organizado pelo Instituto de Guitarra e Tecnologia.

A MORTE DE DAVE PRATER

Ele foi o Dave da legendária dupla de soul **Sam & Dave**, que na década de 60 pertencia ao cast da Stax e emplacou sucessos como "Soul Man", "When Something Is Wrong with My Baby", "I Thank You", "Hold on! I'm a Comin'" e "You Got Me Hummin'". Nos anos 70, com o fim do grupo (dizem que Sam não gostou quando Dave atirou na própria esposa), Prater sumiu de cena até aparecer novamente nas colunas policiais, neste ano: teve o azar de tentar vender crack para um policial disfarçado. Prater morreu aos 50 anos num acidente de automóvel, no dia 9 de abril.

Em 73 os **Stooges** deram um show em Detroit que deu muito pano pra manga. Houve arruaça, briga, enfim, tudo o que a adrenalina de **Iggy Pop** pode provocar ao vivo. Em 76 saiu o semipirata *Metallic K.O.* com os melhores momentos do concerto, e agora, finalmente, foi lançado o *Metallic 2x K.O.*, LP duplo com o show na íntegra ⊗ Depois de oito anos sem gravar, o cantor/guitarrista **Boz Scaggs** volta ao vinil com *Other Road* ⊗ Os **Ohio Players** — que também estiveram afastados por oito anos — voltaram com o LP *Back* ⊗ **John Anderson** (a voz fina do Yes) lançou mais um LP solo: *In the City of the Angels* ⊗ Enfim, o novo LP de estúdio dos **Scorpions:** *Savage Amusement*. É mais uma produção do alemão **Dieter Dierks** ⊗ **The Jesus & Mary Chain** lançou a compilação *Barbed Wire Kisses (B-Sides and More)*. Reúne lados B de compactos, singles e duas faixas inéditas gravadas nas sessões do LP *Darklands*.

NOVIDADES NO VINIL II

Bomba! Logo mais Iggy Pop virá ao Brasil!

Borghetinho: gaita ponto no jazz

IV FREE JAZZ FESTIVAL

Até o fechamento desta edição, já estavam confirmados boa parte dos participantes da quarta edição do Free Jazz Festival. O elenco nacional será formado pelas bandas **Cama de Gato** e **Zil**, a dupla **Gilson Peranzetta** (teclados) e **Sebastião Tapajós** (violão), a **Orquestra da Música Brasileira**, **Almir Sater** (violeiro mato-grossense), **Oscar Castro Neves** (que será homenageado no festival), **Altamiro Carrilho** (veterano expert em flautas transversais), **Borghetinho** (o astro da gaita ponto) e as bandas de **Nico Assumpção, Antonio Adolfo, Pixinga** e **Raul Mascarenhas**. As atrações internacionais confirmadas são **Miles Davis**, o **Modern Jazz Quartet, Stephane Grapelli** (violinista francês que deverá ser acompanhado pelo violonista **Baden Powell**) e a banda de fusion **Yellow Jackets**. O festival vai rolar a partir do dia 30 de agosto no Hotel Nacional (Rio) e depois no Anhembi (São Paulo).

A GAROTA QUENTE

Lisa Bonet: ela tem seus atributos

Lisa Bonet pode ser vista na TV brasileira, todas as sextas no Bill Cosby Show pela Rede Bandeirantes. Também foi vista no ano passado nos cinemas, contracenando com Mickey Rourke em *Coração Satânico*, dirigido por Alan Parker. E não é que essa fantástica pós-ninfeta foi capa da *Rolling Stone* de maio, numa edição especial com as personalidades, lugares e coisas "quentes" do momento. E ela diz: "Oh, yeah — quente também é alguém que tem belos lábios"...

Sepultura: prestes a gravar e excursionar nos EUA

SAINDO DA COVA

Mais notícias sobre o **Sepultura**, a nossa banda de thrash que está se preparando para assolar os EUA. Depois de receberem cinco propostas de selos internacionais para a gravação do próximo LP — entre eles a CBS americana — eles optaram pela Road Runner, a primeira do **Metallica** e atual do **Anthrax, Testament, Nuclear Assault...** Em julho eles embarcam para Nova York para gravação do vinil, com provável produção de **Alex Perialas**, produtor do Anthrax, e, em janeiro, iniciam uma excursão americana, incluída no contrato assinado pela Road Runner.

A MORTE DE BROOK BENTON

O cantor/compositor americano **Brook Benton** morreu de pneumonia em Nova York, aos 56 anos de idade. Ele foi o autor de sucessos de soul como "Fools Rush In", "Kiddio", "It's a Matter of Time", "Endlessly" e "So Many Ways", todos da década de 60. Em 70 ele gravou "Rainy Night in Georgia" (de Tony Joe White), seu maior sucesso como intérprete. Também teve êxito com os duetos que fez com **Dinah Washington**, principalmente "Baby (You've Got What It Takes)" e "Rockin' Good Way".

CURTAS E GROSSAS II

Doobie Brothers: nova (?!?) formação

● O baterista **Bill Bruford** montou uma banda com seu ex-colega dos tempos de **Yes**, o guitarrista **Steve Howe**. Já estão em estúdio gravando ● Os **Doobie Brothers** voltaram com três integrantes originais: os guitarristas/compositores **Tom Johnston** e **Pat Simmons** e o batera **John Hartman. Tiran Porter** (baixo) e **Michael Hossack** (bateria), outros veteranos dos Doobies, também estão na jogada. Em breve sai um LP ● Aquele grupo com **Stanley Clarke, Stewart Copeland, Andy Summers** e **Debra Holland**, que esteve aqui no início do ano, já não se chama mais **Rush Hour**. Agora é **Animal Logic** ● Imaginem uma banda com um ex-Einstürzende Neubauten, um ex-D.A.F., um dos Bad Seedes de Nick Cave e mais três músicos emergentes do pop industrial europeu. Todos são velhos conhecidos de bares berlinenses e estão na nova formação do **Crime & the City Solution** (respectivamente os multiinstrumentistas **Alexander Hacke, Chris Haas** e **Mick Harvey**, o baterista **Thomas Stern**, o cantor **Simon Bonney** e letrista/violinista **Brownwyn Adams**).

NOVIDADES NO VINIL III

Outrider é o nome do primeiro LP solo (sem considerar a trilha sonora de *Desejo de Matar II*) de **Jimmy Page**, que tem vocais de **Robert Plant** e **Chris Farlowe** (ex-Atomic Rooster), entre outros ⊗ Finalmente está pronto o aguardado (e demorado) novo LP de **Patti Smith**. A previsão é de que o LP, *Dream of Life*, chegue às lojas americanas no dia 27 de junho ⊗ **The Who**, comemorando seus 25 anos de existência, lançou a coletânea *Who's Better Who's Best* ⊗ O **Killing Joke** está de volta com o LP *Outside the Gate* ⊗ **Mantronix**, duo de ases do hip hop, lançou o terceiro LP: *In Full Effect* ⊗ *The Toughest* é o título da coletânea com *the best of* **Peter Tosh**, segundo os critérios do ex-editor da *NME*, **Neil Spencer**.

Mantronix: em breve o LP sai aqui

O SELO DE STING

Sting: selo para "fugir de fórmulas"

Animado pela possibilidade de incentivar a miscigenação de gêneros e formas musicais e de "oferecer oportunidade a quem não é Madonna ou Tiffany e foge das fórmulas", **Sting** fundou, com o empresário (e dono da gravadora I.R.S.) **Miles Copeland** e a executiva (da CBS) **Christine Reed**, o selo Panganea Records. Os primeiros lançamentos já saíram: uma coletânea de afro-blues chamada *Conjure: Music for the Texts of Ishmael Reed*, com trabalhos de **Allen Toussaint**, **Taj Mahal**, **David Murray**, **Carla Bley** e **Lester Bowie**, e discos individuais de **Astor Piazzolla** e **Kip Hanrahan**. Logo mais estarão nas lojas discos do saxofonista **Steve Coleman**, do guitarrista **Fareed Haque**, e ainda uma versão de *A História do Soldado*, de **Igor Stravinsky**, com narração de **Sting**, **Vanessa Redgrave** e do ator shakespeariano **Ian McKellan**.

Frederico Mendes

CURTAS E GROSSAS III

Sonny & Cher (plamesmo!): sucesso nos anos 60

Sonny Bono (parceiro de Cher na década de 60 — lembram de Sonny & Cher?) é o novo prefeito de Palm Springs, conhecido balneário californiano • Uma gravação inédita feita em 70, de um poema escrito e declamado por **Jim Morrison**, está entre as atrações do LP beneficente *Requiem for the Masses*. O disco — cujos lucros de venda vão para o Save the Children Fund (Fundo Salvem as Crianças) — tem trabalhos de **Stewart Copeland**, **Jon Anderson**, **Billy Idol**, **Susanna Hoffs** (das Bangles) e **Patti Scialfa** (da E. Street Band de Bruce Springsteen) • O novo baterista do **Ace Frehley's Comet** é **Jamie Oldaker**, que tocava na banda de Eric Clapton • Depois de revisitar clássicos do funk ("Sex Machine", de James Brown) e da surf music ("Wipe Out", dos Surfaris), os **Fat Boys** agora atacam de twist. Eles gravaram "The Twist", de **Hank Ballard**, com participação do "rei do twist" **Chubby Checker**.

OUÇA ESSA II

"Rock'n'roll é uma licença para ser irresponsável e ainda pago por isso"

Bruce Dickinson, cantor do **Iron Maiden**

ESPECIAIS DE BIZZ

Nas bancas, mais dois especiais de BIZZ de dar água na boca: Revista Poster do **Led Zeppelin** (com história e discografia completas, fotos sensacionais) e As Melhores Entrevistas de BIZZ, com as exclusivas de **Duran Duran**, **Smiths**, **Cure**, **RPM**, **Madonna**, **U2**, **Titãs**, **Sting** e muito mais!

OBRAS ILUSTRES II

Foram quase 18 meses de pesquisa de campo nos cerca de 600 bailes funk que divertem mais de um milhão de pessoas a cada fim de semana no Rio de Janeiro. Essa *via crucis* de **Hermano Vianna** (colaborador de BIZZ) acabou rendendo sua tese de mestrado em antropologia social pelo Museu Nacional da UFRJ e também o livro (adaptado pelo autor) *O Mundo Funk Carioca*, editado há pouco pela Zahar. As fotos são de Guilherme Bastos.

The Wild One: The True Story of Iggy Pop, de **Per Nilsen** e **Dorothy Sherman**, é a nova biografia de iguana, altamente recomendada pela *NME* ("este é um must para fãs velhos e novos"), que diz que só as fotos já valem o livro. É um lançamento da editora inglesa Omnibus Press.

ROCK'N'CINE

Quincy Jones e **Robert De Niro** vão produzir e dirigir um filme juntos (!!). Eles querem filmar a vida de **Ruth Elting**, cantora americana dos anos 20 (*Sorry*, mas nós aqui nunca ouvimos falar nela). Para o papel principal, cogita-se **Whitney Houston**.

Depois de *True Stories*, vem aí o segundo longa-metragem dirigido por **David Byrne**. O roteiro é baseado na lenda mesopotâmica de Gilgamesh e a produção é de **Wim Wenders** (já viram que a coisa toda promete). O título será *The Forest* (A Floresta).

Joe Strummer fez a trilha de *Permanent Record*, primeiro longa de **Marissa Silver**, rodado em L.A. (**Lou Reed** faz uma ponta). Como na trilha de *Walker* (lançada no Brasil há pouco pela BMG Ariola), Strummer é acompanhado pelo guitarrista **Zander Schloss** (ex-Circle Jerks) e vários músicos de estúdio da costa oeste americana.

Vem aí o novo filme de **Eddie Murphy**, *Coming to America*. A trilha é de **Nile Rodgers**.

NEPAL COLOURS

SIDE WALK

© Marcio Scavone

VERMELHO NEPAL
LARANJA SADHU
MARROM TERRACOTA
AMARELO CURRY
VINHO KATHMANDU
BRANCO TIBET
E MAIS 7 CORES

CAMISETAS
VELUDOS
MOLETONS
POLOS

SMETAK NEGRO?

Sem comparações, *brother*, mas o baiano **Bira Reis**, 33 anos, pesquisador musical, instrumentista e estudante de Arquitetura, também criou inúmeros e fascinantes instrumentos de percussão, como o "Conspirador Aquariano", "Dinheiro", "Ogum" e "Lira dos Delírios". Tudo começou quando ele viajou para Alagoas e se entusiasmou com pífanos e tabocas. De lá pra cá rolaram uma exposição coletiva no Museu de Arte da Bahia, restauração do acervo de instrumentos criados pelo pesquisador Walter Smetak, participação na sonoplastia do filme *Quilombo* (de Cacá Diegues), show no subsolo do Mercado Modelo e participação (tocando sax) nos concertos que o Bloco Olodum andou dando no sul do país. Bira viaja agora na sua oficina de investigação musical, onde acontecem shows e aulas. E ainda sobra tempo para a fera curtir seu trabalho à frente do grupo Ilu Batá, pesquisando os sons da Mama África.

Hagamenon Brito, de Salvador

Bira Reis

Amir Brihante

PERDÃO, ERRAMOS

Em relação à nota sobre a morte de **Divine**, publicada no último Showbizz: ela pode ser vista *sim* no Brasil, e em vídeo. Foi lançado já há alguns meses pela Polevídeo o filme *A Louca Corrida do Ouro (Lust in the Dust)*, de **Paul Bartel**, com Divine e **Tab Hunter**.

Ainda no mesmo Showbizz: **Gil Evans** tocou no III Free Jazz Festival, e não no II, como está dito na nota sobre sua morte.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Estúdios meio vazios, tanto quanto os bolsos dos brasileiros. Qualquer coincidência é mera semelhança. A PolyGram coloca **Erasmo Carlos** e **Juba e Lula** (a dupla da *Armação Ilimitada*). A RCA entra com **Lobão** e só. Na Odeon estão **Plebe Rude, Egberto Gismonti** e **Nana Caymmi**. Na WEA, **Conexão Japeri, Gueto** e, ainda, os **Heróis da Resistência**, mas em Los Angeles.

NOTÍCIAS DA CAVERNA

Nick Cave nunca esteve tão ativo como em 88. Lançou um single ("The Mercy Seat"), um romance (*And the Ass Saw the Angel*), uma coletânea de textos (*King Ink*), excursionou pela Europa com os **Bad Seeds** (fazendo shows de mais de duas horas) e está entrando de sola no cinema, como co-roteirista e protagonista do filme *Ghost of the Civil Dead*, dirigido por **Evan English** e rodado na Austrália. E tem mais: vem aí o 5.º LP de Nick Cave & the Bad Seeds...

NOVIDADES NO VINIL IV

Rúben Blades, o rei da salsa

To the Power of Three é o LP de estréia do grupo **3**, o novo projeto de **Keith Emerson**. Na bateria está o velho colega **Carl Palmer**, e nos vocais e guitarra está um tal de **Robert Berry** ⊗ Vem aí o novo LP do **Anthrax**, chamado *State of Euphoria* ⊗ Finalmente saiu o novo LP do **Pere Ubu**. É o *Tenement Years*, lançado pela Phonogram (o que significa que pode ser lançado aqui pela PolyGram?!) ⊗ O cantor/compositor/*band leader* panamenho **Rúben Blades** (astro de salsa que contracena com Sônia Braga em *The Milagro Beanfield War*, de Robert Redford) lançou seu primeiro LP totalmente cantado em inglês. Chama-se *Nothing But the Truth*, e tem participações de **Sting, Elvis Costello** e **Lou Reed** ⊗ **Art Garfunkel** (ex-parceiro de Paul Simon) está de volta com mais um LP solo: *Lefty*.

Lissandro Carmo Bigia

D'Arby: o bom filho à casa torna

Orf Gschwitfeina

CURTAS E GROSSAS IV

Mal **Terence Trent D'Arby** chegou nos EUA para sua primeira excursão na terra natal, seu LP *Introducing the Hardline According to...* chegou ao posto n.º 1 das paradas locais. Ele definitivamente já conquistou a América ● **David Ruffin**, ex-líder dos Temptations, pode ser condenado a até quatro anos de prisão por posse de cocaína. Ele dançou numa blitz realizada numa casa em Detroit, em julho do ano passado, quando estava lá com uma turma que guardava pouco menos de 50 gramas de pó ● O **U2** vai gravar um disco só com clássicos da música folk irlandesa. Escolheram um estúdio bem apropriado para esta tarefa: o Sun Studio de Memphis, onde **Elvis Presley** fez boa parte de suas melhores gravações ● O guitarrista brasileiro **Heitor T.P.** (que teve seu LP de estréia lançado há pouco pela Odeon) foi convidado para tocar em todas as faixas do próximo LP do **Simply Red**.

R.F. 14 anos. Descobriu o vício com a professora.

Foi num dia desses, durante uma aula. No começo, ele pensou que era mais uma obrigação para passar de ano. Até que começou a leitura. Uma, duas, dez páginas, um livro inteiro...
E aí vieram muitos outros, sem que ninguém pedisse. Era pura vontade, mesmo. Hoje, assim como ele, existem milhares de jovens que têm, na leitura, um prazer. Lendo, eles vivem as aventuras mais emocionantes, as paixões mais envolventes, conhecem os lugares mais exóticos e diferentes.
Uma autêntica viagem, que só quem lê pode fazer. Então, o que você está esperando?
Você também pode viajar. É só querer se deixar levar pelos livros. Um vício que só faz bem.

LIVRO. A VIAGEM QUE SÓ FAZ BEM.

Leia mais. Tire a vida de letra.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE FABRICANTES DE PAPEL E CELULOSE

Apoio de: • Sindicato Nacional dos Editores de Livros • Associação Nacional de Livrarias • Associação Brasileira de Difusão de Livros em Coleções • Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose • Colaboração: Lasercrom - Fotolito

Agnelo Pacheco

UNITED FASHIONS OF BENETTON
012
benetton
012
benetton

Rosa Marina/LF1

Música para as massas: o Depeche Mode entra na Parada

Parada do Leitor (LPs)

1 (1) *Que País É Este — 1978/1987* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
2 (2) *Jesus Não Tem Dentes no País dos Bangüelas* — **Titãs** (WEA)
3 (4) *Scoundrel Days* — **A-ha** (WEA)
4 (7) *The Joshua Tree* — **U2** (WEA)
5 (5) *...Nothing Like the Sun* — **Sting** (PolyGram)
(N) *Music for the Masses* — **Depeche Mode** (RCA)
7 (3) *Independência* — **Capital Inicial** (PolyGram)
(9) *Darklands* — **Jesus & Mary Chain** (WEA)
9 (R) *A Revolta dos Dândis* — **Engenheiros do Hawaii** (Plug)
(R) *Carne Humana* — **Zero** (EMI-Odeon)
11 (R) *Virgem* — **Marina** (PolyGram)
(R) *A Momentary Lapse of Reason* — **Pink Floyd** (CBS)
13 (9) *Solitude Standing* — **Suzanne Vega** (PolyGram)
(5) *Who's That Girl?* — **Trilha Sonora — Vários** (WEA)
15 (N) *Quatro Coiotes* — **RPM** (CBS)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês.
Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (1) *Dirty Dancing* — **Trilha Sonora — Vários** (RCA)
2 (4) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
3 (2) *Faith* — **George Michael** (Columbia)
4 (3) *Kick* — **INXS** (Atlantic)
5 (5) *Tiffany* — **Tiffany** (MCA)
6 (N) *Now and Zen* — **Robert Plant** (EsParanza)
7 (N) *More Dirty Dancing* — **Trilha Sonora — Vários** (RCA)
8 (R) *Introducing the Hardline...* — **Terence Trent D'Arby** (CBS)
9 (6) *Skyscraper* — **David Lee Roth** (Warner Bros.)
10 (7) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)

Compactos (EUA)

1 (10) "Get Outta My Dreams, Get Into My Car" — **Billy Ocean** (Jive)
2 (N) "Devil Inside" — **INXS** (Atlantic)
3 (5) "Man in the Mirror" — **Michael Jackson** (Epic)
4 (N) "Where Do Broken Hearts Go" — **Whitney Houston** (Arista)
5 (N) "Wishing Well" — **Terence Trent D'Arby** (Columbia)
6 (N) "Girlfriend" — **Pebbles** (MCA)
7 (1) "Never Gonna Give You up" — **Rick Astley** (RCA)
8 (N) "Rocket 2 U" — **Jets** (MCA)
9 (4) "Endless Summer Nights" — **Richard Marx** (EMI-Manhattan)
10 (N) "Angel" — **Aerosmith** (Geffen)

LPs (GB)

1 (N) *Now That's What I Call Music 11* — **Vários** (Virgin)
2 (9) *The Best of OMD* — **OMD** (Virgin)
3 (N) *Viva Hate* — **Morrissey** (HMV)
4 (3) *Popped in Souled Out* — **Wet Wet Wet** (Precious)
5 (N) *Push* — **Bros** (CBS)
6 (N) *Naked* — **Talking Heads** (EMI)
7 (N) *Live in Europe* — **Tina Turner** (Capitol)
8 (N) *From Langley Park to Memphis* — **Prefab Sprout** (Kitchenware)
9 (N) *Distant Thunder* — **Aswad** (Mango)
10 (N) *Lovely* — **Primitives** (RCA)

Compactos (GB)

1 (N) "Drop the Boy" — **Bros** (CBS)
2 (N) "Don't Turn Around" — **Aswad** (Mango)
3 (N) "Heart" — **Pet Shop Boys** (Parlophone)
4 (N) "Could've Been" — **Tiffany** (MCA)
5 (N) "Can I Play with Madness" — **Iron Maiden** (EMI)
6 (N) "Love Changes Everything" — **Climie Fisher** (EMI)
7 (N) "Cross My Broken Heart" — **Snitta** (Fanfare)
8 (N) "Stay on These Roads" — **A-ha** (Warner Bros.)
9 (N) "Everywhere" — **Fleetwood Mac** (Warner Bros.)
10 (N) "These Dreams" — **Heart** (Capitol)

LPs Independentes (GB)

1 (N) *Surfer Rosa* — **Pixies** (4AD)
2 (N) *House Tornado* — **Throwing Muses** (4AD)
3 (2) *George Best* — **Wedding Present** (Reception)
4 (3) *Le Mystère des Voix Bulgares* — **Volume 2 — Vários** (4AD)
5 (1) *Woodenfoot Cops on the Highway* — **Woodentops** (Rough Trade)
6 (N) *Dustbowl* — **Head of David** (Blast First)
7 (N) *Rough Edges* — **Guana Batz** (ID)
8 (N) *The Only Good Punk... Is a Dead One* — **Electro Hippies** (Peaceville)
9 (N) *Tackhead Tape Time* — **Tackhead** (Network)
10 (R) *The Circus* — **Erasure** (Mute)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) "Shimmer" — **Flatmates** (Subway)
2 (2) "Nobody's Twisting Your Arm" — **Wedding Present** (Reception)
3 (5) "Ship of Fools" — **Erasure** (Mute)
4 (7) "Majestic Head" — **Soup Dragons** (Raw TV)
5 (1) "Deus" — **Sugarcubes** (One Little Indian)
6 (N) "Shame on You" — **Darling Buds** (Native)
7 (N) "S. Express" — **S.Express** (Rhythm King)
8 (1) "Beat Dis" — **Bomb the Bass** (Rhythm King)
9 (N) "Nothing Wrong" — **Red Lorry Yellow Lorry** (Situation Two)
10 (3) "Doctor in the House" — **Cold Cut** (Ahead of Our Time)

Fonte: *Cash Box* e *Billboard* (EUA); *New Musical Express* e *Melody Maker* (GB); de 2 a 30/04/88. *Para a Parada do Leitor*: foram consideradas as cartas recebidas até 30/04/88.

Só Ouço O Que Me Toca.

Antever as transformações é a melhor forma de estabelecer contato com cabeças pensantes.
"FM 97", a única que toca o que você quer ouvir.

PROGRAMAS ESPECIAIS DA 97:

- Anti-kaos
(de 2ª a 6ª feira, das 7:00 às 9:00h)
- Horário da Ave-Maria
(de 2ª a 5ª feira, às 18:00h)
- Surf Express
(6ª feira, às 18:00h)
- Sinergia
(4ª feira, às 23:00h)
Apresentação: Valdir Montanari
- Reinação
(5ª feira, às 22:00h)
Apresentação: Leopoldo Rey
- Motosport
(6ª feira, às 20:00h)
Apresentação: Celso Miranda
- Especial 97
(Quinzenal/Sábado, às 16:00h)
- Fuck Off
(Domingo, às 15:00h / Speed Metal)
- Over Shock
(Domingo, às 16:00h / Heavy Metal)
- Scrach
(Domingo, às 18:00h / Rock dos anos 80)

FM 97
97.7 MHz
Cinco Anos de Rock'n'Roll

RPM (CBS)

Na capa, uma banda com visual mais escrachado em uma precária iluminação de fim de tarde (ou seria a alvorada em L.A.?). Na mixagem, a voz de Paulo Ricardo, antes tonitroante, soa mais ao fundo (a ponto de não se entender a letra de "Quatro Coiotes", aberta com um vozerio indistinto, à la "Sgt. Peppers"). Intencionalmente, o RPM tenta se afastar dos *spots* fáceis do pop, aprofundando uma viagem banhada de progressivo (tem Genesis e Gentle Giant como referência em várias passagens) e de baladas pop. E consegue. Os arranjos são muito mais bem elaborados, a produção é de longe mais cuidadosa que nos dois LPs anteriores. Mas as letras são pobres, por vezes até bisonhas (como em "Ponto de Fuga"), com exceção do belo verso "tão sestrosa outrora a vida passa já senhora", em "O Teu Futuro Espelha Essa Grandeza...", onde o malandro Bezerra da Silva aparece meio sumido perto de PR, meio subaproveitado. Fica a impressão de que, entre a megailuminação dos primeiros LPs e o *soft spot* deste, o RPM conseguiu criar uma expectativa — a do próximo disco. Porque este é, obviamente, um disco de transição. O quarto LP, este sim, poderá ser *O* disco.

José Eduardo Mendonça

IN MY TRIBE — 10,000 Maniacs (WEA)

Para quem nos anos 60/70 ouviu a desbundada geração do folk-rock britânico (Steeleye Span, Fairport Convention, Pentagle), a sonoridade deste quinteto americano — formado em Jamestown, uma comunidade rural próxima a Manhattan, ainda em 82 — neste seu terceiro LP será uma boa surpresa, pois *In My Tribe é*, sem dúvida, uma obra-prima. O que faz com que os Maniacs cheguem a tal graduação qualitativa é o fato de apresentarem em suas doze canções não apenas uma original retomada da linguagem mencionada mas também a sua fusão com outras tendências como o reggae, o calipso e o mambo. O resultado singulariza-se pela sua criatividade, entrecortada pela expressiva voz de Natalie Merchant, também autora dos versos que iluminam cada canção. *F.N.*

CALENTURE — The Triffids (WEA)

O título deste quinto LP dos Triffids (o segundo lançado no Brasil) é muito sugestivo: significa um delírio tropical que acomete os marinheiros que passam muito tempo longe da terra firme, fazendo-os pular em alto-mar, imaginando que se trata de uma praia. Ele traduz perfeitamente o clima alucinatório que permeia as composições de David McComb, vocalista e líder desta banda, oriunda da cidadezinha australiana de Perth, que, apesar de radicada em Londres, segue integralmente a cartilha do rock americano, dos Byrds ao R.E.M., passando por Jim Morrison e Tom Verlaine. Mas McComb, respaldado por estas respeitáveis influências, apenas insinua insanidade em baladas pungentes como "Bury Me Deep in Love" e "Blinded by the Hour"; deixa implícita a loucura em rocks melodiosos como "Holy Water", "Kelly's Blues" e "Hometown Farewell Kiss". A Austrália, que gerou o pique demencial do Birthday Party, as tramas de *samplers* do Severed Heads e o experimentalismo industrial do SPK, também tem pop de primeira linha: The Triffids. *C.P.*

WHENEVER YOU NEED SOMEBODY — Rick Astley (RCA)

Um disco de difícil abordagem. Não há nada mais trabalhoso do que escrever sobre quase nada. O jovem barítono inglês tem voz forte e timbre batatudo. Funcionaria bem num *pub*. Como astro, deixa a desejar. As dez popices *sub-duran duran* que ele interpreta são de sua autoria e do trio de produtores Stock, Aitken e Waterman, os reis da brega-chique britânica. Mais nada a dizer, pois, por sorte, o espaço acabou... *L.A.G.*

PLANOS AÉREOS — Evandro (PolyGram)

Pilotando um aeroplano azul inflamável, Evandro eleva-se aos céus pela segunda vez. Graças a seus "novos" planos aéreos, o vôo decorre sem turbulências — reggaes estilizados, baladas e roquinhos estão novamente em cena, junto a letras metidas a roteiro cinematográfico, que não evitam que a nave voe em círculos. Perdido no espaço entre as nuvens da mesmice, Evandro acaba por ficar sem teto para aterrizar. *A.G.C.D*

FAMOUS BLUE RAINCOAT — Jennifer Warnes (RCA)

Para o azar das muitas cantoras americanas dos anos 80, existiu, existe e continuará existindo Joni Mitchell. Jennifer Warnes sofre da comparação, inevitável, ao interpretar canções pinçadas da obra do compositor canadense Leonard Cohen. Deste disco, pouco a dizer. Mas a oportunidade é boa para reclamar o lançamento no Brasil dos dois mais recentes LPs de Cohen, *Various Positions* e *I'm Your Man* (ambos CBS), este último com a versão original de "First We Take Manhattan". *J.Y.N*

DOU3LE — Double (PolyGram)

Os autores do hit internacional "Capitain of Her Heart" agora "encontraram a fórmula para a experimentação musical" (segundo o press release). Eles devem tê-la perdido antes de entrar em estúdio; este LP, com seus clichês de "arranjo brega-chique metido a *cool*", transmite a emoção de um armário de fórmica. De quebra, letras sofríveis e um solo de Herb Alpert (argh!). Falando em duo suíço, a mesma gravadora bem que poderia lançar o último LP do Yello, *One Second*. *T.P.*

SOLO FLIGHT — THE GENIUS OF CHARLIE CHRISTIAN — Charlie Christian (Brenno Rossi/CBS)

Sua curta carreira — precocemente interrompida pela morte por tuberculose, aos 22 anos — foi suficiente para consolidá-lo como o pioneiro no desenvolvimento da linguagem jazzística da guitarra elétrica. Pela fluência e riqueza melódica de seus solos, a guitarra de Christian chegou a ser comparada ao sax-alto de Charlie Parker e o sax-tenor de Lester Young. Este álbum duplo — com gravações entre 1939 e 41 — é composto em sua maior parte por faixas em que Christian toca junto ao sexteto do clarinetista Benny Goodman, numa verdadeira lição de técnica e emoção. *C.P.*

BIKINI RED — The Screaming Blue Messiahs (WEA)

O power-trio Screaming Blue Messiahs (Bill Carter, guitarra e vocal, Chris Thompson, baixo, e Kenny Harris, bateria) debutou em junho de 84, nos circuitos independentes, com o excepcional EP *Good and Gone*. Dois anos depois, lançou seu primeiro LP *(Gun Shy)* e em outubro de 87 surgiu o álbum em questão, que apesar de ter sido bem-sucedido comercialmente é o que mais carece da versatilidade e espontaneidade iniciais. Embora não seja um trabalho que descaracterize suas propostas baseadas no hard rock, não apresenta o desnorteado *punch* que era a marca do trio. Não se trata de pasteurização, mas sim de suavização, que no caso colaborou para retirar sua visceralidade fundamental. É verdade que, para quem não conhece seus discos anteriores, este *Bikini* pode até chegar a ser alvo de alguma excitação. Mas para quem já viveu este corpo ao nu, a saudade decola com tremenda facilidade. *F.N.*

DIG THAT GROOVE, BABY/BARE FACED CHEEK — Toy Dolls (Stiletto/Eldorado)

Nos anos 70, a dupla Cheech and Chong aplicou com sucesso seu humor "ácido" na "Hippielândia". Nos 80', o trio Toy Dolls provoca risos incoercíveis na ala punk com a mesma desenvoltura dos primeiros, e mais: consolidou-se como um dos mais energéticos grupos ao vivo do nordeste da Inglaterra. *Dig That...*, de 83, traz a voz taquara-rachada de Olga, "O Horrível", no comando da pantomima, destacando "Nellie the Elephant" e o cover para "Blue Suede Shoes". Já o recente *Bare Faced Cheek* é musicalmente mais compacto, com os Dolls tirando sarro de Madonna na faixa-título ou louvando a canastrice em "Yul Brynner Was a Skinhead". *A.G.C.D.*

ALMA — Leila Pinheiro (PolyGram)

A MPB anda órfã de uma intérprete de primeira linha. Ultimamente inventam-se cantoras geniais a cada fim de semana paulista e carioca. Nenhuma dessas canárias de primeiros gorgeios têm a qualidade dessa paraense, que em seu segundo disco mostra não só voz e interpretação emocionada como também aquilo que falta na maioria das novas cantoras brasileiras: o sangue pesado da maturidade. Leila expõe sangue por nove vezes neste disco: amorosa e dramática. *L.A.G.*

TEEN ANGUISH: THEIR GREATEST HITS — The Sangri-Las (Brasidisc)

Os *girl groups* ocuparam um espaço muito importante e infelizmente esquecido na história da música pop pós-guerra. A primeira metade dos anos 60 viu a explosão do gênero, com nítida supremacia do soul negro (Ronettes, Crystals, Chiffons, Supremes) sobre o rock branco (Shirelles, Shangri-Las). Mas todas tinham pelo menos uma coisa em comum: o todo-poderoso produtor (e, quem sabe, protetor), que manipulava os botões no escuro do estúdio. Se as Ronettes e as Crystals tiveram o maior entre todos, Phil Spector, as Shangri-Las, dois pares de irmãs — Betty e Mary Weiss, e as gêmeas Margie e Mary Ann Ganser —, foram descobertas por um técnico compositor não menos pirado e misterioso, George "Shadow" Morton, que as ajudou a ocupar o topo das paradas em 1964/65, com boa parte dos sucessos compilados neste álbum. Doze hits que fazem a ponte entre as *teen ballads*, o twist e o rock'n'roll. Ouvir canções como "Leader of the Pack", "Give Him a Great Big Kiss" ou "Remember (Walking on the Sand)" equivale a reler as páginas amareladas de velhas histórias em quadrinhos. São imediatas, refrescantes e meio ingênuas. A produção é muito avançada para a época, rebuscada e cheia de efeitos sonoros (gaivotas, beijos, arrancadas de moto). Depois das Shangri-Las, foi preciso esperar o levante punk para ver ressurgirem os girl group como The Slits e The Runaways. *J.Y.N.*

NAKED — Talking Heads (EMI-Odeon)

Em algum ponto entre *Speaking in Tongues* (83) e *Little Creatures* (85), David Byrne deixou de lapidar ambigüidades esquizóides na primeira pessoa e passou a ser um observador. Trocou a catarse pelo cinema. Foi-se o clima de ameaça iminente, veio a aceitação, a rendição: a antropologia dos prazeres da classe média com um pouco de cinismo e muito bom humor. Apesar de ter perdido o fio de corte, foi uma saída brilhante do que poderia se tornar uma camisa-de-força estética e até autoparódia. Em *True Stories* (disco e filme, de 86), faísca feliz o prazer no olhar de uma criança brincando.

Em *Naked*, Mr. Byrne e seus Heads deram meia-volta para resgatar o cosmopolitismo terceiro-mundista que fez de *Remain in Light* (80) um dos discos-chave da década. Meia-volta e não mais que isso: um meio-fio entre as duas fases da banda. Deslocaram-se para Paris, centro privilegiado da atual multietnia pop, para gravar um LP mais caribenho do que afro, com sutis pitadas folk e country, onde o filé ficou com o lado 1 em faixas como "Blind", "Mr. Jones", "Totally Nude" e "(Nothing but) Flowers" (aquela que dizem que "parece Paralamas"; na verdade, ela empresta — assim como "Alagados" — o ritmo e o dedilhado das guitarras do high life africano!). *José Augusto Lemos*

SUBSTANCE — New Order (WEA)

É incontestável a importância do New Order no panorama musical desta década. Uma banda que conseguiu assimilar o trauma causado pelo fim do Joy Division, com a morte do vocalista Ian Curtis, impondo um estilo próprio que assimilou a tecnologia dos *samplers* e *drum-machines* com simplicidade e inspiração; um grupo que, pouco a pouco, foi lapidando a energia primitiva e a atmosfera sombria do som do Joy em timbres elaborados e batidas dançantes, conseguindo alcançar sucesso comercial sem renegar seu passado ou fazer concessões em sua imagem ou proposta sonora. *Substance* é a segunda coletânea de singles lançada pela banda (a primeira foi o EP *1981-1982*) e traz doze faixas remixadas, que compreendem o período de 1980 a 87. Temos então um desfile de pérolas, que começa com "Ceremony", música do Joy que foi uma das primeiras a ser gravada pelo New Order; passa por "Blue Monday", que tornou-se um de seus grandes sucessos comerciais, assim como "Perfect Kiss"; "Bizarre Love Triangle" e a única inédita, "True Faith". Quando do lançamento de *Substance*, rumores sobre a dissolução da banda prenunciavam que este álbum seria seu epitáfio, mas os boatos foram afastados com um single e planos de um novo LP. A nova ordem continua... *Celso Pucci*

BRASIL — The Manhattan Transfer (WEA)

O quarteto vocal jazzístico de Nova York encantou-se com a música brasileira em 86, quando se apresentou no Free Jazz Festival. Ao voltar, levou muita música brasileira. O resultado é este disco bonitinho, mas ordinário. Oito das onze faixas são versões em inglês de músicas de Djavan. O restante fica para Ivan Lins e Dorival Caymmi. Apesar do esforço dos cantores, tudo acaba muito parecido com arranjos de Sérgio Mendes. Um disco de macumba de e para turista. *L.A.G.*

HOT NUMBER — The Fabulous Thunderbirds (CBS)

O sempre atento e dedicado produtor e guitarrista Dave Edmunds (o padrinho dos Stray Cats) uniu seus talentos aos da batalhadora banda americana Fabulous Thunderbirds, e concebeu este quentíssimo disco, o sétimo dos texanos (o segundo deles lançado por aqui). Os "T-birds", com a mão e participação de Edmunds, mostram com quantas notas se faz um bom rock'n'roll, no longo de dez faixas recheadas de preciosas influências do R&B. *T.L.*

JUST VISITING THIS PLANET — Jellybean (CBS)

Ex-rei dos *deejays* de Nova York, este *chicano* do Bronx é hoje o papa do remix. Assim, ele já estendeu músicas de Bowie, Sting, Whitney Houston, Elvis Costello, McCartney, Talking Heads, Michael Jackson, Hall & Oates e — sobretudo — Madonna, conquistando o direito de cometer seu próprio LP. Oito faixas balanceadas na medida e nos moldes previstos. Cenário habitual: bons músicos e vocalistas de estúdio tocando uma *disco music* convencional produzida com esmero. *J.V.N.*

ORDEM & PROGRESSO — Azul Limão (Point Rock)

Aos seis anos de existência este quarteto carioca chega ao seu segundo disco, um mini-LP independente e com boa qualidade técnica, onde a banda demonstra entrosamento em seu som pesado, com bons solos e vocais, desfilando temas como a rotina e a solidão. Só resta ao Azul Limão evoluir cada vez mais, pois está na trilha certa. *L.R.*

THE PRINCESS BRIDE — Mark Knopfler (PolyGram)

É a trilha sonora do filme de Rob Reiner, que em breve estará sendo exibido no Brasil. Apesar de composta, arranjada e produzida por Mark Knopfler — com a colaboração de Guy Fletcher nos sintetizadores — certamente ela não figura entre os melhores trabalhos do guitarrista do Dire Straits. Seu "som orquestral" pode funcionar junto do filme, mas em se tratando de um disco, é perfeitamente dispensável. *N.P.Q.*

FAITH — George Michael (CBS)

Barbinha à la Mickey Rourke e olhar compenetrado de profundidade postiça. Sob esta embalagem, este suposto *sex symbol*, se apresenta em seu LP de estréia, pouco ou nada diferente de seus trabalhos anteriores com o Wham!. Ainda leva o pop ortodoxo às últimas conseqüências, sob altíssimas doses de pasteurização — tornando permissíveis todos os tipos de disfarces e manipulações — neste LP muito de acordo com a inocuidade e o vazio que ocupa o oficializado padrão yuppie e *clean* dos anos 80. *F.N.*

BIRDS OF PASSAGE — Sadao Watanabe (WEA)

Após ouvir este disco de Watanabe só restaria a qualquer samurai o haraquiri. O saxofonista nipônico é mestre no *musak high-tech*. O som lembra Dave Grusin pilotando teclados, sobre um molho "exótico" de percussão, num *michi-michi* repetitivo do qual nem mesmo Freddie Hubbard e George Duke conseguem escapar. Watanabe prova que a técnica apurada — em si — significa muito pouco em termos de criação musical. *L.T.*

HEARSAY — Alexander O'Neal (CBS)

Ao feitio de Terence Trent D'Arby, mas com menos arrogância e de forma mais convincente, temos aqui mais um aspirante ao cetro de Marvin Gaye: Alexander O'Neal, em seu segundo LP; que a exemplo do primeiro foi produzido por James Harris III e Terry Lewis (ex-integrantes do Time, antiga banda de Prince), também autores de oito das nove músicas do disco, todas precedidas por pequenas vinhetas introdutórias. E de repente, até os fãs mais radicais de Mr. Gaye irão gostar da balada soul "Sunshine". *C.P.*

DAS KLAGENDE LIED E SINFONIA N.º 10 DE MAHLER — Glenn Gould/VARIAÇÕES E BAGATELAS PARA PIANO DE BEETHOVEN — Orquestra Sinfônica de Londres regida por Pierre Boulez (Brenno Rossi/CBS)

Esses dois álbuns duplos enfeixam algumas das abordagens mais corajosas no terreno da retroação. O francês Pierre Boulez, hoje com 63 anos, e o canadense Glenn Gould (1932/82) fincaram suas carreiras nesse tipo de visada radical. Artistas modernos olhando para trás sem cairem na tentação da fidelidade surda e cega.

Compositor de vanguarda, Boulez destaca-se como regente atrevido, sempre disposto a assombrar os conservadores de conservatórios. Essas versões de *Das Klagende Lied* (O Canto da Lamentação) e do *Adagio* da inacabada *Sinfonia n.º 10*, de Mahler, são pródigas em renovação. O *Lied*, obra da juventude do compositor, rejeitada por ele próprio, foi restaurado, revelando violência e politonalismo. Já no *Adagio*, Boulez tratou de ralentar ao máximo, para revelar ali o gérmen do expressionismo politonal de Schoenberg.

Gould busca o mesmo impacto, só que com armas diferentes. Abordou quatro ciclos de variações e dois ciclos das Bagatelas de Beethoven como se fosse um miniaturista frio. Gerou um Beethoven de alma digitalizada e cálculo sensível. *L.A.G.*

MAN OF COLOURS — Icehouse (CBS)

Apesar da falta de identidade (os vocais de Iva Davies e os arranjos lembraram, alternadamente, Bryan Ferry, Bowie, Japan e Simple Minds), *Measure for Measure*, o LP anterior da banda, impunha-se pelas boas composições e produção. Interessados no mercado americano, eles trocaram agora as colaborações de Eno, o produtor Rhett Davies e outros europeus por uma parceria com John Oates, tratamentos menos sofisticados e composições mais óbvias — baladas sintéticas e popinhos saudáveis. O leve que satisfaz. *A.A.*

BABYLON AND ON — Squeeze (PolyGram)

Após dois anos longe dos estúdios, uma das mais conceituadas bandas da música pop inglesa volta com o seu oitavo LP, vergonhosamente o primeiro a ser lançado no Brasil. Para quem não se lembra, o Squeeze foi, ainda na época do punk, a antecipação da new wave radical deflagrada em 79, ou seja, a recuperação sob novas roupagens do rock'n'roll. Neste LP, o sexteto ainda demonstra estar em plena forma em sua proposta baseada no R&B, baladas pop e a inseparável influência dos Beatles. *F.N.*

THE CHRISTIANS (WEA)

Era uma vez três irmãos mestiços: Gary, Roger e Russel Christian. Cantores desde os 14 anos, conhecidas feras do *a capella* às margens do rio Mersey, Liverpool. Os Temptations foram os mestres que os ajudaram a domar o poderio de suas vozes. Um dia, encontraram Harry Priestman, compositor multiinstrumentista, líder do extinto It's Immaterial. A comunhão foi imediata, menos para Roger, que caiu fora. O LP que decorreu desse encontro mescla elementos musicais poderosos. Soul vibrante, discretos toques tecnológicos, inserções em contraponto de um órgão Farfisa com seu timbre antiquado e eficiente, empréstimos à geração Two-Tone (Madness), melodias agradáveis com concessões comerciais, textos tristes que falam de esperança, produzindo momentos de rara beleza ("Save a Soul in Every Town") alternados com outros de tédio infindável. Mais um concorrente para o Simple Red e Terence Treat D'Arby. *J.V.N.*

PERMANENT VACATION — Aerosmith (WEA)

Em seu nono LP de estúdio, esta veterana banda americana superou os problemas que quase a mataram, dando a volta por cima com muito rock'n'roll. Com esmerada produção, que inclui metais, cordas e percussão, acompanhando o furor das cordas e bateria, as faixas fluem agradavelmente, com destaque para "Rag Doll", "Magic Touch" e a versão de "I'm Down", dos Beatles. *T.L.*

PSICOACÚSTICA — Ira! (WEA)

A banda paulistana pode ter suas letras ingênuas, melodias bobas e batida soporífera. Mas que banda não tem? Até os ótimos Lobão e Titãs dão suas escorregadas. Em seu terceiro LP, o Ira! conseguiu superar a si mesmo e arquitetar equilíbrios sonoros, razoáveis canções e inesquecíveis solos de guitarra. As oito faixas contêm de rocks regressivos ("Manhãs de Domingo", bem ao sabor anos 60) ao mais novo gênero criado pelo pop brasileiro — o rap samba ("Advogado do Diabo").

Edgar Scandurra faz o diabo com guitarra, banjo, craviola e efeitos especiais. Quando as vozes simplórias se calam, surge um bom rock, num arcabouço recoberto de dança. Sim, soa algo antes. Mas o que não soa? O disco é bem produzido, honesto e tem o fermento do sucesso. Enfim o Ira! pôs de lado a marca do amadorismo adolescente.

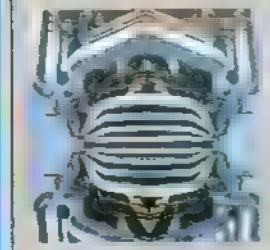
Luís Antônio Giron

LED ZEPPELIN/LED ZEPPELIN III/SEM TITULO (SIGNOS DO ZODÍACO)/HOUSES OF THE HOLY/PHYSICAL GRAFFITI/PRESENCE/THE SONG REMAINS THE SAME/IN THROUGH THE OUT DOOR/CODA — Led Zeppelin (EUA)

Em 60/70, o Led Zeppelin lançou os fundamentos do que viria a ser conhecido durante as duas décadas seguintes como heavy-metal. Este pacote é composto de quase toda a discografia oficial da banda (pois, inexplicavelmente, o Led Zeppelin II não foi relançado). O primeiro LP (69) estava regado de raízes bluesísticas, como em "You Shook Me" (de Willie Dixon) e "Dazed and Confused" (na qual Jimmy Page tocava guitarra com um arco de violino). O *III* (70) era predominantemente acústico, com temas como "Immigrant Song", "Gallows Pole" e a magnífica interpretação de Robert Plant para o blues "Since I've Been Loving You". O álbum de 71 (sem título) foi logo considerado obra-prima devido a faixas como "Black Dog", "Rock'n'Roll" e a famigerada "Stairway to Heaven". Em *Houses of the Holy* (73), a banda tomaria novos rumos musicais e daria maior ênfase aos arranjos e teclados do baixista John Paul Jones, como em "No Quarter" e "The Rain Song". *Physical Graffiti* (75) poderia ser considerado um dos melhores álbuns duplos de rock já gravado (ver Discoteca Básica BIZZ 11). *Presence* (76) foi gravado sob circunstâncias adversas e apresenta a banda mais contida, e logo em seguida saiu o duplo ao vivo *The Song...* a trilha sonora do filme sobre a banda (que apresenta um brutal solo de John "Bonzo" Bonham, sem baquetas, em "Moby Dick"). Três anos depois, lançaram *In Through...*, um LP morno, recheado de arranjos de teclados, e em 80, quando preparavam-se para voltar, "Bonzo" embebedou-se até morrer, acabando com a saga do Zeppelin. O LP póstumo *Coda* (82) serve como curiosidade, trazendo apenas sobras de estúdio. "A canção permanece a mesma?" O tempo responde por si só. *Leopoldo Rev*

GREATEST HITS VOL. I — The Yardbirds (Brasidisc)

Este lançamento já se justifica só pelo fato de preencher uma lacuna de vinte anos (que se saiba, o único LP deles lançado por aqui — *Having a Rave Up with the Yardbirds*, de 65 — data de 68) e recolocar em evidência esta banda inglesa que, partindo do rhythm'n'blues, foi peça-chave na formação dos rudimentos do som psicodélico e do heavy-metal. Afinal não se esperaria menos de um grupo pelo qual passaram Clapton, Beck e Page. Era exatamente ali, nas guitarras, que se concentrava a força motriz dos Yardbirds. Pioneiros na utilização de efeitos (*feedback*, *fuzz*, distorção etc.), eles conseguiram forjar um tipo de som que temperava as melodias com um inconfundível peso metálico. Isto já fica claro em "For Your Love" — a última gravação de Eric Clapton com eles, antes de se juntar aos Bluesbreakers, de John Mayall — e se acentua nas outras faixas sob o comando da guitarra psicótica de Jeff Beck, secundada pela de Chris Dreja, ou duelando com a de Jimmy Page (que tinha entrado no grupo substituindo o baixista Paul Samwell-Smith, e logo trocou de posição com Dreja). É claro que também havia o vocalista Keith Relf e o baterista Jim McCarty, mas o essencial estava no naipe de guitarras. Basta ouvir "The Train Kept A-Rollin'", e "Shapes of Things", e "Evil Hearted You", e "Still I'm Sad", e . *C P*



I ROBOT/EVE/AMMONIA AVENUE — The Alan Parsons Project RCA

Parsons é um não-músico. A bem da verdade, nem sei se ele apreciaria esta terminologia (inventada por Brian Eno para caracterizar seu próprio trabalho), mas o fato é que Parsons é mais radical, pois raramente encosta o dedo num instrumento diferente da mesa de som. O máximo que ele faz é executar algumas notas num sintetizador. O resultado é um estilo que gosto de chamar de paraprogressista, porque se resume numa música pop um pouco mais elaborada do que a média do que rola por aí. Entre estes três relançamentos, o que mais merece destaque é o *Ammonia Avenue* (84), mormente por contar com a presença de figurões como Colin Blunstone (ex-Zombies) e Mel Collins (ex-King Crimson, Camel e outros). *V M*

FABIO FONSECA (WEA)

Barone, baterista dos Paralamas, resolveu desencavar esse teclalista, compositor e cantor carioca. Tirou-o do anonimato para colocá-lo num disco medíocre, produção Barone. As nove canções transitam pelo *funk zona sul*, a balada *fusion* e o soul. As músicas são retratos alegres da juventude baineana. Mas Fabio é cantor interessante e poderia ampliar esse talento. A voz grave cordial consegue dar alguma vida a um trabalho de poucos achados. *L A G*

LINDY'S PARTY — The Bolshoi WEA)

O grupo que "desencantou" no Brasil com o hit "Sunday Morning", neste seu segundo LP atesta estar ciente de sua missão: levar o pop passear e não envenená-lo com a ortodoxia, nem distraí-lo no sedutor *Império da Buba Descartável*. Nesta *tour*, visitam os antigos museus da *gothic music*, as ruínas do tecno-pop e as alamedas por onde o neo-psicodelismo passou. Após essas deambulações, este corpo pop, dispensando virtuosismos, vai para o estúdio e consegue realizar uma síntese eficaz, lapidada e espontânea. *F V*

VITAL IDOL — Billy Idol (RCA)

Usar e ser usado — ao longo de sua controvertida carreira, Billy Idol sempre jogou conforme as regras do jogo. Esse *Vital Idol* é justamente a derradeira celebração de um bem-sucedido pacto com o deus corporativo; carne em troca de fantasia. E cifrões. É o produtor Keith Forsey quem viabiliza a operação caça-níqueis. Uma extravagância que vai do *bubblegum* grandiloquente "Mony, Mony" ao simulacro rockabilly "To Be a Lover" muito bem produzida, é verdade, mas morbidamente cínica. *A G C D*

NOVO TRENDSOUND. MAIS TECNOLOGIA E MAIS EMOÇÃO.

Nova linha TrendSound de sistemas modulares Full Digital Compatible da Philips, que se completa agora com os modelos TrendSound Plus e III. Novos recursos e maior sofisticação, para conquistar os ouvidos mais exigentes e os corações mais sensíveis. TrendSound. Tecnologia e emoção em harmonia com o som digital a laser do Compact Disc.

FULL DIGITAL MODULAR SYSTEM

TREND SOUND PLUS

PLL QUARTZ TUNER E 24 MEMÓRIAS

- **Stereo Tuner Amplifier FR 310:** 240 watts PMPO, totalmente digital, sintetizador de frequência (PLL Quartz) e 24 memórias - 16 para FM e 8 para MW. Liquid Crystal Display.
- **Soft-touch Stereo Cassette Deck FC 310:** filtro eletrônico DNR*, corretor ajustável de nível de gravação e display luminoso com LEDs.
- **Toca-discos Full Automatic Belt Drive FP 310:** seleção automática do tamanho do disco e controle eletrônico da rotação.
- **Compact Disc Player CD 350:** de última geração, com programação de até 20 faixas em qualquer ordem, acesso direto a qualquer faixa e a determinados trechos de música (Index), avanço e retrocesso com som audível em três velocidades automáticas. Opcional.
- **Caixas Acoustic Response Control** com duas vias (FB 310) ou três vias (FB 320) e Dynamic Bass Processor. Ou as caixas FB 205, Bass Reflex, com a mesma altura dos módulos superpostos, facilitando sua instalação em espaços menores.
- **Rack:** modulável com gavetas e rodízios. Opcional.

TECNOLOGIA AFINADA COM A EMOÇÃO.

PHILIPS

EU SOU O RIO — Black Future (Plug)

Os últimos serão os primeiros... Adiado por motivos escusos durante um ano, o mini-LP *Cartas do Absurdo*, da dupla Black Future, acabou vingando em 88 como o álbum *Eu Sou o Rio*. Um Rio que é a trama de uma outra malandragem, o Rio dos becos e guetos, além do bem e do mal, que se espraia dos espectrais arcos da velha Lapa até as bibocas da galeria Afaska; alegoria e elegia de imagens e sons que não estão nos cartões-postais, nos pacotes turísticos ou na telinha da Globo.

Auxiliados por membros do Ira!, Titãs, Defalla, Feijão, Finis Africae e outros, Marcio Bandeira e Tantão chegam solapando o terreno da medíocre MPB com sua metamúsica; um rito paroxístico e inverossímil para desmistificar de vez a arte de "tocar bem". Pois Black Future é a volta da batmacumba; é a mistura de microchips com banana, é o *samba-noise*, meu irmão. *Arthur G. Couto Duarte*

LOUIS ARMSTRONG MEETS OSCAR PETERSON/OSCAR PETERSON PLAYS THE COLE PORTER SONGBOOK — Oscar Peterson (Verve/PolyGram)

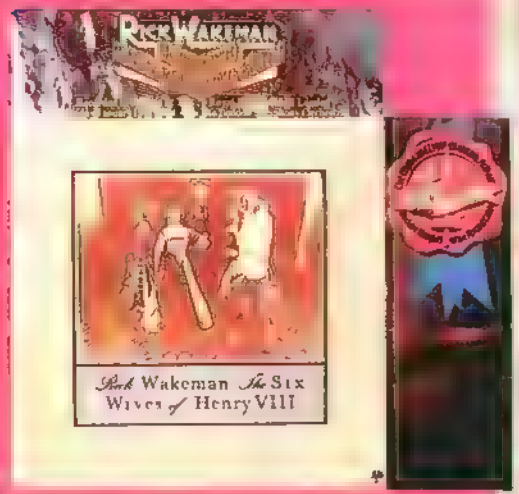
A elegância digital a harmonia ampla e o pulso rítmico do pianista canadense Oscar Peterson, hoje com 63 anos, podem não lhe dar o título de gênio. Peterson, porém, é o mais competente pianista de jazz clássico atual. Seu encontro com Louis Armstrong (1900 ?) nos anos 60 originou um sublime ajuste de contas. O suave e rouco de Armstrong somou-se ao canto do acompanhamento discreto de Peterson. Em doze canções, o duo criou um fluxo de sons, não um mero LP. O livro de Cole Porter é outra obra-prima de um encontro. São doze versões das melodias líricas de Porter nas quais o pianista explora o detalhe, mantendo o arcabouço de cada obra intacto. A ponto de qualquer pessoa poder cantar, por exemplo, "I Love Paris" como se tivesse o músico ao seu lado. Peterson é assim gentileza a serviço de qualquer gosto. *L.A.G.*

FIRE WORKS — Bonfire (RCA)

Ao ter este disco nas mãos pensei: "É mais uma daquelas bandas de heavy-metal alemãs, que gravam nos EUA e nunca apresentam nada de excepcional ou inovador no estilo." Porém, ao ouvir o som fiquei surpreendido com o Bonfire. A eficiência de seus elementos, seu entrosamento e os bem-cuidados solos e vocais dão sustentação para a pauleira pura deste LP. E não fosse a produção do conhecido mestre metálico Michael Wagener, eu poderia ter ficado ainda mais surpreso. *L.R.*

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO &

O filé mignon deste R&R está na vertente R&B. Nada menos que o relançamento pela CBS do LP **SOME GIRLS** (78) dos **Rolling Stones**; uma avalanche de rocks detonados por três guitarras (Richards, Wood e Jagger) onde há espaço para flertes com a *disco music* ("Miss You") e o *country* ("Faraways Eyes"). O único senão é a capa, que nesta reedição veio alijada do encarte, no qual as fotomontagens com os rostos dos membros da banda se "encaixavam" nos modelos de peruca da capa original. ⊗ Ainda falando em relançamentos, temos três ossos duros de roer via PolyGram: os primeiros álbuns solo do tecladista **Rick Wakeman. THE SIX WIVES OF HENRY VIII** (73) até que dá para engolir, com climas lembrando o *early* Yes, mas os outros dois **JOURNEY TO THE CENTER OF THE EARTH** (74) e **THE MYTHS AND LEGENDS OF KING ARTHUR** (75) naufragam num mar de pomposidade brega dificilmente superada por Liberace, ou mesmo Richard Clayderman. ⊗ Provando que a baba é um artigo internacional, temos pela RCA o lançamento dos LPs **SIRIUS**, dos irlandeses do **Clannad**, **LOVE AN ADVENTURE**, dos australianos do **Pseudo Echo** e **AMERICAN ENGLISH**, da dupla inglesa **Wax** (da qual participa o veterano Graham Gouldman, ex-10 cc); música pop padrão FM capaz de induzir rapidamente a uma mudança de estação (ou de disco). ⊗ **LIVE!**, de **Bo Diddley**, da Brasdisc e **"LIVE" IN THE SEVENTIES (TIMEPIECES VOL. II)** de **Eric Clapton**, da PolyGram, enfocam estes dois grandes guitarristas em péssimas gravações ao vivo: o primeiro é inaudível. Devido à qualidade sonora, o outro é uma colcha de retalhos mal-costurada de faixas já lançadas em outros LPs de **Clapton**. ⊗ De textura mais macia e sabor bem brasileiro, temos o lançamento do LP **PREAMAR**, do violonista paulista **Edson Alves**, pela Som da Gente, com um elaborado repertório de composições instrumentais próprias com um toque erudito e influências bossanovistas. ⊗ Por fim, atestando que as vozes femininas atravessam um período de vacas magras, temos o *musak* interpretado pela francesa **Mireille Mathieu** em **APRES TOI**, da RCA, além da *pop-music spaguetti* da italiana **Spagna** em **DEDICATED TO THE MOON** e a mineira **Via Negromonte**, no soporífero **NOITES SEM DORMIR**, ambos CBS. Haja saco! *Celso Pucci*



IRA!
PSICOACÚSTICA
wea

COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT

VILLA VIOLÃO (OBRA COMPLETA PARA VIOLÃO SOLO DE HEITOR VILLA-LOBOS) — Turibio Santos/A FLORESTA DO AMAZONAS — Ney Matogrosso, Joao Carlos Assis Brasil e Wagner Tiso (Microservice/Kuarup)

Estes dois compat discs são obras-primas da produçao nacional no gênero. O catalogo nacional de CDs já ultrapassou 200 títulos. Destes, uma minoria possui caracteristicas integralmente digitais. Em música brasileira, entao, nem se fala. São pouquíssimos os discos DDD — com gravação, corte e mixagem digitais. O selo Kuarup gravou, mixou e cortou os dois trabalhos num bom estudio carioca (o Master Stúdio). O som resultou impecável, sem os ruidos dos CDs AAA (totalmente analógicos) ou AAD e ADD (parcialmente analógicos). Além disso, os dois trabalhos foram concebidos esteticamente para soar no plano digital. O resultado é a relação de sonoridades desconhecidas na obra de Villa-Lobos, tanto no poema sinfônico *A Floresta do Amazonas* (composta originalmente para o filme *Green Mansions*) quanto para a *Obra Completa para Violao Solo*, toda ela construida sobre sutilezas de escritura e timbre. A versão meio popular do poema, a cargo de Tiso, Ney e João, tem suas ousadias. E Turibio Santos sabe soar com a tecnologia, e nao apesar dela. Dois lançamentos essenciais.

Luís Antônio Giron

Gravadoras Independentes: Brasidisc — *R. Beneficência Portuguesa, 53, São Paulo (SP) - (011) 227-4999*; Kuarup — *Av. Rio Branco, 277, cj. 1005, Rio de Janeiro (RJ) - (021) 270-1623*; Point Rock — *R. Visconde de Pirajá, 550, lj. 306, Rio de Janeiro (RJ) - (021) 259-9529*; Som da Gente — *R. Bocaina, 61, São Paulo (SP) - (011) 65 9403*

BOLSA DE DISCOS

	VIVA HATE Morrissey (EMI-Odeon)	LOVE Aztec Camera (WEA)	THE WORLD BY STORM The Three Sisters (Stiletto Eldorado)	O APICE Vzvadoo Moe (Wop Bop)	CLOUD NINE George Harrison (WEA)	LONELY IS AN EXTISCHE Vanos (Stiletto Eldorado)
Alex Antunes	Otimo	Razoável	Otimo	Otimo	Razoável	Razoável
Arthur G. Couto Duarte (Radio Liberdade, MG)	Otimo	Lixo	Otimo	Otimo	Lixo	Otimo
Fernando Naporano	Otimo	Lixo	Otimo	Razoável	Otimo	Otimo
Jean-Yves de Neufville	Otimo	Razoável	Lixo	Lixo	Razoável	Otimo
José Eduardo Mendonça	Otimo	Razoável	Lixo	Otimo	Lixo	Lixo
Luis Antônio Giron (O Estado de S. Paulo)	Otimo	Lixo	Otimo	Otimo	Otimo	Otimo
Marcel Plasse	Otimo	Razoável	Lixo	Otimo	Lixo	Lixo
Marcos Smirkoff (Folha de São Paulo)	Otimo	Razoável	Otimo	Razoável	Razoável	Lixo
Tom Leão (O Globo, RJ)	Otimo	Razoável	Lixo	Lixo	Lixo	Lixo
Celso Pucci	Otimo	Razoável	Otimo	Otimo	Razoável	Lixo

Otimo

Som

Interessante

Razoável

Lixo

Eu não nasci de óculos.

Eu usava óculos desde pequena. Mas eles tiravam minha liberdade. Por isso mudei para as lentes de contato Bausch & Lomb, que são as mais finas do mundo. Elas não custam caro, e são tão confortáveis que eu saí com elas no primeiro dia. E ainda me dão liberdade para praticar meu esporte, agitar mais a vida, ser como eu sou. Eu nasci assim.

Conheça também as lentes de uso prolongado exclusivas da Bausch & Lomb. Muito mais conforto para você.

BAUSCH & LOMB

PATROCINADOR DA EQUIPE OLÍMPICA BRASILEIRA DE 1988

DRAMA

REPULSA AO SEXO (Repulsion, Inglaterra, 1965)

Direção: Roman Polanski. Com Catherine Deneuve, Ian Hendry, John Fraser. Globo Video

Obra-prima em preto e branco, com roteiro de Polanski e Gerard Brach, na qual o diretor usou lentes de grande angular para focalizar magistralmente a bem dosada interpretação de Deneuve. Ela é Carole, uma manicure bela que mora em Londres. Não conseguindo resolver seus desejos, ela se impõe uma auto-reclusão no próprio apartamento, cenário de sua loucura e de sentimentos de atração e nojo sexual. Contraditória, Carole mata os pretendentes e imagina que está sendo violentada. Horror doméstico antológico. *C.G.L.*

A BELA DA TARDE (Belle de Jour, França/Itália, 1967)

Direção: Luis Buñuel. Com Catherine Deneuve, Jean Sorel, Michel Piccoli, Wilder

Deneuve já tinha feito *Repulsa ao Sexo* (ver resenha acima) e chegou experiente para o tema desse filme do mestre do surrealismo, fazendo o papel de uma madame fria que preenche seu tempo como prostituta num bordel de luxo. Buñuel, como sempre, envolve toda a trama num universo de sonho, expondo cruamente os personagens e desmascarando mecanismos da vida social. A imagem aristocrática de Deneuve contribui para o papel, valorizando o contraste entre a esposa e a prostituta. Um filme muito importante na carreira da atriz e do diretor. *C.G.L.*

ARMADILHA DO DESTINO (Cul-de-Sac, Inglaterra, 1966)

Direção: Roman Polanski. Com Donald Pleasence, Francoise Dorléac, Lionel Stander. Globo video

Terceiro longa-metragem de Polanski, e sua primeira obra-prima — quer dizer, um filme ainda um pouquinho mais redondo e bem amarrado que seus dois anteriores, os ótimos *A Faca na Água* (62) e *Repulsa ao Sexo* (65). Só as mentes perversas de Polanski e de seu co-roteirista Gérard Brach poderiam conceber tal mistura de comédia, humor negro e suspense claustrofóbico e sutil. Dois gângsteres em fuga invadem o isolado castelo de um casal desencontrado, a debochada e gostosa Dorléac (uma das irmãs mais velhas de Catherine Deneuve), já falecida, e o covarde Pleasance. A espera de um chefão, um certo Katelbach que nunca chega para resgatar seus capangas, eles vão todos se atrapalhando (ou não) como podem. Não deixe de ver. *A.A.*

ANIMAÇÃO

ASTERIX E A SURPRESA DE CÉSAR (Asterix et la Surprise de Cesar, França, 1985)

Direção de Animação: Ginger Geboes, Paul Brist, Gaetan Brizzi. Polevideo

Na época do império romano, sob as hostes de César, os gauleses eram os únicos que não se rendiam ao imperador, mais por folga do que por questões políticas. Mas a paz gaulesa é interrompida quando os romanos raptam Tragicomix e sua noiva para serem usados nos Jogos do Coliseu. Orgulhosos e mabaixo, Asterix e Obelix partem para o que der e vier, numa missão de resgate. Percorrem o deserto do Saara como legionários e se envolvem em várias aventuras sem perder o fio da meada. E, ao final, qual não é a surpresa de César ao comprovar duramente que os nossos folgados heróis são bons mesmo. *W.S.*

AVENTURA

PIRATAS (Pirates, França/Tunísia, 1986)

Direção: Roman Polanski. Com Walter Matthau, Cris Campion, Damien Thomas, Charlotte Lewis. VTI

Com esta superprodução, que tornou-se um semifracasso de bilheteria, Polanski voltou a dirigir depois de sete anos de ausência. Era um antigo projeto seu fazer uma paródia/homenagem aos velhos filmes de piratas, mas o seu "épico juvenil" — como não poderia deixar de ser, vindo de Polanski — foi convenientemente embalado com violência e humor negro. Daí talvez o seu merecido fracasso comercial. A ação se passa quando o temível pirata Capitão Red (Matthau) e seu grumete Sapo (Campion) — náufragos a bordo de uma jangada — são resgatados por um galeão espanhol que transporta um tesouro asteca e tentam roubar a preciosa carga. Diversão garantida. *C.P.*

SUSPENSE

A AGRESSÃO (L'a Agression, França/Itália, 1975)

Direção: Gérard Pirès. Com Jean-Louis Trintignant e Catherine Deneuve. Polevideo

Um curioso exemplar do cinema policial francês e dos mecanismos europeus da década de 70. A montagem truncada e a trilha sonora supostamente "psicodélica" reforçam as intenções psicológicas do filme. Uma família em viagem tem seu carro atacado por três motoqueiros, e o pai acorda da surra para descobrir os corpos da mulher e da filhinha. Ajudado pela cunhada, com quem inicia um caso, ele procura os assassinos em uma estadezinha. O filme se sustenta mais pelo trabalho da dupla principal — as esquisitices de Trintignant contra a sensual naturalidade de Catherine — do que pela trama frouxa. Boas cenas de perseguição na estrada. *A.A.*

O ENIGMA DA PIRÂMIDE (Young Sherlock Holmes, EUA, 1985)

Direção: Barry Levinson. Com Nicholas Rowe, Alan Cox, Sophie Ward. CIC

Estamos na brumosa Londres de 1870. O garotinho e cupim Watson (Cox) está a caminho de seu novo colégio. Lá vai encontrar seu amigo e futuro mentor, companheiro de intrigantes e envolventes investigações, o então jovem Sherlock Holmes. Logo, os dois começam a se deparar com mortes de homens ilustres, entre eles um aloprado professor da escola que insista em querer voar em fantásticos engenhocas. São levados a vielas, becos e a rituais de seitas esotéricas, e têm ainda a doce incumbência de salvar sua colega de escola, a sobrinha-ninfa do professor (Ward), de virar oferenda aos deuses. Magnífica reconstrução de época. *J.E.M.*

COMÉDIA

UM ESPÍRITO "BAIXOU" EM MIM (All of Me, EUA, 1985)

Direção: Carl Reiner. Com Steve Martin, Lily Tomlin. VTI

A melhor comédia da dobradinha Martin/Reiner (*Cheque Morto Não Paga, The Jerk, The Man with Two Brains*). Uma excêntrica milionária às portas da morte planeja transportar sua alma para o corpo de uma jovem e bela mulher. Uma falha técnica, porém, coloca sua alma no corpo de seu advogado, Steve Martin, no auge da versatilidade). O resultado é uma hilária mistura de *O Céu Pode Esperar* e *Tootsie*, no ritmo das velhas comédias repletas de correria, gafes e imprevistos de Hollywood. *M.P.*

TOMARA QUE SEJA MULHER (Speriamo che Sia Femmina, Itália, 1986)

Direção: Mario Monicelli. Com Liv Ullmann, Catherine Deneuve, Philippe Noiret, Giuliano Gemma, Stefania Sandrelli. Bernard Bitter. J. Home Video

Elena Leonardi (Liv Ullmann) é a matriarca de uma abastada família de província em que as mulheres são o sexo forte. Seu ex-marido (Noiret), que vive em Roma, volta a procurá-la para propor a transformação de sua propriedade numa estação termal. Mas ele é colocado para escanteio, como todos os outros homens que caem na besteira de se aproximar da família. Levando Ironicamente, o único que permanece com a família, o velho tio Gugu (Bitter), passa o tempo fazendo tricô. Humor e cinismo com a marca de Monicelli e elenco *all star*. Destaque para Catherine, como Claudia, a atriz de TV irmã de Elena. *J.G.C.*

MUSICAL

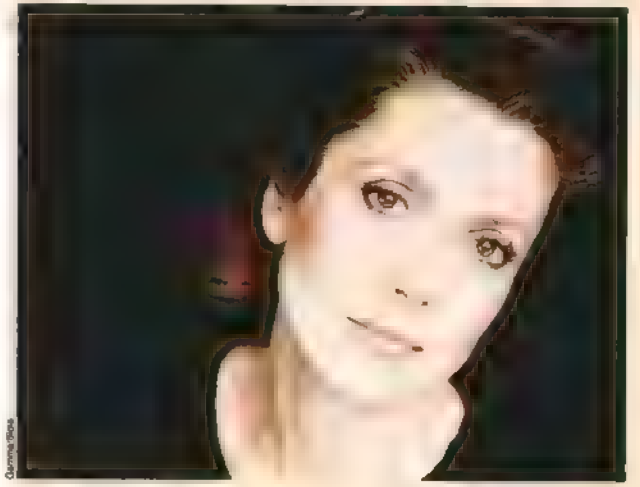
MARINA — SEXO É BOM! / TODAS AO VIVO (Brasil, 1987)

Direção: Valéria Barbosa. Com Marina e Banda Pôe pra Fora. PolyGram. Manchete

E Marina em ótima forma no projeto SP e no Canecão (Rio), mostrando o melhor de seu repertório, em uma boa produção independente que só é comprometida pelas participações "especiais" de Antonio Cicero e Jorge Salomão. Os dois em uma entrevista cujas imagens e áudio são intercalados com os do show, insistem em dizer frases de efeito (ou simplesmente sem sentido) e chatês libertário/sexistas a propósito da bissexualidade da cantora, em um clima de muita bicheice. Só mesmo o encanto natural de Marina resistiria a tanta afetação. *A.A.*

FILMOGRAFIA COMPLETA *(todos os filmes com * são disponíveis em vídeo). Os Amores de Colegiais (Les Collegiennes, 56), Les Petits Chats (59), Les Portes Claquent (60), Agora ou Nunca (Ce Soir ou Jamais, 60), L'Homme à Femmes (60), Les Parisiennes (61), O Vício e a Virtude (Le Vice et la Vertu, 62), Et Satan Conduit le Bal (62), Vacances Portugaises (62), As Maiores Vigarices do Mundo (Les Plus Belles Escroqueries du Monde, no episódio L'Homme qui Vendit la Tour Eiffel, 63), Os Guarda-Chuvas do Amor (Les Parapluies de Cherbourg, 64), Caça ao Homem (La Chasse à l'Homme, 64), O Irresistível Gozador (Un Monsieur de Compagnie, 64), La Constanza della Ragione ou Avec Amour et Avec Rage (64), Repulsa ao Sexo * (Repulsion, 65), O Canto do Mundo (Le Chant du Monde, 65), A Farsa do Amor e da Guerra (La Vie de Chateau, 65), No Amor Vale Tudo (Das Liebeskarussell, no episódio Der Somnabule, 65), As Criaturas (Les Créatures, 66), A Bela da Tarde * (Belle de Jour, 67), Duas Garotas Românticas (Les Demoiselles de Rochefort, 67), O Despertar de um Jovem Inocente (Benjamin ou Les Memoires d'un Puceau, 68), Manon 70 (68), A Chamada do Amor (La Chamade, 68), Mayerling (68), Um Dia em duas Vidas (The April Fools, 69), A Sereia do Mississippi (La Sirène du Mississippi, 69), Tout Peut Arriver (70), Tristana (70), Pele de Asno (Peau d'Ane, 70), Henri Langlois (70), Tempo de Amor (Ça n'Arrive qu'aux Autres, 71), Liza ou La Cagna (71), Expresso para Bordeaux (Un Flic, 72), Melampo (72), Um Homem em Estado Interessante (L'Evénement le plus Important depuis que l'Homme A Marché sur la Lune, 73), Touche pas à la Femme Blanche (73), Fam di Genie Perbenne (74), La Femme aux Bottes Rouges (74), Zig-Zig (74), A Agressão (L'Agression, 75)*, Crime e Paixão (Hustle, 75), O Selvagem (Le Sauvage, 75), Il Cassoto 76), Si C'était à Refaire (76), Coup de Foudre (77), March or Die (77), Ecoute Voir (78), L'Argent des Autres (78), Anima Persa (78), Si Je Suis comme ça, C'est la Faute de Papa (78), A Nous Deux (79), Ils Sont Grands, Ces Petits (79), Courage Fuyons (80), O Último Metrô (Le Dernier Metro, 80), Je Vous Aime (80), Le Choix des Armes (81), Reporters (81), Hotel des Amercas (Hotel des Amériques, 81), Le Choc (82), O Africano (L'Africain, 82), Fome de Viver (The Hunger, 83), Daisy Chain (83), Fort Saganne (84), Paróles et Musiques (84), Tomara que Seja Mulher* (Speriamo che Sia Femmina, 85), Babette's Dinner (85), La Mauvaise Herbe (86), Le Lieu du Crime (86), Agent Trouble (87)*

CATHERINE DENEUVE



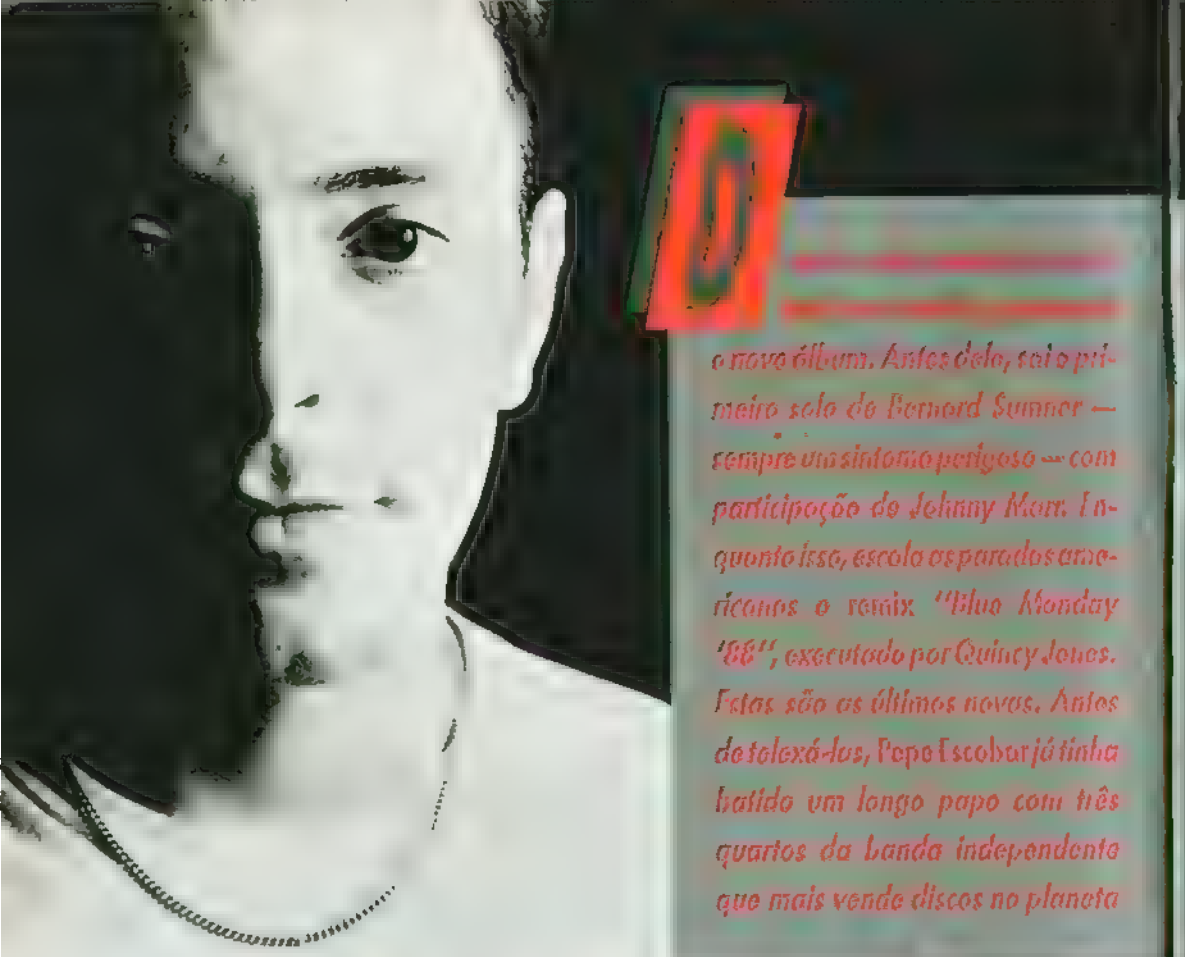
Uma beleza enigmática e distante aliada a um talento amplamente reconhecido, fizeram da parisiense Catherine Deneuve um dos mitos do cinema europeu durante mais de duas décadas. Nascida Catherine Dorléac, em 22/10/43, era a terceira das quatro filhas de Maurice Dorléac e Renée Deneuve, um casal de sucesso nos palcos franceses. Mas, apesar disso, Catherine teve uma educação provinciana e nunca recebeu o incentivo dos pais para seguir a carreira de atriz. O impulso maior proveio de sua irmã mais velha, Françoise, também atriz. Aos 17 anos, conheceu o cineasta e produtor Roger Vadim, por quem se apaixonou. Sob sua direção, teve seu primeiro papel de destaque em *O Vício e a Virtude*, de 62, o mesmo ano em que nasceu Christian, seu filho com Vadim. Por sua atuação em *Os Guarda-Chuvas do Amor*, de Jacques Demy, conquistou a Palma de Ouro do Festival de Cannes como melhor atriz de 64. No ano seguinte estrelou o esquizofrênico *Repulsa ao Sexo*, a convite do diretor Roman Polanski, que procurava "uma garota angelical capaz de matar um homem com uma navalha", e logo em seguida casou-se, pela única vez em sua vida, com o fotógrafo inglês David Bailey, numa cerimônia nada convencional que tinha Mick Jagger como padrinho. Em 67, filmou *A Bela da Tarde*, sob a direção do mestre surrealista Luis Buñuel (com quem voltaria a trabalhar em *Tristana*, de 70), e atuou em *Duas Garotas Românticas*, pela última vez ao lado de sua irmã Françoise, que morreria em um acidente automobilístico pouco depois. Afetada pela perda da irmã e em processo de divórcio de Bailey, Catherine dava a volta por cima em 69, participando de *A Sereia do Mississippi*, de François Truffaut. A partir de 71, funda sua própria companhia cinematográfica — a *Films de la Citrouille* — e no ano seguinte nasce Chiara-Charlotte, sua filha com Marcello Mastroianni, com quem desenvolveria um romance até 75. Sua carreira cinematográfica continuou, sempre cercada de muito prestígio, sem nunca se render ao sucesso fácil. De 77 para cá, também começou a fazer comerciais para produtos tão sofisticados quanto ela, como o perfume Chanel 5 e automóveis Mercury. Hoje, do alto de seus 44 anos, vivendo em Paris, *La* Deneuve ainda continua na ativa com a mesma distinção e exuberância, para alegria dos cinéfilos em geral. *Celso Pucci*

BRASIL TOUR'88

PATROCINIO ® Jeaneration

TITÃS

wea



NEW ORDER

O MAIS FINO SABOR DE MANCHESTER

O novo álbum. Antes dele, sai o primeiro solo de Bernard Sumner — sempre um sintoma perigoso — com participação de Johnny Marr. Enquanto isso, escola os parados americanos o remix "Blue Monday '88", executado por Quincy Jones. Fatos são os últimos novos. Antes de tolexá-los, Pepe Escobar já tinha batido um longo papo com três quartos da banda independente que mais vende discos no planeta

"Oh, Manchester, quanto tens por responder..." O verso é de Morrissey, quando ainda estava começando a exorcizar suas fantasias de quarto solitário em cima de James Dean, Oscar Wilde, inspetores perdidos, fama e glória. O trem Londres—Manchester avança a 140 km/h e passa pela cabeça não só uma história condensada do pop inglês quanto um *countryside* absolutamente entediante. Em uma estação deprê-total, puro detrito da Revolução Industrial, comento com minha fotógrafa: "Como é que alguém pode morar em MacClesfield?"

Meia hora depois, na gloriosa Piccadilly Station de Manchester, fico sabendo que metade do New Order, Stephen Morris e Gillian Gilbert, mora em MacClesfield. Gillian acaba de passou batom, sombra e rímel para essa entrevista histórica. Peter Hook, com o heavy metal *look* já abandonado — nos recepciona. Em puro Manchester style, ou seja, qualquer nota, a entrevista é na própria lanchonete da estação, com chá em copinho de plástico e um homenzinho passando de vez em quando vendendo o *Manchester Evening News*.

Bernie Albrecht não veio. Não exclusivamente porque esteja gravando seu álbum solo (isso é para mais tarde). Não veio também porque está dedicando-se ao sócio, New Order, depois do sucesso de "True Faith" e *Substance*, dedica-se a um relativo ócio, interrompido por um jamming de onde sairá o próximo LP. No *warm up* para a entrevista, descobrimos que Gillian Gilbert *não fala* (igual a Lady Di) e Stephen Morris é fissurado em tiradinhas cínicas. Peter Hook cai de pau nos japoneses, nos americanos (todos invariavelmente idiotas), diz que jamais moraria em qualquer outro lugar além de Manchester. Anuncia que não conhece música brasileira. Mas comenta como ficou impressionado ao saber a quantidade de discos — e a popularidade — de uma "cantora brasileira negra" (viu em um programa de TV; não lembrou o nome da cantora). Para Mr. Hook, o Brasil é uma curiosa fantasia que lhe remete a generais da SS e gente comendo restos de lata de lixo enquanto as limusines passam a cem

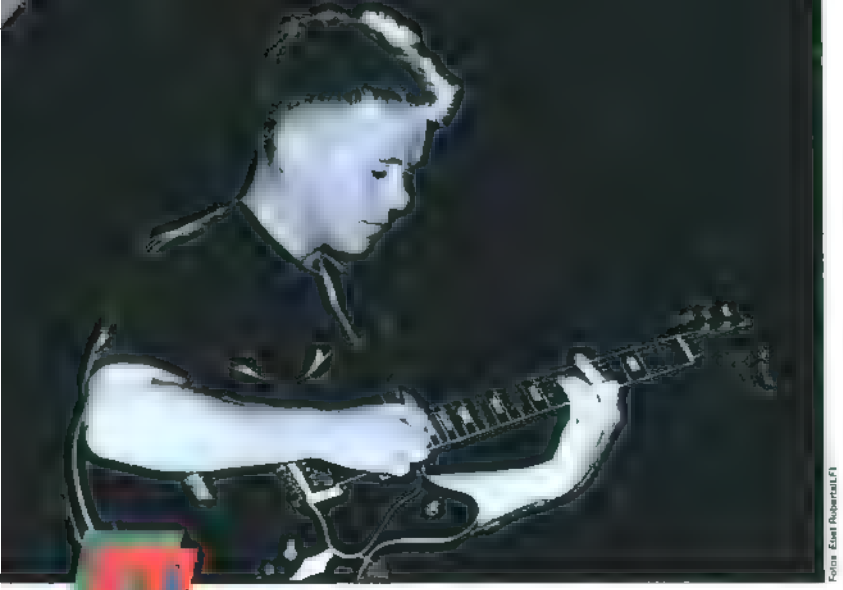


Foto: Ebet Roberts/LFI

"Morrissey não é tão mau... mas não é tão bom. Há coisas interessantes onde quer que você vá. No Brasil, por exemplo, gente se alimentando de latas de lixo ao lado de limusines" (Peter Hook)

New Order, claro, não vai se dissolver. Sua preocupação é com o novo status de quase superbanda mundial. Preferem não entrar em detalhes no (ainda) delicado assunto Ian Curtis. Ao final da entrevista na lanchonete, New Order pagou a conta e deixou seus três autógrafos para a escocesa da caixa, que quase teve um colapso.

Peter nos convidou para a noite de hip hop no mítico Hacienda, também conhecido como Fac 51 (o 51.º produto saído da Factory Records). À tarde, refizemos os itinerários ur e subur-banos de Morrissey, incluindo a desolada Strangeways (está no título do último LP dos Smiths). Manchester é a cidade ideal para incitar qualquer alma ao suicídio. As duas únicas exceções ao tédio terminal são alguns pubs de subúrbio — com faces dignas de entrar na História da Pintura — e a trilha sonora do Hacienda — extra-acid house e extra-heavy remixes de DJ. Os locais são extremamente delicados — ao contrário dos ingleses — e não costumam posar — ao contrário dos ingleses. Em uma medida da finesse de seus acionistas, New Order não toca no Hacienda.

BIZZ — *Para começar. New Order nunca se interessou muito em falar com a mídia — o que por um lado pode ser muito saudável.*

Stephen — Mas nós falamos com todo mundo.

Peter — Há uma diferença entre falar e se construir uma imagem de pop star. Isso quem faz são os outros, não nós.

BIZZ — *Muita gente refere-se a New Order — como antes ao Joy Division — como "o som de Manchester". Como vocês se relacionam com a cidade? Como ela impregna o que vocês fazem? Aquela história do homem como produto do meio ambiente.*

Peter — Eu ando muito pela cidade. Mas Stephen vive em MacClesfield. Acho que é a mesma coisa em qualquer lugar que você vive, não é? Não sinto necessidade de subir em um cavalo e pregar as virtudes de Manchester.

BIZZ — *Morrissey construiu uma espécie de mitologia própria de Manchester — e é interessante comparar com o approach de vocês completamente diverso.*

Peter — Para ser honesto, acho que ele merece. Ele não é assim tão bom. Não é tão mau, mas não é tão bom. Há coisas interessantes onde quer que você vá. No Brasil, por exemplo, gente se alimentando de latas de lixo ao lado de limusines.

BIZZ — *Vocês sofreram alguma influência forte do american way of life, ou dos valores americanos, depois que começaram as tours constantes?*

Peter — Os americanos são um pé no saco a maior parte do tempo. Nos tínhamos tantos problemas antes, quando não tínhamos um contrato de distribuição na América, quanto hoje, que temos o contrato. Na maior parte do tempo, eles se comportam como galinhas com um lenço na cabeça. Certamente isso não me provoca a pensar na "terra do futuro".

BIZZ — *No início vocês eram uma cult band para um grupo seleto de pessoas. Hoje são uma banda extremamente popular, até mesmo nas pistas de dança de todo o planeta.*

Peter — Eu nunca entendi essa história de cult. Uma cult band é quando você está tentando fazer sucesso, não tem atenção de mídia, e é muito difícil para alguém que não mora em Manchester ouvir falar de você. Mas de repente todo mundo em Manchester ouviu, os amigos se telefonam, o barulho aumenta, e todo mundo ouviu falar de você antes da imprensa.

BIZZ — *Mas nos primeiros tempos de New Order havia uma espécie de sociedade secreta em Londres, no Brasil, na Malásia, gente que realmente cultuava vocês como the real thing.*

Peter — Mas isso eu acho que sempre vai acontecer a quem faz boa música. Sempre que você escuta um bom disco, vai falar para seus amigos. E essa banda vira uma cult band entre vocês, ou no seu bairro.

BIZZ — *Vamos pegar alguns pontos nesse aspecto. Martin Hannett realmente ensinou vocês a produzir discos?*

Stephen — É, ensinou a não colocar muitos músicos em um estúdio *(risos)*.

Peter — Na época, nós éramos muito jovens para apreciar o seu trabalho. O negócio é que ele não gostou muito do que ele passou junto com a gente. Produzir é um dos piores trabalhos do mundo. Ficar convivendo só com músicos... *(risos)*

BIZZ — *Vocês começaram a produzir seus próprios discos em 83, não é?*

Stephen — Logo depois de Martin. Nós achávamos que podíamos fazer melhor do que ele *(risos)*.

Peter — Ambição... até que não é uma coisa ruim, ambição. Contanto que esteja dirigida para o lugar certo.

BIZZ — *Como vocês toparam com "Blue Monday"? Foi um acidente, brincando com drum machine?*

Stephen — A gente estava roubando um riff de bateria de Donna Summer *(risos)*. Não sabemos exatamente como foi.

BIZZ — *Um acidente planejado?*

Peter — Bernard é que estava interessado em toda a cena de dança. Stephen arrumou uma drum machine. Os dois se juntaram... Mas não foi a primeira que fizemos assim.

Stephen — Mas essa foi a primeira drum machine que dava para programar no tempo real. Não foi a primeira música em que usamos drum machine. Qual foi? *(Os dois ficam trocando figurinhas tentando lembrar.)*

BIZZ — *"Decades" era com drum machine não?*

Stephen — Sim, mas foi uma antes.

Peter — "Isolation".

Stephen — Não. Mas foi ainda com o Joy Division.

Peter — Nós já tínhamos usados sintetizadores há bastante tempo, com o Joy Division.

BIZZ — *Mas aí vocês começaram a explorar ritmos mais dançantes.*

Stephen *(lembrou)* — "The Eternal".

Peter — O ponto, em tudo isso, é que a tecnologia se desenvolveu muito. Quando estávamos no Joy Division não havia máquinas. Havia uma drum machine, mas estava caindo aos pedaços. Na hora em que chegamos a "Blue Monday" e *Power, Corruption and Lies*, já conhecíamos e entendíamos um pouco de tecnologia.

Stephen — Sintetizadores polifônicos não tinha nada disso. E nas drum machines só tinha aquelas teclas "samba", "mambo"... Poderia ter dado muito certo no Brasil!

BIZZ — *Vocês foram uma das primeiras bandas brancas a trabalhar com hip hop. Vocês foram atrás de Arthur Baker? Ou ele os procurou?*

Stephen — É, um amigo meu conheceu Arthur Baker em Nova York e ele disse que queria fazer alguma coisa conosco. Nós aceitamos, mesmo porque estávamos querendo passar uma semana em Nova York. Então escrevemos uma música.

Peter — O gozado é que deveria ser um remix de "Blue Monday", não é?

Stephen — Uma coisa era isso, e a outra era "Five Eight Six". Depois tudo virou uma história muito enrolada.

Peter — E o que ele fez naquele "Confusion" não soa melhor do que a nossa versão em *Substance*...

BIZZ — *Isso nos leva a outro ponto: vocês conseguem manter completo controle sobre todos os aspectos da marca New Order, como as capas de disco, os vídeos, o material de promoção? Vocês supervisionam tudo?*

Peter — Nós costumávamos, antes. Mas desde que começamos a fazer, entre aspas, sucesso, não dá tempo. E as pessoas agora acham que elas sabem melhor do que nós mesmos o que é melhor para a banda. Por causa do sucesso de "True Faith", todo mundo fala, "O que vier agora tem que ser como 'True Faith', tem que fazer tanto sucesso". Nós nunca tivemos esse tipo de pressão antes. A gente podia até querer fazer um *Metal Machine Music*.

BIZZ — *Muitas pressões de gravadora?*

Peter — De todo mundo. E agora estamos rodeados por muito mais gente. E tem a América.

BIZZ — *"True Faith" foi quase um choque para vocês, um big break que de repente os jogou quase para a liga das bandas que tocam em superestádios. Foi um choque? Ou foi um problema?*

Peter — Nos não temos realmente problemas no momento. É só que tem havido uma mudança gradual — nós temos tido cada vez menos tempo para cuidar de muito mais coisas. Mas isso não nos mudou. Em nada.

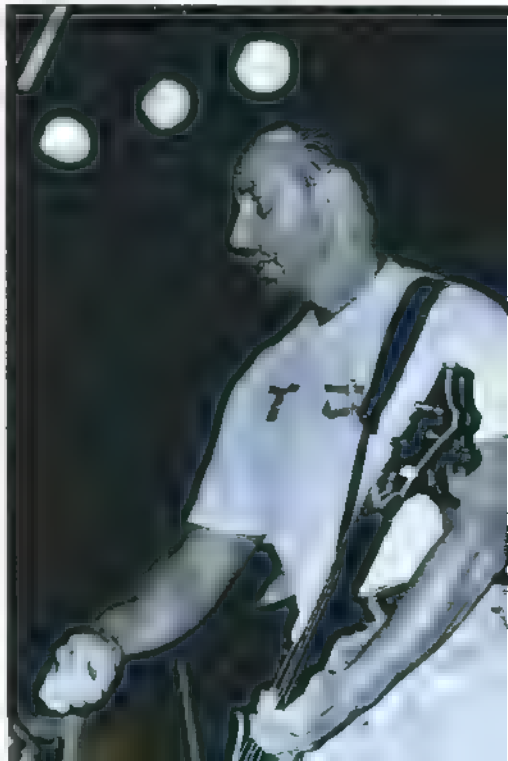
Stephen — Se eu tivesse mudado, o nosso próximo disco seria um outro "Blue Monday". Ou "True Faith part 2". É isso que as pessoas querem fazer em gravadoras — para poder continuar com o mesmo tipo de atividade promocional. Se a gente fizesse isso, seria muito chato.

BIZZ — *No correr do tempo, houve uma transformação marcante no conteúdo de suas letras, junto com a forma. É só comparar, por exemplo "You Silent Face" com "The Perfect Kiss", "Thieves Like Us". Elas eram mais melancólicas, no início, e depois foram virando algo como* love songs.

Peter — É difícil para mim descrever por que mudou. Acho que ficou mais fácil compor — talvez pelo fato de que Bernard esteja compondo há um bom tempo. Basicamente, quando nos começamos, alguém dizia: "Escrevam letras, escrevam frases para os vocais". Nós não sabíamos como. Sempre deixamos isso com Ian. Acho que aprendemos. Por que Barnie canta canções de amor, eu não sei. Você tem que perguntar para ele.

Stephen — É um dos temas mais fá-

"Antes a música de alta energia era sinônimo de guitarras vistosas. Hoje a energia está com a drum machine a 156 batidas por minuto" (Stephen Morris)



Russell Young/LFI

"Não tínhamos desejos de fazer uma música maravilhosa. Nós só queríamos ser notados" (Peter Hook)

ceis por aí, não?

BIZZ — *Ele escreve todas as letras sozinho?*

Peter — Quando ele está inspirado, faz por si só — o que não é muito comum. Se não, fazemos todos juntos.

Stephen — Geralmente ele vem com um verso e o refrão e nós nos reunimos e "cobrimos os buracos".

BIZZ — *Voltando a um ponto: no início o som de vocês era mais tortuoso e torturado — depois foi abrindo-se para "mais luz". Vocês até chegaram a colocar seus próprios rostos em uma capa de disco.*

Peter — Será que nós ficamos melosos?... Você muda à medida que envelhece, ganha mais experiência.

Stephen — Acho que isso vale para a música em geral. Antes a música de alta energia era sinônimo de guitarras vistosas. Hoje a energia está com uma drum machine a 156 batidas por minuto, a música é mais dançável, mais orientada para a batida.

Peter — E outra: a tecnologia, hoje, te dá a chance de poder *ouvir* uma bateria como se deve. Você procura o som de bumbo na mixagem de discos antigos e não consegue encontrar!

BIZZ — *Falando de ritmos, as vozes aparecem com algumas coisas cuja proveniência provavelmente desconhecem. Um exemplo: no mix de "Bizarre Love Triangle" há um padrão de batida que é puramente brasileiro, o que lá chama-se "batucada".*

Stephen *(sorrindo)* — Sabe como a gente fez isso? Nós botamos os arpejos no Emulator e apertamos cinco teclas, dois compassos, e só. Não foi programado para soar assim. Era um jeito de fazer um outro tipo de *percussion break*. Soava bem.

BIZZ — *Como é seu processo de composição? Vem, basicamente, de jams?*

Peter — É, tudo nasce mais ou menos de uma jam. Idéias que vão tomando forma. Nenhum de nós costuma vir com uma música pronta. É um processo lento. Cada música nossa leva um longo tempo de elaboração. Sempre passamos pela fase em que todas as músicas têm o mesmo som. E aí começa... como fazer para elas terem cada uma sua personalidade. E elas tendem a ser no mesmo tom.

BIZZ — *Vocês tem problemas com tonalidade?*

Stephen — Nós não temos problemas, o negócio é que nunca precisamos saber do que se trata. Não é importante.

Peter — O problema começou quando vimos que algumas músicas eram fáceis para Barnie cantar e outras muito difíceis. Alguém falou: "Deve ser o tom"... E nos: "Que tom?"

Stephen — Não é preciso ter conhecimento de música para ter uma banda.

BIZZ — *Quais eram as suas influências musicais, ainda na época do Joy Division? Se é que tinham alguma.*

Peter — Pessoalmente, eu ouvia heavy metal quando tinha 16 anos. Costumava ir uma vez por semana à disco... Só comecei a tocar guitarra com 21 anos, um pouco tarde. Foi Ian que realmente nos educou, eu e Barnie. Ele trazia todos aqueles discos e dizia "escutem só isso, Lou Reed, Velvet Underground, Doors, é muito bom". Nós nunca tínhamos ouvido. Tivemos nossa educação musical com Ian, porque ele consumia tudo em disco.

Stephen — O que estava acontecendo na época era *Low*, *The Idiot*, *Roxy Music*, isso que a gente ouvia era o que nos influenciava.

Peter — Nós começamos mais com a idéia de "tirar uma fasquinha" nessa história de ser rebeldes. Não tínhamos desejos de fazer uma música maravilhosa. Nós só queríamos ser notados.

BIZZ — *Isso que vocês sempre tiveram, de fazer as coisas por si próprios, essa ética, pode-se dizer que está relacionada com o espírito punk?*

Peter — Deveria estar relacionada realmente. Nós temos isso até hoje, e sempre tivemos a oportunidade de nos satisfazer, junto com Rob, nosso manager. Sempre trabalhamos como um grupo de cinco pessoas. Com Joy Division, nós estávamos a um passo de assinar com um grande selo, o Genetic, de Martin Rushent, e a única coisa que era motivo de discussão naquele ponto, era o inevitável dinheiro. Nós achávamos que assinar com a Genetic, que tinha muito dinheiro, era a única coisa que a gente podia fazer. Mas aí Tony *(Wilson, da Factory)* e Rob reuniram-se e decidiram: "Vamos soltar um LP nós mesmos, independente, pela Factory". E foi isso. Só porque *Unknown Pleasures* tinha feito sucesso local não quer dizer que a gente estava ganhando dinheiro. Dava apenas para sobreviver. Claro que esse tipo de arranjo não funcionou na América. A América é grande demais.

BIZZ — *Vocês tem idéias similares no que concerne a turnês de vários meses e a passar muito tempo em estúdio?*

Stephen — Nós não fazemos turnês longas. Nós passamos, isso sim, muito tempo em estúdio. As turnês são sempre uma decisão pessoal — vamos fazer ou não. É bastante democrático. Quando ficamos no estúdio por dois meses, da vontade de sair e tocar. E aí vemos. Mas é só isso?", e já queremos fazer outra coisa.

Peter — Mas a coisa chegou a um ponto tal que, depois de lançarmos o próximo disco, poderíamos decidir ficar em casa, e não promovê-lo. Apesar de tudo, ainda estamos no ponto de fazer o que nos dá na cabeça.

BIZZ — *E quanto ao Hacienda... vocês ainda são acionistas?*

Peter — É, ainda somos acionistas, espiritualmente... Nós estamos abrindo uma outra casa, um bar-restaurante.

BIZZ — *O Hacienda dá dinheiro? Andou tendo problemas, não?*

"E digo o que não considero interessante: o novo single dos Sugarcubes. Yeachh!" (Stephen Morris)

Peter — Sobrevive. Afinal, sobreviveu cinco anos. Tivemos que acabar com os shows ao vivo e fazer só disco. Show não dava mercado no Hacienda, não é o tamanho certo. É meio frustrante, porque nos surgimos como uma banda em shows ao vivo. Seria legal dar a Manchester um lugar para shows, mas Manchester foi por outro caminho, garotos só querem grandes bandas internacionais.

BIZZ — *Public Enemy, quando esteve aqui, proclamou Manchester como "a capital mundial do hip hop"*

Stephen — Com hip hop parece que estão sempre tocando o mesmo disco. Mas eu acho que é o mesmo a "capital mundial etc."

Peter — Sábado tem uma grande noite de house music, também. Hip hop na sexta. Não sou seu fã em particular. Para mim tudo tem o mesmo som.

BIZZ — *Mas vocês não se interessam pela maneira com que usam colagem, cut ups? Afinal, vocês utilizam uma série de colagens — de uma outra maneira — em seus mix.*

Peter — Acho interessante, mas não acho que vá durar muito tempo. Ouvi uma banda muito boa recentemente, Soho, e gostei da maneira como fazem o amálgama de uma série de canções. Foi uma das únicas coisas que ouvi em séculos que me chamou a atenção.

BIZZ — *Gillian, é você que coordena toda a sintetização eletrônica no New Order? Se não, como você organiza a massa de teclados?*

Gillian — É meio difícil condensar tudo em cinco minutos. Quando nós começamos, usávamos máquinas simples, fáceis de programar. Eu programava, Barnie me ajudava em alguns fraseados. Depois foi ficando mais complicado, tomando mais tempo, e contratamos alguém para programar para nós. Eu me concentrei em escrever. Temos também uma estrutura diferente da que usamos em ensaio. Em vez de levar todo o equipamento para turnês, condensamos tudo em dois samplers, o que facilita muito ao vivo, em controle. O problema é que há uma série de programas para se tomar conta, e você tem que organizá-los mentalmente. Eu tenho, geralmente, cinco minutos entre uma música e outra para mudar os programas — enquanto estou tocando tenho que manter a atenção nisso também.

BIZZ — *Essa mecanização atrapalha?*

Gillian — Não, nós sequenciamos tudo. Em algumas músicas, por exemplo, eu tenho que tocar a linha de baixo, ao mesmo tempo que guitarra, então sequenciamos o baixo.

BIZZ — *Como vocês vêem o fato de que o New Order eletrônico é muito mais melódico do que o New Order acústico? E vocês têm um* feeling *fabuloso para melodias que "pegam". É geral, vem de um de vocês em particular?*

Peter — Acho que vem de todos nós. Por que o material eletrônico é mais melódico, não sei... Acho que nós evoluímos, basicamente.

BIZZ — *Vocês odeiam dar bis ao vivo. Por quê?*

Peter — Eu suponho que a razão principal seja o fato de que nunca gostamos muito de tocar ao vivo. Hoje até que damos mais, mas pessoalmente acho que é um pouco redundante. Você trabalha duro para tocar seu *set*, e isso é o que basta. Isso também tem a ver com minha desilusão em ver bandas, como Echo & the Bunnymen, que têm tudo planejado, até mesmo as *encores*. Nós não fazemos isso nem com os *sets*.

BIZZ — *Os rumores continuam de que vocês vão, virão ou podem vir a tocar no Brasil.*

Peter — Nós já fomos convidados para tocar no Brasil três vezes. Nós deveríamos estar naquele festival com Duran Duran. Mas o Simply Red é que terminou indo. Acho que o agente deles é mais esperto do que o nosso.

BIZZ — *Há alguma coisa na cena musical atual que vocês considerem particularmente interessante?*

Stephen — Te digo o que *não* considero interessante: o novo *single* dos Sugarcubes. Yeachh!

Peter — Nada... Ouvi ontem um programa de country & western. Isso é interessante. É muito difícil ser "novo" nos dias de hoje.

BIZZ — *A culpa é dos conglomerados e de produtores que têm um som na cabeça — cuja equação é produto de jogadas de marketing?*

Peter — E, é isso. Uma pena. Mas pelo menos tem o outro lado: alguém pode comprar um computador e começar a "fazer música". É a definitiva atitude punk. Nada mais é sagrado. Você pode fazer o seu disco soar tão bem produzido quanto Stock, Aitken e Waterman.

BIZZ — *Só um detalhe: vocês são contra as leis de copyright?*

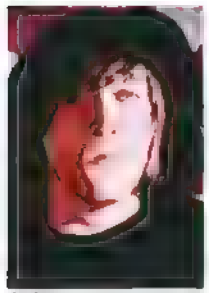
Stephen — Sampling? Não. Somos uma das bandas mais pirateadas do mundo. Se a gente exigisse copyright de "Blue Monday", estaríamos milionários.

Peter — Tinha um disco no "Top of the Pops" ontem à noite, acho que era "S-Express", com um break bem, bem velho, de Barry White ou algum outro, e a garotada hoje (14, 15 anos) não sabe, pensa que é alguma coisa nova. Nós falamos: "o que é isso, eu ouvi esse som há quinze anos!" Não tem nada de mais. Quem defende essas leis é gente ambiciosa, avarenta. Stock, Aitken & Waterman, esses caras têm quatro Ferraris, oito Jaguars e ficam choramingando porque alguém usou dois segundos de um de seus discos... É patético. E eles roubaram de todo mundo...

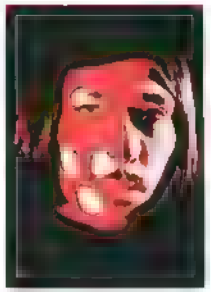
Stephen — Todo mundo é influenciado por todo mundo. Muitas vezes começávamos a querer fazer *cover versions*, mas aí terminávamos escrevendo uma música. Nos descobrimos, por nós mesmos, que é muito mais fácil escrever do que fazer covers, pegando um riff daqui, outro dali...

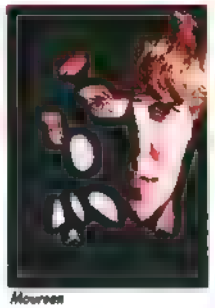
OS VERMES DA GRANDE MAÇÃ

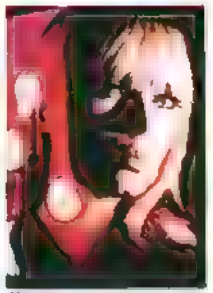
VELVET UNDERGROUND


Sterling

Lou


John


Moureen


Nico

Dos subterrâneos da metrópole de Nova York, surgiu o grupo mais maldito dentre os malditos. Rock'n'roll mesclado a música eletrônica. Canções sobre violência, drogas pesadas, sado-masoquismo... Tapas com luvas de veludo

PARTE I

A importância do Velvet Underground pode ser atestada pelas marcas indeléveis que sua efêmera porém brilhante carreira deixou na história do rock. Durante mais de duas décadas, bandas significativas de diversas tendências foram influenciadas diretamente por sua postura e concepção musical, ou renderam tributos ao Velvet através de covers (uma longa lista que inclui Can, Stooges, New York Dolls, Television, Fall, Joy Division, Japan, Echo & the Bunnymen, Nick Cave & the Bad Seeds, R.E.M., Jesus and Mary Chain e Sonic Youth, entre outros). Qual seria a causa de tamanho prestígio, que, no entanto, foi adquirido apenas com o passar dos anos? O fato é que o Velvet fazia uma música basicamente apontada para o futuro, sob moldes por demais radicais mesmo para a época turbulenta na qual despontou. Um som que parecia celebrar as exéquias do psicodelismo, prenunciando uma gênese prematura do movimento punk, e que poderia ser ilustrado pelo paradoxo de que seu LP de estréia (de março de 67, três meses antes dos Beatles lançarem o *Sgt. Pepper's*) apesar de até hoje constar de todas as lista de melhores álbuns de rock de todos os tempos, nunca esteve colocado entre os cem primeiros em qualquer parada. *That's the story of their lives*.

Meados dos anos 60, o advento do *flower power* nos EUA: o rock ia se consolidando como um dos principais estandartes revolucionários da juventude, ao lado da liberação sexual, das drogas e do misticismo. Surgiam os hippies. Mais de vinte anos depois, não é difícil perceber que, descontadas as boas intenções, aquele fervor libertário foi plenamente assimilado pelo *establishment*, transformando-o em mais um artigo no supermercado das referências estéticas. Já naquela época, no entanto, havia quem intuísse que, quando toda aquela névoa púrpura se dissipasse, as "crianças com flores nos cabelos" não ficariam imunes aos mesmos vícios ancestrais da sociedade que almejavam transformar.

A capital daqueles que, mesmo no auge do *flower power*, já profetizavam o cinismo e o desencanto dos tempos vindouros era Nova York, a *Grande Maçã*. Nessa megalópole multirracial, a paz e o amor então apregoados perdiam o sentido diante de um cotidiano frenético e tomado pela violência. Nas ruas, o sonho convivia com o pesadelo: não só as paisagens oníricas embaladas por LSD e maconha, mas sobretudo o paraíso fugaz e cercado de abismos profundos da anfetamina e da heroína. O panorama artístico local fervilhava com a *pop art*, através da qual os mais deslavados ícones do consumo de massa adentrariam nos respeitáveis museus e galerias da cidade. A arte se livrava de sua aura "mágica" e atemporal, e assumia o caráter descartável de uma lata de sopa Campbell's ou de uma garrafa de Coca-Cola. E havia a Factory, o superateliê montado por Andy Warhol e Paul Morrissey, ponto de encontro de toda a fauna do underground novaiorquino. Enfim, um mundo completamente à parte, tanto do império de cores lisérgicas dos hippies da Califórnia, quanto dos matizes cinzentos do puritanismo dominante no resto dos EUA. Foi lá que, em 65, nasceu o Velvet Underground, a primeira banda de rock absolutamente moderna.

O V.U. foi um projeto concebido principalmente pela verve musical de John Cale e Lou Reed. O primeiro, um introspectivo criador de música contemporânea, que fora aluno aplicado de grandes compositores de vanguarda, o outro, apesar de ter estudado piano clássico, trocou-o pela guitarra e pela energia primitiva do rock.

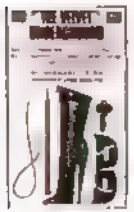
Ainda adolescente, Lou já tocava guitarra em uma banda chamada The Jades e, aos 14 anos, gravou seu primeiro disco (o compacto "So Blue"/"Leave Her for Me", de 57). Nascido em Nova York, primogênito de uma família abastada, ele tinha caprichos tão diversos como ler poetas românticos franceses, colecionar discos de rock'n'roll e freqüentar os ambientes mais sórdidos de Manhattan. Aos 18, vai para a universidade de Syracuse, no Estado de Nova York, por influência de seus pais. Mas, lá, passa a maior parte do tempo tomando porres com Sterling Morrison — seu colega de quarto, também guitarrista — e o poeta Delmore Schwartz, discutindo interesses comuns como música e literatura. Mesmo assim, conse-

gue concluir o curso e volta a morar com seus pais em Long Island. Então, decide tornar-se compositor profissional e começa a trabalhar para a Pickwick, uma pequena gravadora local especializada em produções comerciais baratas. Foi ali que, em fins de 64, gravou um compacto sob o nome The Primitives. Mas o grupo não existia.

Para promover o disco, os responsáveis pela gravadora convidaram John Cale e Tony Conrad, que conheceram por acaso e diziam ter um grupo de rock, junto ao baterista Walter DeMaria. Na verdade, os três eram colaboradores assíduos do compositor La Monte Young, ex-aluno de Stockhausen, que desenvolvia um trabalho pautado no serialismo e no minimalismo da música contemporânea. Junto a La Monte e sua mulher Marion Zazeela, John e Tony haviam formado um grupo chamado The Dream Syndicate, cuja concepção musical baseava-se em notas sustentadas durante duas horas a fio, produzidas por duas vozes, um violino e a viola de John (com cordas de guitarra, "para obter um zumbido similar ao de uma turbina"), pautando-se nas ressonâncias da música indiana.

O embrião do Velvet: o compacto dos Primitives, de 64

O fato de John juntar-se a esse grupo não foi mera obra do acaso. Nascido no País de Gales, ele estudou composição e música eletrônica de 60 a 63 em Londres, até que Cornelius Cardew — um de seus professores e grande incentivador dos compositores americanos de vanguarda, dentre eles John Cage e o próprio La Monte Young — indica-o para estudar em Massachusetts, sob a orientação de Aaron Copland, que tolerara as experiências de seu pupilo por pouco tempo. Afinal, suas peças incluíam a total destruição dos pianos nos quais as executava. No início de 64, ele então foi para Nova York, onde encontrou-se com La Monte. A conjunção das idéias musicais de ambos foi imediata, mas John — por influência de Tony Conrad, com quem dividia um apartamento — também começara a se interessar pelo rock. Portanto, nada mais natural que John e Tony quisessem fazer parte dessa grande trapaça, fingindo que tinham uma banda.



Capa do livro pornográfico que inspirou o nome do grupo

No entanto, eles ficaram fascinados ao ouvir "Heroin" e outras canções de Lou. Uma das que seriam gravadas, "The Ostrich", tinha o seguinte verso: "Ponha sua cabeça no chão e tenha alguém para pisar nela", sobre o som de todas as cordas afinadas em um mesmo tom (algo que John já utilizara no Dream Syndicate). Este compacto, que a gravadora pensava em transformar num dance hit tornou-se o estopim de uma inevitável explosão subterrânea.

O pequeno selo logo faliu, mas a afinidade entre John e Lou perseverou. Ambos decidem manter a banda, apesar de não terem nenhum vínculo ou perspectiva comercial, mesmo quando a barra pesou e Tony Conrad e Walter DeMaria desistiram.

De um encontro casual no metrô com seu antigo colega de campus, Sterling, veio o convite de Lou para que ele se juntasse ao grupo, que então já contava com Angus McLise na bateria. Com essa formação, fizeram algumas apresentações com nomes como The Warlocks e The Falling Spikes, que não despertaram maiores atenções, e, durante o primeiro semestre de 65, envolveram-se com trilhas sonoras para performances teatrais e filmes underground. Foi nessa época que adotaram o nome The Velvet Underground, sugerido pelo ex-integrante Tony Conrad ao achar na rua um surrado exemplar de uma novela pornográfica sadomasoquista com esse título.

"Ponha sua cabeça no chão e tenha alguém para pisar nela" ("The Ostrich"), "Heroína é minha esposa, é minha vida" ("Heroin"), alguns dos versos de Lou

Em julho do mesmo ano, eles gravaram uma demo de distribuição restrita, que chegou às mãos do renomado jornalista Al Aronowitz — um dos primeiros a entrevistar os Beatles, Stones e Bob Dylan —, que convidou-os para abrir um show do Myddle Class (grupo que empresariava), em New Jersey. Mais que isso, Al parecia querer se tornar o empresário deles, o que desagradou profundamente o baterista Angus e o levou a abandonar a banda, pouco antes da estréia. Para o seu lugar Lou e Sterling lembram-se da irmã de um velho colega de universidade: Maureen Tucker, ou apenas Mo. Com essa formação, eles se apresentam pela primeira vez em meados de dezembro. A reação da platéia diante do Velvet foi de estupefação total. Al percebeu que seria o momento propício para lançar a banda e arranjou para que tocassem durante o mês de dezembro no Café Bizarre, no Greenwich Village.

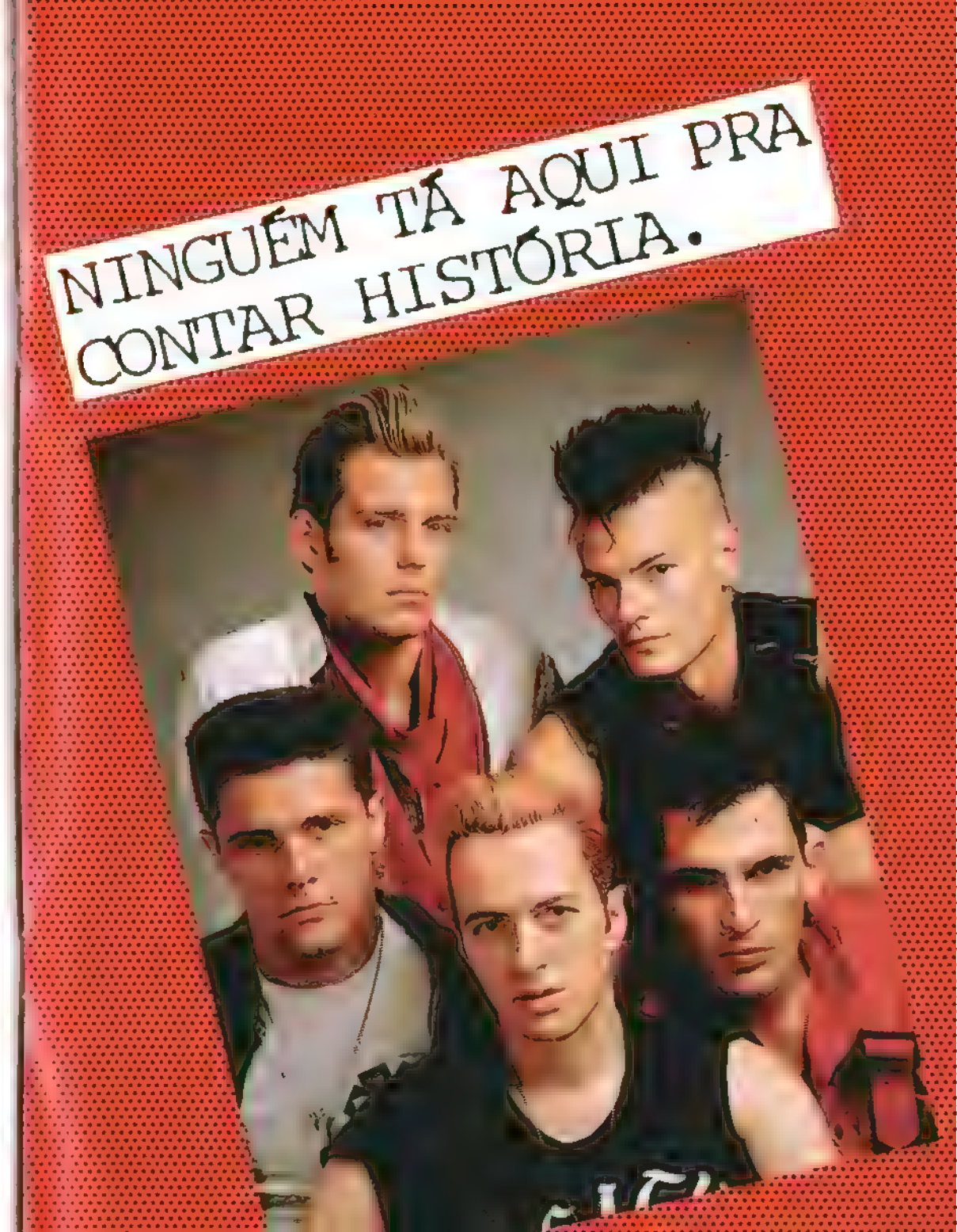
Foi lá que Andy Warhol conheceu o grupo, tocando covers de clássicos do rock'n'roll, assim como suas próprias composições. Ele ficou impressionado com o Velvet e imediatamente ofereceu-se para empresariar o grupo e convidou-os para ensaiar na Factory.

Então, foram apresentados à *chanteuse* Nico, segundo Andy "um computador IBM com trejeitos de Greta Garbo". Húngara de Budapest, de descendência espanhola e iugoslava, ela possuía uma beleza tão glacial quanto sua voz. Com apenas 15 anos, em férias pela Itália, participou — quase por acaso — do filme *La Dolce Vita*, de Fellini, tendo trabalhado como modelo e atriz na Alemanha e na França e até gravado um single na Inglaterra e depois vindo para Nova York com o objetivo de solidificar sua carreira como cantora.

Andy incentivou-a a participar do Velvet. A princípio, Lou e John não gostaram da idéia, com receio de que se tornassem uma banda de apoio de Nico. Mas mudaram de idéia ao perceber que, em vez de limitá-los, a voz dela poderia acrescentar novas nuances ao som do Velvet, a ponto de Lou compor algumas canções especialmente para ela.

A primeira realização conjunta ocorreu em um filme PB de Warhol, *The V.U. and Nico. A Symphony of Sound*, cujas filmagens realizadas na Factory foram interrompidas pela polícia, devido ao excesso de decibéis produzidos pelo Velvet. Logo depois surge o *Up Tight*, um projeto multimídia concebido por Andy, que seria o embrião do *E.P.I Exploding Plastic Inevitable*. Se, em *Up-Tight*, as apresentações do Velvet contavam com a performance de dois dançarinos (Gerard Malanga e Mary Woronov) e pela projeção de filmes e slides de Warhol e Morrissey, essa combinação — acrescida de outros elementos — seria levada às últimas consequências no *E.P.I*.

Montado durante abril de 66 no



Dom, uma casa noturna no Lower East Side, o espetáculo era puro delírio: o Velvet detonando suas canções esquizóides num volume ensurdecedor, junto ao bombardeio incessante de projeções superpostas, pinturas fluorescentes, luzes estroboscópicas e refletores por toda parte. No palco, a banda toda de preto e de óculos escuros (não por "estilo", mas para se proteger da potência das luzes), além dos bailarinos (então três, com a inclusão de Ronnie Cutrone) em performance com chicotes, halteres, agulhas hipodérmicas e grandes cruzes de madeira. Em meio a esse caos, o Velvet ia aperfeiçoando sua musicalidade ímpar. Os versos de Lou — ora cuspidos por ele próprio, ora no canto gélido de Nico — ganhavam cada vez mais força, envoltos na atmosfera sombria criada pelo baixo e viola de John e o amálgama de acordes básicos, solos primários, distorções e ruídos diversos produzidos pelas guitarras de Sterling e Lou (que chamava a sua de "ostrich guitar", guitarra-avestruz). Por sua vez, Mo tinha mudado a disposição de seu kit, de forma a poder tocar de pé, além de ocasionalmente incorporar à sua bateria peças estranhas, como latas de lixo.

Andy achou que era hora de eles começarem a gravar um álbum e os colocou durante quatro noites — ao custo de duzentos dólares — em um pequeno estúdio na Broadway. O clima era tenso entre Nico e Lou, porque este não queria que ela participasse das gravações. Andy conseguiu contemporizar a situação e o resultado foram quatro músicas, duas na voz de Nico ("All Tomorrow Parties" e "I'll Be Your Mirror") e duas com Lou ("There She Goes Again" e "I'm Waiting for the Man").

No começo de maio, o Velvet embarca com o *E.P.I.* para uma temporada de um mês na Costa Oeste, a suprema provocação. É claro que o público e a crítica em geral — e mesmo a polícia de Los Angeles, que fechou a casa onde eles tocavam na terceira noite — repudiaram a "violência gratuita" e o barulho causado por aquele bando de "pervertidos de Nova York" (uma repulsa recíproca, partilhada principalmente por Lou, que considerava execrável o cenário musical da Califórnia).

Enquanto esperava a reabertura do lugar em que deveria se apresentar, o Velvet continuou as gravações de seu LP em um estúdio local, ao mesmo tempo em que procurava um selo que topasse lançá-lo. A única gravadora que se interessou por eles foi a MGM, por influência do produtor Tom Wilson. Ele pretendia dar uma nova orientação ao selo Verve, tendo contratado Frank Zappa & the Mothers of Invention, e conseguiu convencer os responsáveis pela gravadora de que o som do Velvet também era "psicodélico". De contrato assinado, eles se despediram das plagas californianas com três shows no Fillmore, o templo do rock de São Francisco, ao lado dos Mothers e do Jefferson Airplane, como sempre, sob as vaias da platéia hippie.

De volta a Nova York, Lou foi hospitalizado com hepatite e Nico viajou para Ibiza. Mesmo desfalcado, o Velvet continuava a se apresentar no *E.P.I.*: John e Sterling encarregavam-se das guitarras e vocais, e na bateria contavam com a volta provisória de Angus McLise, substituindo Mo, improvisada como baixista. Em agosto, Lou e Nico reintegraram-se ao grupo, e o *E.P.I.* (acrescido de mais quatro dançarinos) voltou a excursionar. Por pouco tempo, pois logo o Velvet decidiu não mais se apresentar até o lançamento do LP. Nico não concordou e começou a cantar no Dom, acompanhada apenas pelo violão do compositor Tim Buckley, demonstrando sua intenção de seguir carreira solo. Em outubro, foram lançados dois compactos — "All Tomorrow Parties" e "Sunday Morning", ambos com "I'll Be Your Mirror" no lado B —, e Andy conseguiu arrastar o Velvet (sem Nico) para mais uma tour com o *E.P.I.* pelo meio-oeste dos EUA e Canadá, até o fim de 67.

The Velvet Underground and Nico Produced by Andy Warhol, ou o "disco da banana", ainda demoraria três meses para ser lançado, em decorrência da feitura da capa original — criada por Warhol, na qual a banana podia ser descascada, revelando um objeto roseo e insinuadamente fálico — e da foto da contracapa, onde o rosto do dançarino Eric Emerson, superposto ao de Lou em uma projeção, teve que ser "apagado", por Eric não ter entrado em acordo financeiro com a banda. Além da capa, a "produção" de Andy restringiu-se a algumas idéias e sugestões, não interferindo diretamente na parte musical. Esta ficou a cargo do Velvet (com a colaboração de Tom Wilson, que inclusive produziu a faixa de abertura, "Sunday Morning"). Ao contrário da avalanche sonora dos seus shows com o *E.P.I.*, o resultado em vinil obteve um tratamento em geral intimista, dando um formato contido para a violência e a crueza das canções. Gravado originalmente em mono, o LP teve seus efeitos de estéreo criados artificialmente, o que contribuiu para acentuar a impressão de uma "mixagem suja", característica de todos os discos do Velvet, algo que parecia fazer parte de sua proposta estética. Dessa maneira, os riffs de guitarras e as batidas primais eram pontuados pelos zumbidos da viola de John, formando uma moldura ideal para as letras de Lou, que giravam em torno de temas como a paranoia ("Sunday Morning"), drogas pesadas ("I'm Waiting for the Man", "Run Run Run" e "Heroin") e sadomasoquismo ("Venus in Furs"). Era o bastante para eles terem seu álbum banido mesmo das rádios de Nova York.

Logo depois do lançamento do disco, Warhol vai a Cannes apresentar seu filme *Chelsea Girls*. O *E.P.I.* prossegue com algumas apresentações ocasionais, porém sem ter nenhum esquema de promoção do LP do Velvet. No fim de maio, eles marcam duas apresentações em Boston, mas Nico havia recomeçado a cantar no Dom e prefere não acompanhar o grupo. Ela, porém, muda de idéia e viaja para lá, com a intenção de cantar com eles na segunda noite, durante o último número do grupo. O Velvet, no entanto, não permitiu que ela subisse ao palco. Seria a última apresentação do *E.P.I.*, cujo processo de desintegração foi agravado pelo fato de Andy estar envolvido em outros projetos, não tendo tempo para dedicar-se a ele. Em comum acordo com a banda, Andy decide então acabar com sua associação. No entanto, o som do Velvet ainda continuaria a verter através dos subterrâneos...

Celso Pucci

O som ensurdecedor, luzes estroboscópicas, refletores e projeções por toda parte, chicotes, halteres e agulhas hipodérmicas no palco: O *E.P.I.* em ação

Nico: "Um computador IBM com trejeitos de Greta Garbo"

66: a fúria do E.P.I. em plena Califórnia psicodélica

ELES DEBATEM EM CARÍCIA

A virgindade da garota ainda é importante?

GRÁTIS

E MAIS

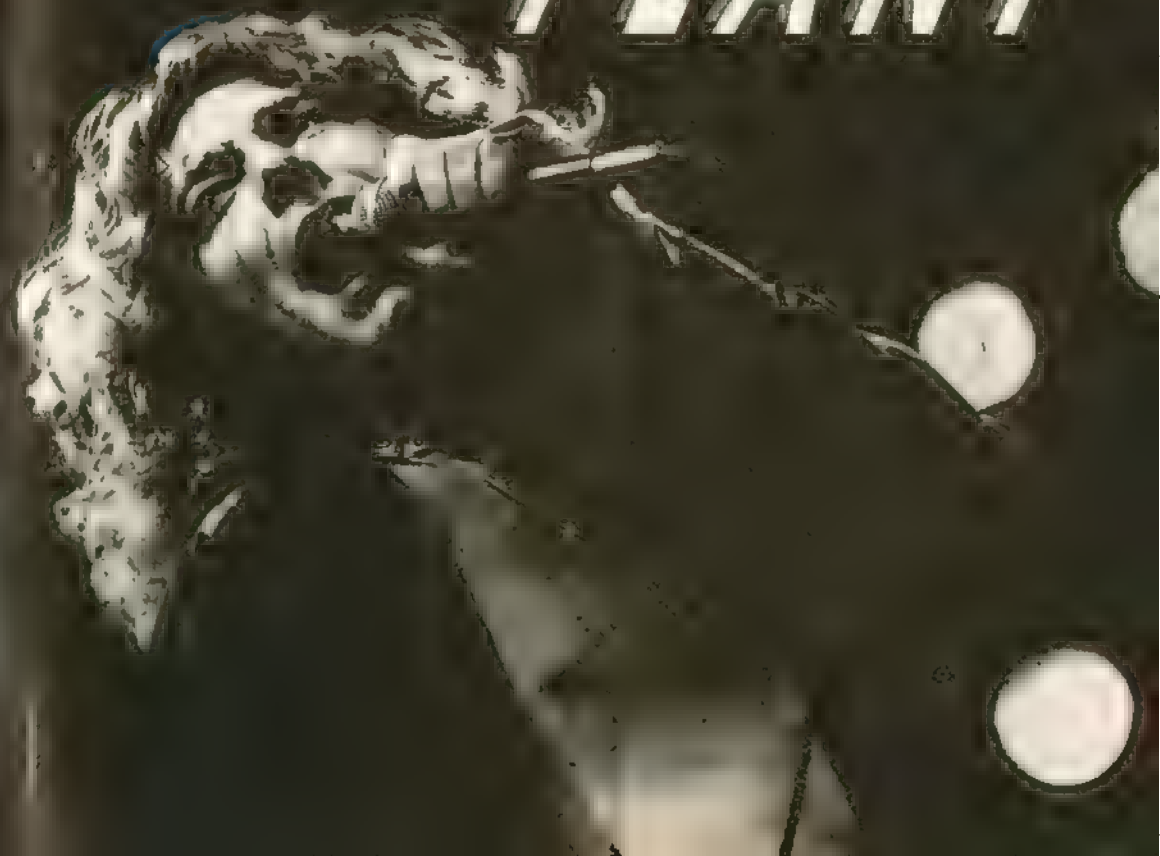
- Como vai o amor nos dias de hoje?
- Bacana e Joana, os namorados da Armação Ilimitada.
- Peso: tudo para você emagrecer numa boa.
- Moda de inverno: suéteres, capas, jeans e sapatos.
- Os jovens herdeiros do antigo Japão.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

ENTREVISTA

ROBERT PLANT



Durante um bom tempo, enquanto vigorou a ênfase radical e purista de punks e pós-punks, não havia nada mais demodé do que o bom e velho Led Zeppelin. Com o tempo, porém, voltou-se a descobrir — e não só graças ao Cult — que por trás dessa imagem de grandiloqüência vazia, havia um dos sons mais musculosos e ricos em dinâmica, do leve acústico e melódico ao bombardeio megadecibélico, da História do rock'n'roll. Quando Plant, Page e John Paul Jones reapareceram no Live Aid, o nó no peito foi geral...

É neste contexto que retorna a voz inconfundível de Robert Plant em seu quarto disco solo, Now and Zen (um trocadilho com a expressão inglesa "now and then" — traduzível como "nos dias de hoje e nos de outrora"). Mestre Jimmy Page reaparece com sua guitarra em "Heaven Knows" e "Tall Cool One", faixa em que os riffs históricos de "Dazed and Confused", "Whole Lotta Love", "The Ocean", "Custard Pie" e "Black Dog" voltam a marcar presença via a memória de um sampler. O fôlego novo vem também de uma banda de apoio jovem, comandada pelo novo parceiro Phil Johnstone, no lugar de Robbie Blunt — o guitarrista anterior, sempre criticado/elogiado por "parecer Jimmy Page!"

São, enfim, mais de vinte anos de História — da Band of Joy, seu grupo anterior ao Led, a Now and Zen — cobertos nesta entrevista cedida pela WEA.

BIZZ — *Na época em que foi lançado, você disse que* Shaken'n'Stirred *era seu disco mais satisfatório. Como você o veria agora, em comparação com* Now and Zen?

Robert — Bem, são climas totalmente diferentes. *Shaken'n'Stirred* foi uma extravagância musical para mim, à minha humilde maneira. Acreditava que estava dando umas boas guinadas, dizendo: "Para o inferno com a música pop!" Era a direção que eu achava que a música contemporânea que tivesse algum vigor deveria tomar. Pode-se até usar alguns *riffs* grandiosos mas, ao mesmo tempo, deve-se dar umas guinadas bruscas, como em "Trouble Your Money" e "The Sixes and Sevens", que tem sua dignidade e não deixam de ter começo-meio-fim nem o impulso acelerado necessário para um egomaníaco. Enquanto que *Now and Zen* é quase uma celebração de alegria, sem nenhum problema desse tipo na cabeça. Não há nada a provar, apenas canções para cantar. Basicamente isso. Se você deixar de lado uma ou duas canções, descobre que está oferecendo um punhado de canções com refrão, que as pessoas possam assobiar num dia de verão. Nada do tipo "note essa mudança de compasso" ou "preste atenção nesta virada da bateria", não há nada disso.

BIZZ — *Talvez a tentativa de desafio musical em* Shaken'n'Stirred *fosse desafiadora demais para certas pessoas?*

Robert — Bem, é o pessoal das rádios que decide o que vão ou não tocar. Mesmo assim, a coisa só fica no ar durante um tempo e se as pessoas não morderem a isca, é um fracasso comercial. O que tenho de resolver é se sigo a tendência principal do momento e fico girando em torno dela, seja para que lado estiver indo a corrente no oceano. Mas, obviamente, não tenho nenhuma razão para fazer isso.

BIZZ — *Acho que você nunca teve...*

Robert — Não, exatamente. Mas é uma linha tênue entre alimentar meu ego vendo todo mundo dançar, cantando junto no refrão, e vê-las sentadas, apreciando e absorvendo a música pela música. Acho que fui criado numa época em que a música em si era muito mais importante que o grau de sucesso, sabe? Nessa época distante, as paradas realmente não significavam muita coisa. Podia-se sempre acabar tocando para 500 mil pessoas numa turnê.

BIZZ — *Que tal falar um pouco sobre os músicos e de como* Now and Zen *nasceu e se formou. Você recebeu uma* demo *de Phil Johnstone, não?*

Robert — Sim, meu empresário resolveu sair pescando para ver o que podia arrumar para o repertório do disco, e aí fui presenteado com umas mil fitas de clones de Bryan Adams, fitas desse tipo entupindo a minha caixa de correio toda manhã... Como se ninguém soubesse que eu *nunca* tinha sido assim. Coisas forçadas, do tipo: vamos fazer de fulano um sucesso, nem que isso acabe com a gente. Aí, diferentes editoras estavam colocando seus compositores de plantão favoritos dentro de estúdios para fazer canções que pudessem ser submetidas a mim. E só para dar um toque de Robert Plant em algum lugar, punham alguma coisa esquisita no meio da canção, pensando provavelmente: "Ah, isso serve, vai ser um grande hit, tem esse trecho difícil no meio que ele vai adorar e, enquanto isso, o refrão é a coisa mais banal e horripilante que já se ouviu". Recebi também coisas que, depois, acabaram saindo nos discos de outras pessoas e que são igualmente horrorosas. Aí, de repente, chega uma fita da editora da Virgin, uma *demo* com execução excelente de uma banda chamada The Rest Is History, formada basicamente por Phil Johnstone e seu parceiro Dave Barrett. O trabalho a três acabou não dando certo porque Dave é mais um produtor e programador do que qualquer outra coisa e aí começamos a nos preocupar mais com o *feeling* e o clima, e isso não dá para ser programado, a não ser que o cara fique três, quatro meses em cima do computador. Aí Phil trouxe Chris Blackwell, o baterista, um músico novo mas já bem conhecido no meio — ele toca teclados, guitarra, canta. Chris, por sua vez, trouxe Doug Boyle, o guitarrista, e Phil Scragg, o baixista. Eles praticamente só jogavam e observavam o elemento perigoso, que vinha de Phil e de mim; nós dois ficávamos apenas tentando dar mais força e corte na coisa.

BIZZ — *Como surgiu "Heaven Knows"?*

Robert — Não tenho nada a ver com isso. Eu a roubei, para falar a verdade. Quer dizer: estava numa fita que caiu no chão daquela tonelada de Bryan Adams. Era a única coisa do lote que fazia sentido para mim, apesar de vir da parte de alguém que não tinha nada a ver comigo. A letra é muito boa, fiquei com inveja de não tê-la escrito eu mesmo e fui atrás dos autores para saber se podia lançá-la. Quando os encontrei, num bar, estavam bem nervosos — descobri depois que já tinham roubado muitas coisas do Led Zeppelin. Foi esse espírito de composição que o disco assumiu a partir daí. Compusemos juntos "Tall Cool One" e como conversávamos muito sobre o Led, acabei tendo de explicar muitas coisas. Quanto mais eu falava, mais o enfoque de trabalho do Led era incorporado.

BIZZ — *Na hora de gravá-la, você, já sabendo que ia trazer Jimmy, chegou a pensar, isto é perfeito para Jimmy?*

Robert — Exatamente. Tem aquele clima. Foi como se eu e Page nunca tivéssemos parado de trabalhar juntos. É legal pensar que tenhamos seguido caminhos que gerassem um reencontro, como uma coisa lógica mesmo.

BIZZ — *Que som de gaita de foles é aquele no começo de "Dance on My Own"? É você assobiando?*

Robert — É o tema de abertura do noticiário do British World Service, que pode ser ouvido em qualquer parte do mundo: "São doze horas em Londres...". O título original da canção era "Radio Shape". Alguma coisa do disco teria de tocar no rádio, pelo amor de Deus, e essa parecia a mais indicada — um refrão, um formato rádio. É uma espécie de continuação de "Doodoo and Dodo", do disco anterior. É como um night-club porto-riquenho. Se alguma vez soou assim .. era o que estava tentando fazer — algo sinuoso e simples, que pegasse.

BIZZ — *E a letra, como você interpretaria?*

Robert — Bem, é quase como ter uma missão. Por que Plant não cala a boca e simplesmente volta com Jimmy Page? Porque ele tem uma missão. Se tiver de dançar sozinho, vai dançar sozinho. Acho que é isso, nada muito profundo. Você sabe que eu sou e não sou uma pessoa séria, e que tudo que quero é ser visto... como eu me vejo. Como alguém que faz uma ou duas coisas com uma ligeira inclinação para o passado mas que, ao mesmo tempo, busca dar um passo adiante. Não quero seguir o caminho mais fácil. Não quero uma parceria com Chris Squire ou seja lá qual for a opção disponível. Quero tentar alcançar "aquela" luz, e acho que a maioria das faixas — não, *todas* — refletem fragmentos dessa luz que foi o que me levou a entrar na música, desde que comecei com a Band of Joy.

BIZZ — *"Billy's Revenge" é outra faixa que mescla o moderno e o tradicional ..*

Robert — É um rockabilly. Houve uma época em que tudo que eu queria fazer na vida era rockabilly. E eu nem sabia que isso existia até fazer 13 anos — aí ouvi "Woman Love", de Gene Vincent. Uma canção censurada em todas as rádios porque era sugestiva demais, fantástica — um rockabilly lento e sinuoso. Uma fascinação constante em minha vida.

Celebrity Photo

BIZZ — *Você poderia contar como foi subir no palco do Live Aid, na Philadelphia?*

Robert — Bem, havia uma mistura de entusiasmo e .. acabei mastigando furiosamente todas as palavras da letra. Nunca me senti dizendo tantas inverdades, nunca imaginei que voltaria a cantar aquela música duvidosa ("Stairway to Heaven"). Além disso, já estava rouco por causa de minha excursão solo. Fiquei surpreso de cair tão facilmente na idéia de tocar outra vez com Jimmy e John Paul Jones. Acabou acontecendo quase mecanicamente, sem o nome Led Zeppelin, nada. Também senti que estava cedendo em relação à minha individualidade e tudo em nome do que estivera trabalhando. Robert Plant enquanto Robert Plant estava, de repente, sendo ofuscado pelo retorno do monstro. Mas, em última instância, havia uma forte emoção no ar e eu podia sentir que estava fazendo muitas pessoas felizes, muito mais do que com o meu show, na noite anterior, em Detroit. Veja, já se passaram mais de dois anos e continuamos falando sobre isso.

"O que eu procuro é alcançar aquela luz"

BIZZ — *Depois do Live Aid, faltavam ainda alguns shows da turnê solo. Chegou a criar problemas?*
Robert — Chegou sim, principalmente dentro da minha banda. Caras estranhas no camarim, logo percebi que não estavam mais dando o melhor de si. O evento tinha reduzido-os a um papel muito mais submisso. Para mim, foi um esgotamento emocional momentâneo, nao passou disso.
BIZZ — *Você tem sido bem introspectivo. Isso se deve a problemas pessoais?*
Robert — Não, apenas tempo. É o tempo que comanda tudo na vida. No futebol dizem — quando tem alguém na sua cola — que é hora de virar. Hora de segurar a bola, dar uma olhada em volta e é isso aí. Toda vez que um projeto vai crescendo até atingir um pico, como está acontecendo agora, corre-se o risco de passar dos limites. No fim do dia, penso: "Puxa, quanto trabalho". Minha agenda de um ano pára cá me deixa perplexo com a quantidade de trabalho. Daí, a necessidade de paradas para reflexão.
BIZZ — *Dizem dos seus dois primeiros álbuns que são ainda esboços em busca de sua identidade solo.*
Robert — É um processo interminável, mas eles deixavam muitas perguntas no ar sobre o que tinha sido o Zeppelin. Ninguém disse que tínhamos de acabar, mas obviamente tinha de acabar. E quando isso aconteceu, fiquei perguntando a mim mesmo: bem, o que é que eu vou fazer agora? Sabia que havia uma grande demanda comercial para continuarmos, mas achava isso de um terrível mau gosto, porque minha relação com Bonzo era muito mais importante do que sair direto para tocar para 180 mil pessoas em Tampa, ou onde quer que fosse. Ele era, antes de mais nada, um amigo. Voltei aos poucos, tocando em clubes com Robbie Blunt, para duas, três pessoas — sem ser anunciado, só para sentir meus pés no chão. Aí quis compor e desfraldar a velha bandeira do que o Zeppelin representava para nós. Do minuto em que eu e Page nos encontramos ao instante que nos despedimos. Tentei preservar esse estímulo por toda a minha carreira solo, com controle sobre a minha parte nessa barganha. O que quero dizer é que o Zeppelin foi extremamente satisfatório, do ponto de vista musical, para mim, durante muitos anos. Se alguma vez eu tive dúvidas, foram sobre o abuso físico. Foi uma coisa muito séria. Eu amava tudo aquilo e, para recomeçar por conta própria, tive de negar tudo. Porque se fosse cortejar isso e utilizar como implemento em busca de um sucesso maior, o que seria de mim? Eu não queria fazer isso. Queria ser visto de maneira independente, para pior ou para melhor. Se não tivesse tido nenhuma aceitação comercial, tudo bem. E realmente acho que consegui manter esse controle.
BIZZ — *Você está só um pouco à esquerda do* mainstream. *É isso que você considera sua força?*
Robert — Profundo e sem sentido basicamente. Sempre fui assim. Gosto de pensar que seja difícil também.
BIZZ — *Você gosta, então, dos desafios?*
Robert — Sim. Eu crio os desafios ainda porque não existe outra maneira de se fazer as coisas. A não ser que se esteja compondo só para manter a carreira em pé, manter a casa em Malibu. Se o jogo é este, então entrei para a profissão errada. Não quero seguir essa linha porque inclusive, já aconteceu comigo uma vez, por acidente, com o compacto de "Sea of Love", com os Honeydrippers, e desde então não tenho parado de pedir desculpas.
BIZZ — *Parece que David Stewart, dos Eurythmics, teve uma participação importante no projeto* Now and Zen.
Robert — Eu considero Dave um mestre e todo o projeto começou graças a ele mesmo. Um dia telefonei para ele dizendo que estava precisando de umas canções e perguntando se ele tinha alguma. Ele disse que estava sem tempo para nada, mas recomendou entusiasticamente um cara chamado Robert Crash, que o tinha ajudado a produzir *Sweet Dreams*. Dave me apresentou a ele e juntos compusemos "Why" e "Dance on My Own". Isso foi o começo de tudo.
BIZZ — *Vai ter Led Zeppelin no repertório da turnê?*
Robert — Acho que sim. Não há nada errado nisso. Se engoli seco no Live Aid, posso engolir de novo e cantar uma ou outra música. Se eu tenho sido teimoso nesse ponto, não foi justo com o pessoal que vinha assistir o show. Tudo bem uma extravagância de vez em quando desde que não seja "Stairway to Heaven".
BIZZ — *Como vai sua inspiração para fazer letras?*
Robert — O problema é que, depois de "Stairway to Heaven" nunca consegui esquecê-la. Se fosse arrumar um emprego, teria de levar aquela letra junto e dizer "Sim, é isso que eu faço". E a verdade é que nem sempre eram corretas nem sinceras. Tudo combustível para o desejo de ser uma estrela e a frustração decorrente disso. De querer ser relevante em 88 e não ser uma lembrança de 78. Por isso, faço o melhor que posso.
BIZZ — *E agora, então, vem a turnê.*
Robert — Realmente estou muito a fim de tocar e tocar e excursionar até não agüentar mais. Desde 75 que não tenho tido, para valer, essa honra, privilégio ou dor, seja lá o que for. Quero sair pela estrada e gostaria que fosse como em *Hammer of the Gods* (biografia do Led Zep escrita por Stephen Davis, que conta em detalhes as barbaridades bacanálicas que rolavam nos bastidores). A gente lê aquilo e a impressão que dá é que tem alguém se divertindo para valer! Basicamente eu quero é atingir a garotada dos *colleges* (faculdades americanas), porque levo minha música muito a sério e não quero vê-la diluída junto ao pop padronizado que rola nas rádios grandes. Quero que essa molecada saiba o que aconteceu com o cara que era o rei do "cock rock" em 1971.
BIZZ — *Como é que você descobriu as* college radios *morando numa fazenda do País de Gales?*
Robert — Bem, é óbvio que certas bandas americanas quentes no momento não chegaram via FMs padronizadas. Seu sucesso e sua exposição se devem a outros fatores

"Dizem, no futebol, quando tem alguém na sua cola, que é hora de virar. Hora de segurar a bola, dar uma olhada em volta, parar para a reflexão"

Plant não quer ser mais um dinossauro saudosista

Não é preciso ser um idiota para descobrir que as pessoas realmente tocam This Mortal Coil ou os Swans e que esse tipo de som não é patrocinado pela Coca-Cola. Isso tudo me lembrou imediatamente do que era chamado *underground radio*, quando vim pela primeira vez aos EUA, em 68 ou 69. Podia-se ouvir de tudo, Moby Grape, Kaleidoscope, Love, Dvorak, Mahler, B.B. King — todo um espectro musical disponível porque as radios não estavam tão presas a patrocínios. Hoje em dia, me parece que as *college radios* são a única trincheira restante para se obter música variada. É uma consciencia muito mais digna e atenta.

BIZZ — *É quase como se você estivesse rejeitando seu mercado antigo.*

Robert — Nao, nem um pouco. O que ou quem é meu mercado antigo? É algo muito esquisito para ser rejeitado. Quero dizer: eu não tenho um mercado antigo. Tenho apenas um monte de gente que gosta do Led Zeppelin e entre 750 mil e um milhao de pessoas que compram discos do Robert Plant, nao estou rejeitando essa gente. Existe um numero muito grande de pessoas lá fora que passa a maior parte do tempo pensando, estudando e aprendendo e, quanto vao ouvir música, tem de ser algo intenso e emotivo. A universidade é trabalho duro, tenho tocado recentemente, sem divulgação, em algumas universidades inglesas. A intensidade do publico é muito mais forte e poderosa do que em qualquer outro lugar do pais.

BIZZ — *Parece que, na Grã-Bretanha, o publico musical foi forçado a se "antenar" porque as radios não tocam muito rock'n'roll: nos EUA tocam mais — mas é como seguir música* underground *nos EUA. Se você é um punk ou acompanha algum tipo de musica* underground, *tem de ler os fanzines e morar perto de uma universidade para pegar a rádio dela, feita pelos estudantes.*

Robert — É triste. Não sei, desde o ultimo verao que não vou à América, mas quando estava lá, passava um bom tempo girando o *dial* para ver quais eram as opções. Aqui na Grã Bretanha é um desastre, não há quase nenhuma opçao a nao ser parte da programação noturna. Por isso, se eu conseguir me comunicar com essa garotada, que é realmente quem está interessada, se conseguir convencê-los de que meu show não é um dinossauro saudosista, nem um velho herói do *hard rock* que foi o padrasto do Bon Jovi ou coisa assim. Quero uma exposição decente para esse disco — porque talvez seja o mais áspero e virulento que já fiz em anos e anos e anos.

BIZZ — *Como você chegou ao título* Now and Zen?

Robert — É irônico, uma brincadeira em cima do que aconteceu com *Shaken'n Stirred* — que eu considero um ponto alto na minha carreira mas que, dentro do formato pop, passou batido. Alguem me disse, outro dia, que talvez tivesse vendido algumas cópias a mais se colocasse uma nota de dez dolares dentro do plástico da capa. Porque é impossível encontrar algum refrão no disco, não existe. Estava me aventurando num outro departamento musical ao invés de compor o tipo de canção que gosto de cantar. E o final da turnê, com a banda se desintegrando num *gran finale* de irritação, foi uma experiencia muito iluminadora. Desta vez trabalhei em uma parceria constante com o tecladista Phil Johnstone, que passa a maior parte ouvindo pop americano clássico, como os Beach Boys e, ao mesmo tempo, tem uma apreciação aberta de compositores com letras cheias de nuances, como Randy Newman. Por isso, toda vez que eu entrava numa daquelas firulas vocais à la Plant, uma mudança de compasso para 6/8, 7/4 ou 9/16 com algum canto árabe ou coisa parecida, ele me perguntava: "Por que você foi fazer isso?" E eu respondia: "Bem, nao sei, talvez estivesse soando sucesseira demais." Aos poucos, acabou me convencendo de que botar um ou outro refrão não significa vender a alma. E se der uma boa ouvida em algumas coisas do Zeppelin — algo que não tenho feito muito, mas desde que o Cult e o Mission começaram a se dar bem, passei a ouvir um pouco mais — reparo que sempre pensei que era uma perda de credibilidade instantânea se cantasse algo que as pessoas pudessem cantar junto. Realmente, acreditava nisso, acho que desde a concepção de *In Through the out Door*. Por isso, trabalhar com Phil e com o resto dessa moçada foi uma experiência tão gratificante — gente que nunca tinha tocado ao vivo a nao ser em bares e com uma honestidade e um entusiasmo tão bons que era uma experiência zen. Nada de resmungos menopáusicos de caras com 35 anos como eu tinha de aguentar na banda anterior. Foi quase como um segundo "Summer of Love" *("Verão do Amor", como é chamado o apogeu hippie de 67)*. Nos sentávamos e ficávamos ouvindo Moby Grape e Arthur Lee. Quem precisa de Dire Straits ou de CDs com esse som? Ficamos absorvendo tudo isso e quase batizamos o disco de *The Summer of Love* — mas era explícito demais. Daí veio *Now and Zen* porque realmente era uma experiência nova, todo mundo assustado, todos os músicos querendo saber o que é essa coisa que, no fim, mesmo depois de passar 25 anos gravando discos, não dá para definir. O video que fizemos é ótimo, com várias situações e circunstancias esquisitas amarradas apenas pelo filme. Nós todos usando roupas bem idiotas — é puro *now and zen*. Dá para imaginar as pessoas assistindo e dizendo: "O *que* significa *isto*? O que ele está querendo dizer? Por que simplesmente não vai ser o David Lee Roth e pára com isso? Acho que ainda posso criar um clima de humor e intriga. É algo alinhado ao começo dos anos 70, que não deixa de ser divertido. *Now and Zen* também é um pouco místico, um pouco "Kashmir", um pouco "In the Light", não para ser levado a sério mas para ser tocado três vezes por dia.

"Trabalhar com Phil e a moçada foi uma experiência muito gratificante. Eles têm uma honestidade e um entusiasmo que acabam sendo uma experiência zen. Eu não quero mais resmungos de caras menopáusicos com 35 anos"

BIZZ — *Havia rumores de satanismo sobre o Led Zeppelin.*

Robert — Havia, mas não passava de produto de especulações americanas. Nada a ver com o bando de energúmenos descerebrados que se descabela no palco tentando invocar Satã.

BIZZ — *Nem a mitologia em que você se inspirava era do* Novo Testamento, *e sim da Inglaterra medieval.*

Robert — Nem daí, de nenhuma fonte específica; podia ser qualquer uma — nao havia uma geografia na coisa. O pessoal que faz cartões de aniversário e de Dia dos Namorados é que ganhou um dinheirão com esse paganismo florido. Não havia nenhum estímulo ou insinuaçao negativa nas letras. O que Jimmy Page faz quando se fecha em sua suíte de hotel é problema dele, e se o cara que faz o serviço de quarto vem entregar o jornal do dia e sai dizendo que o cara estava pendurado no teto como um morcego, há um exagero aí. Toda essa aura em torno do Zeppelin é feita de lendas, é uma coisa velha, antiga. Mais velha do que Arthur e Merlin. Não passa de tagarelice extravagante da midia.

BIZZ — *Depois do Live Aid, o país foi inundado com boatos sobre a volta do Zeppelin. Ouvi dizer por aí que você é que foi contra.*

Robert — Fui. Nao acho uma boa idéia, não mesmo. Foi genial, maravilhoso do jeito que aconteceu. Era uma grande banda e não da para dar uma de Deep Purple e reaparecer no palco como uma coisa pré-histórica. Tenho o direito de mudar de idéia daqui a cinco anos, mas o que foi incrível no Zeppelin foi o acaso, uma daquelas combinações que acontecem uma vez em cada milhão. Tentar repetir isso... Bonzo era a peça principal, era ele que fazia funcionar as coisas que Jimmy e eu compunhamos; pelo que nao fazia, pelos ritmos. Nao há ninguém no mundo que possa substituí-lo. Isso pode soar muito nobre, mas é um fato. Estou sentindo tanta força de expressao agora, nestas novas canções, e é apenas meu quarto disco solo. Realmente sinto que isto é muito mais importante para mim do que voltar a cantar "The Battle of Evermore".

BIZZ — *Se você analisar bem qualquer uma das grandes bandas de rock tambem é engraçada.*

Robert — Oh! Havia um grande senso de humor nos Beatles. Também o fato de eles rouharem riffs, inverterem riffs que eram de Larry Williams e coisas assim. Se você levar um papo com McCartney, hoje em dia, ele conta tudo isso com os olhos brilhando. As bandas que se levavam muito a sério, cheias de pompa, sempre foram as mais difíceis de engolir. Se você não tiver senso de humor, acaba acreditando em si mesmo. Isso é que era genial

Prezando o senso de humor, como aquele dos Beatles

Terry O'Neill/Camera Press

"Quero também tocar em alguns festivais, com outras pessoas, como fazíamos antes, com Iron Butterfly ou o Jethro Tull"

em Bonzo, ele tinha essa capacidade de gozar a si mesmo. Acabava com todas as nossas pretensões de seriedade

BIZZ — *Haverá, um dia, o lançamento do definitivo disco ao vivo do Led Zeppelin?*

Robert — Não, nao se a decisão couber a mim. O material é deficiente. Não acho que seja uma coisa necessária. *The Song Remains the Same* era OK — nao era sensacional mas era OK. O motivo de se fazer uma coisa dessas seria questionável. Talvez haja um "ao vivo" de Robert Plant, daqui a uns dez anos, mas não do Led Zeppelin. Não há sentido em entrar num estúdio para remixar aquelas fitas, melhorar a equalização, refazer um vocal que estiver desafinado, tentar dar uma falsa aparência de perfeição técnica. Isso foi feito em *The Song Remains the Same*, mas num espírito "isso nao está mal, assim já está bom". E era exatamente assim que o Led Zeppelin era ao vivo e, se tentássemos dar um verniz na coisa, estaríamos rebaixando nosso status histórico, porque estaríamos tentando competir com o que sai dos Dire Straits em CD. Não pertencemos à atitude do "quem se importa?", que é a do verdadeiro rock'n'roll.

BIZZ — *Tem algum disco do Zeppelin que seja o seu favorito, hoje em dia?*

Robert — Não

BIZZ — *E entre os discos solo?*

Robert — Hum, teria de ser este, *Now and Zen*. É o mais emancipado de todos eles. Parei de me preocupar com toda e qualquer semelhança que possa haver, e tenho gostado das paródias. Se alguém vier descer a lenha por eu estar me autoparodiando... Fiz de propósito, porque era muito bom. Também não sou cansado, embora eu tenha começado em 1966.

BIZZ — *Você tem alguma ambição além desta turnê?*

Robert — Gostaria de me envolver com eventos organizados para a Anistia Internacional. Fui convidado para aquele festival do Greenpeace no Royal Albert Hall, mas estava sem banda na época. Nao quero ser visto como um filantropo, quero realmente contribuir nestas áreas. Quero também tocar em festivais, tocar com outras pessoas, como faziamos antes com gente como Iron Butterfly, Woody Herman ou o Jethro Tull. É o tipo de coisa competitiva que gostaria de voltar a fazer — entrar num palco com 40 anos, mostrando o que eu faço, e depois vem os Smiths ou o Mission. Tem de comunicar alguma coisa. Eu sou sério. Dou muita risada, mas esta música é vital. Não vou me contentar com um mingauzinho *mainstream*. Não preciso de uma Ferrari. Quero manter este fio de corte que tenho preservado e amado durante tanto tempo. É uma combinação de humor e obsessão com um pouco de talento. Não quero me dissolver na estrutura básica que as pessoas consideram uma feliz meia-idade.

Paul Ridgeway

O SÉTIMO REBENTO DA DONZELA DE FERRO

IRON MAIDEN

BIZZ — *Você guarda boas lembranças do Rock in Rio?*

Bruce — Acho que foi um dos melhores concertos que já fizemos. Foi uma semana incrível...

BIZZ — *Por outro lado, a maioria dos fãs do Iron Maiden no Brasil está em São Paulo*

Bruce — Sim, eu sei, as pessoas nos falaram isso. Deveremos terminar nossa turnê européia em outubro. É possível que depois toquemos na América do Sul... Isso depende de um monte de coisas. Realmente gostaríamos muito de tocar na América do Sul

BIZZ — *Isso depende de como o novo LP de vocês, o* The Seventh Son of the Seventh Son, *vai ser recebido aqui? Em outras palavras, se ele vender bem, vocês vêm?*

Bruce — Bem, esse é um dos motivos, mas o que queremos mesmo é tocar de qualquer jeito na América do Sul, para os nossos fãs. Na verdade, tudo depende mais de coisas práticas, tipo quando vamos estar e em que parte do mundo. Mas se houver uma possibilidade, qualquer uma, gostaríamos realmente de tentar.

BIZZ — *Vamos falar um pouco sobre o novo LP. É o sétimo álbum de estúdio. Quem fez a maioria das músicas?*

Bruce — Dessa vez a coisa é bem variada. Eu escrevi quatro, outras são de Steve (Harris), outras de Adrian (Smith), uma é de Dave (Murray), todos escreveram coisas para esse disco.

BIZZ — *Onde foram feitas as gravações?*

Bruce — Em Munique, na Alemanha, entre outubro e dezembro do ano passado, e foi mixado em três semanas. No total foram quatro semanas para compor todo o material, oito para gravá-lo e três para as mixagens.

BIZZ — *Foi tudo num estúdio só?*

Bruce — Sim, tudo nesse estúdio em Munique.

BIZZ — *E por que escolheram Munique?*

Bruce — Martin Birch, o nosso produtor, fez cerca de dez álbuns nesse

"Eu não digo 'ah, isso é uma banda de death metal, então tenho que odiá-la'. Eu digo 'ah, isso é música', gostamos ou não dela".

estúdio. A recomendação foi dele. É o melhor estúdio no qual já trabalhei, no que concerne à captação do nosso *rocksound*. E todos nós concordamos em voltar pra lá quando formos gravar nosso próximo disco.

BIZZ — *Então vocês conseguiram bons resultados nesse estúdio?*

Bruce — Sim, absolutamente *super*, é um lugar incrível para se trabalhar.

BIZZ — *Como é que vocês procedem no estúdio? Vocês gravam ao vivo ou em separado, dentro do estúdio?*

Bruce — Na verdade é um pouco dos dois jeitos. A primeira coisa que fazemos é gravar tudo ao vivo dentro do estúdio. Aí guardamos as baterias e graduatmente regravamos os outros instrumentos, para que tudo soe perfeito. A vantagem de tocar tudo ao vivo, em primeiro lugar, é que você consegue captar a energia de um show e ainda pode se aproveitar das condições de estúdio para melhorar o som. É assim que nós trabalhamos, basicamente.

BIZZ — *Esse novo LP também é conceitual? Qual é o tema dessa vez?*

Bruce — Esse álbum também é conceitual, tem uma história que segue ao longo das músicas. A história é basicamente sobre a vida e a morte do "sétimo filho do sétimo filho". Não sei se você sabe, mas se diz que o sétimo filho tem sempre poderes de clarividência, místicos... E esse sétimo filho do sétimo filho em especial não se sente à vontade com os poderes que recebeu, tem uma série de problemas com eles e com outras pessoas *por causa* deles. Essa é a história.

BIZZ — *E vocês vão trabalhar essa história nos palcos também? Como vão ser os cenários?*

Bruce — Vai ter um pouco da história no palco, mas basicamente nós só vamos tocar sessenta por cento do novo disco. O resto do *set* vai ser composto pelos hits do Iron Maiden. A história, portanto, não vai ser apresentada como um todo, mas certamente vamos botar a capa do disco no palco. Este ano também usaremos um monte de tecnologia nova para efeitos de luz, coisas que nunca usamos antes.

BIZZ — *Então o show vai ser mais sofisticado que os anteriores?*

Bruce — Sim, bem mais sofisticado.

BIZZ — *Mas nós lemos uma entrevista tua à* Kerrang! *(revista heavy inglesa), em que você dizia que dessa vez as coisas iriam ser mais simples.*

Bruce — De certa forma, apenas em algum sentido. Mas creio que os efeitos serão melhores e mais definidos, mais claros ..

BIZZ — *Você tem acompanhado o surgimento do thrash, speed e death metal? O que você e o pessoal do Iron Maiden acham desses gêneros? Tem alguma banda emergente que te interessa?*

Bruce — Para mim, todos esses gêneros são *rock music*. Eu apenas julgo as coisas pelo que ouço. Eu não digo "ah, isso é uma banda de death metal, então tenho que odiá-la". Eu digo "ah, isso é música", gostando ou não dela. Acho que tem umas duas ou três bandas emergentes, como Metallica, Megadeth e Anthrax que estão ficando bem populares, e acho que elas são muito boas e têm boas chances de continuar na ativa por um bom tempo.

BIZZ — *Então você ouve vários tipos de música?*

Bruce — Sim, não ouço apenas heavy metal, *you know?* Ouço basicamente rock, mas também algumas coisas mais leves, acústicas.

BIZZ — *Você conhece alguma banda brasileira de heavy metal?*

Bruce — Infelizmente, não. Na verdade não somos muito expostos a elas aqui na Europa.

BIZZ — *Você já ouviu o Sepultura? Saiu um artigo sobre eles na* Kerrang! .

Bruce — Não... acho que não ouvi a música deles .. Mas se eu for ao Brasil talvez tenha um show deles, e eu possa ver.

BIZZ — *Você escreveu um livro, não?*

Bruce — Sim. Ainda não foi publicado porque estivemos ocupados com o álbum, o lançamento do single e todas essas coisas. Acho que esse projeto vai ficar para o próximo ano. (N. da R.: o livro já tem título. É *Mistaken Identity*).

BIZZ — *As turnês do Iron Maiden são longas; devem ser bem estafantes, cansativas... Como vocês fazem para manter a saúde, manter a energia?*

Bruce — Eu pratico vários esportes. Sou um bom esgrimista, pratico vinte horas por semana.

BIZZ — *E os clips? Já existe o clip para o primeiro single ("Can I Play with Madness")?*

Bruce — Sim, existe. O ator principal do clip é Graham Chapman, do Monthy Python. Foi dirigido por Julian Doyle, assistente de direção de Terry Gilliam, que fez *Time Bandits (Bandidos do Tempo)* e *Brazil (Brasil, o Filme)*.

BIZZ — *Aqui há muitos fãs que têm curiosidade de saber o que aconteceu com alguns ex-integrantes do Iron Maiden. Sabemos que o Paul Di'Anno (o primeiro vocalista) está no Battlezone. E quanto a Doug Sampson, Clive Burr (ambos ex-bateristas) e Dennis Stratton (ex-guitarrista)? O que aconteceu com eles?*

Bruce — Clive Burr está formando o seu próprio grupo no momento, e acho que vai sair alguma coisa deles nos próximos meses. Dougie Sampson .. Não sei exatamente o que aconteceu com ele. Acho que está tocando apenas por diversão em algum lugar, não creio que ele esteja seriamente envolvido com música. E quanto a Dennis Stratton... realmente não sei. Não sei o que ele está fazendo.

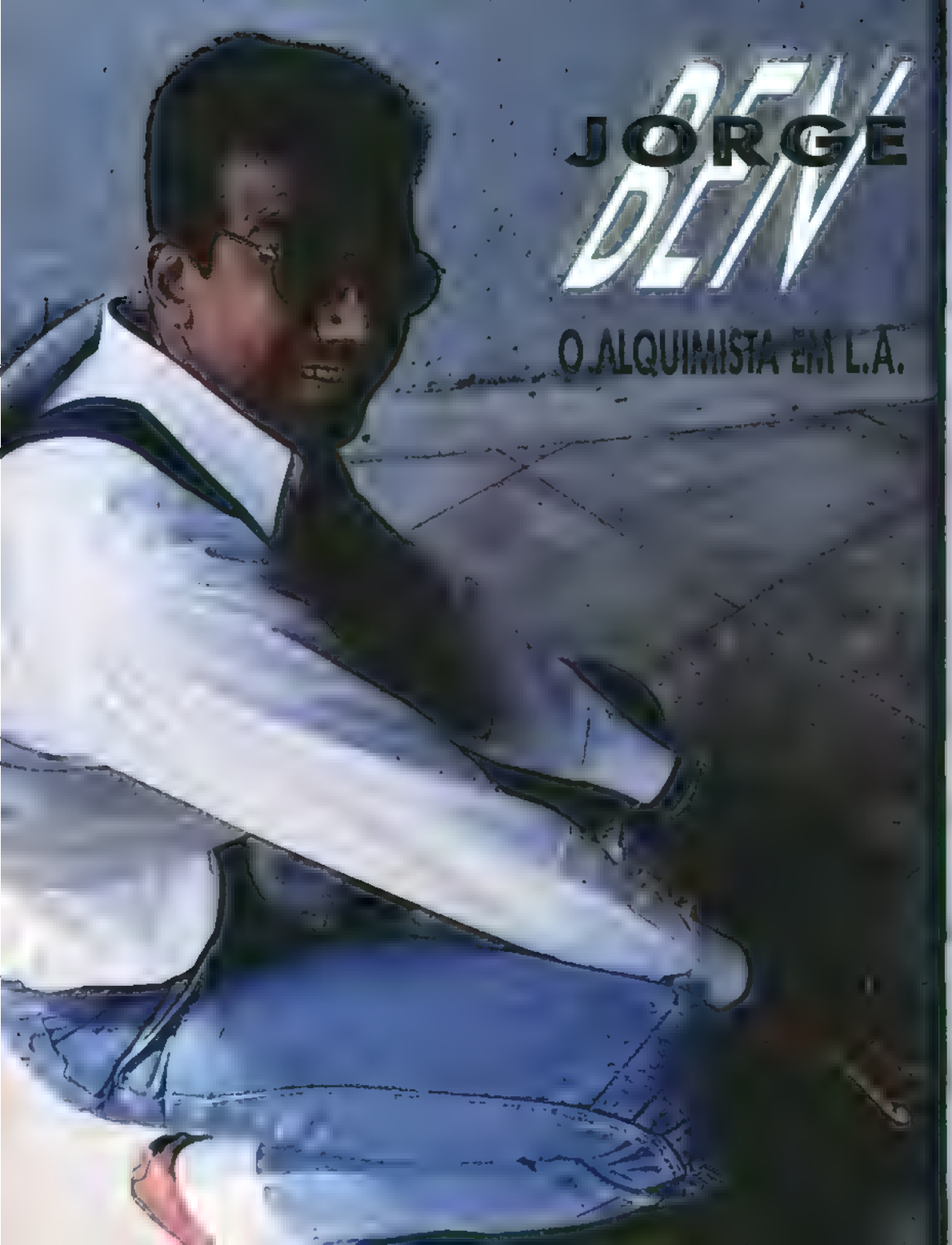
NEW

ORDER

SUBSTANCE

A história do New Order chega até você!
Antologia do grupo, de Joy Division ao CS "True Faith".
LP duplo. Versões remix.
Compre o seu.

victory wea



JORGE BEN

O ALQUIMISTA EM L.A.

Um ano ele teve, para preparar o repertório do seu novo LP pela WEA. E mais: o estúdio Record Plant em Hollywood à disposição, sob o comando de Liminha, nosso produtor "tipo exportação". Tudo para deixar o disco em ponto de bala para as paradas de dance tracks ou quiçá até dos top pop albums da Billboard. "Aí eu gostei..." ele confessou à Ana Maria Bahiana, nossa olheira na Califórnia. A conexão África-Bahia-Rio-Rock'n'roll mandou avisar que vem aí mais um abalo sísmico: tremei, L.A.!

Fotos Roberto Amado/Arul

Jorge Ben chega preocupado aos estúdios Record Plant, em Hollywood. É um domingo de abril, fresco, ameaçando chuva, mas aqui dentro tudo permanece como em qualquer um dos 20 dias úteis que Jorge e seu produtor, Liminha, consumiram na realização da "etapa 2" do que será o primeiro álbum do nosso Chuck Berry para sua nova gravadora, a WEA. Muita cerveja boa e barata, uma cesta de frutas, os impagáveis cartazetes feitos a mão, com caneta hidrográfica e pregados pelas paredes ("This place is full of rats e o gato é tarado", diz um deles), e Liminha interminavelmente acertando timbres e tons da mesa de 24 canais e de "Demerval", a bateria eletrônica.

Jorge chega calado, de tempos em tempos afagando um cordão de ouro, repleto de medalhinhas, que traz ao pescoço. Finalmente, desabafa: "Oh, Lima, sabe o que me contaram hoje no almoço? Que não é bom sair na rua aqui com cordão, relógio e pulseira de ouro." Liminha sorri, franze as sombrancelhas: "O que é isso, Jorge, aqui não tem trombadinha, não..." Jorge ergue o tom de voz, veemente: "Não, não é isso, não. Me disseram que aqui isso de cordão e jóia de ouro é só traficante de drogas que usa. Daí eu perguntei: 'Mas peraí, até com medalha de santo?' Pois eles não querem nem saber — diz que, se a polícia vê um cara assim na rua, vai logo parando e dando geral." Jorge pára e recorda um pouco mais a conversa. "Principalmente", ele acrescenta, "se o cara for crioulo."

Benvindo à América, Jorge Ben, Mestre Babulina do Morro do Formiga, Alquimista Tropical, Príncipe Malê da Música Brasileira. Benvindo ao berço das oportunidades, ao cadinho das fortunas e ao império da segregação. Pacientemente tenta digerir a inusitada informação servida sem maiores cuidados durante esse almoço de domingo, uma espécie de bota-fora não-oficial, depois de quase um mês de trabalho aqui em Los Angeles. Nesse mesmo repasto, num restaurante de Van Nuys, no Vale de São Fernando, ao norte da cidade, Jorge foi informado, também, que já era razoavelmente conhecido nos Estados Unidos "por causa do Rod Stewart. É, por causa daquela música 'Do You Think I'm Sexy'. Me contaram que alguns artistas, aqui, falaram sobre isso, e que um artista chamado Taj Mahal tocava a música 'Taj Mahal' nos shows, emendava com a do Rod Stewart e depois falava de mim. Legal, né?". Alguma coisa além desse tênue crédito veio parar no currículo ou na conta bancária de Jorge? "Nada", Jorge suspira. "Ele fez lá um arranjo de doar esses direitos pra Unicef. Meus direitos, né? Então eu fiz uma 'contribuição' pra Unicef e ficou assim mesmo."

Agora, Jorge espera, as coisas serão diferentes. Um dos motivos pelos quais este disco está sendo gravado aqui em Los Angeles é, exatamente, facilitar a ponte entre a música de Jorge — que tem a firmeza rítmica tão apropriada aos palatos estrangeiros, neste momento, e que já é tão conhecida na Europa — e o mercado americano, este gordo Eldorado com quem todo mundo, admitindo ou não, sonha. André Midani, CEO da WEA, antigo amigo e admirador de Jorge e pessoa da mais alta influência em sua carreira, é o responsável direto tanto por este novo contrato quanto por suas aberturas e desdobramentos. Gilberto Gil — outro amigo, admirador e colaborador — foi o agente intermediário sabedor do desinteresse de Jorge por sua gravadora anterior, a Som Livre, e ainda sonhando com um segundo LP feito a quatro mãos ("Esse seria o *Jorge e Gil*", Ben ri, recordando o outro projeto da dupla, o disco *Gil e Jorge*, de 1975), Gil preparou o terreno na WEA e, finalmente, sem muitas delongas, durante um almoço, Midani levou Jorge, de novo, para seu elenco. "É bom estar numa multinacional e ter tudo a que tenho direito", Jorge diz. "Mas gosto mais ainda de estar de novo com o André. Foi ele quem segurou minha barra nos tempos em que eu estava na PolyGram (na virada dos 60 para os 70 e no início da década passada). Ele sempre deu força para os meus trabalhos. Na época em que eu queria fazer um disco só sobre alquimia (e que viria a ser *A Tábua de Esmeralda*, de 74, *NR*), o pessoal de vendas ficou louco, criou caso. Eu mandei um relatório para o André (então gerente geral da Phonogram, hoje PolyGram) e ele respondeu com uma circular dizendo que o disco não só seria feito como já deveria ter sido

O restante do repertório ficou como todos queriam — um atestado veemente tanto da permanência quanto da intensa modernidade de Jorge Ben

gravado e lançado ''

Com seu novo contrato, Jorge Ben soube de imediato duas coisas, que uma parte substancial do novo disco seria feita nos Estados Unidos e que ele teria um ano para criar seu repertorio ''Ai eu gostei...'', Jorge sorri

Jorge quebrou sua folga três vezes, contudo — mas sempre por boas causas. Uma quando, por sugestão do próprio André Midani gravou a faixa ''Mama Africa'' com King Sunny Ade, nos estúdios Vice Versa, em São Paulo ''Essa gravação foi uma loucura'', conta Liminha — que, nesta faixa especificamente, passou as carrapetas para João Leopoldo, gerente internacional da WEA, e Peninha Schmidt. ''O King Sunny Adè estava em Sao Paulo para o Festival de Jazz, ia embora no dia seguinte, eles foram pro estudio e gravaram como puderam '' O resultado foi 11 minutos de conversa musical entre Jorge e Adè, que Liminha editou e mixou com maximo cuidado, em Los Angeles As outras duas interrupções foram para gravar ''Homem de Negócios'', um reggae com os Paralamas do Sucesso, e o funk ''Um Aviao'' com o tecladista da banda de Sting, Delmar Brown ambas no estúdio Nas Nuvens, de Liminha no Rio

O restante, a promessa foi mantido e o novo disco começou a tomar forma definitiva ao longo dos 20 dias no Record Plant, usando uma banda positivamente minimalista Jorge, na guitarra; Liminha, no baixo; João Barone, na bateria; Paulinho da Costa, na percussão E ''Demerval'', a bateria eletrônica, no que fosse preciso. ''Essas gravaçoes aqui têm dois marcos muito precisos'', Liminha conta. ''Um, a chegada do João — ele me ligou do aeroporto, contado, crente que estava aqui para descansar, e eu o arrastei logo pro estúdio. O outro é a participação do Paulinho. O dia em que ele veio aqui e pôs percussão nas faixas, foi uma coisa impressionante como tudo mudou Ele é demais ''

Algumas idéias tiveram que ser deixadas de lado, por razões práticas — coisas como a participação do guitarrista Eddie Van Halen na faixa em homenagem à banda, intitulada Van Halen'' e, afinal, deixada de fora do disco; ou a presença de outro guitarrista favorito de Jorge, Carlos Santana, que mora em São Francisco. Em compensação, novas possibilidades surgiram e foram fartamente exploradas: o que deveria ser um reggae, a canção ''Cabelo'', com letra de Arnaldo Antunes, acabou se transformando num jazz à moda tradicional, quase Dixieland, gravado com um sexteto de músicos angelenos num gigantesco estudio que a Record Plant mantem dentro do complexo de prédios da Paramount Pictures, para gravar trilhas de filmes; e a faixa selecionada — por Midani, Liminha e Jorge — para ser o primeiro possível compacto americano do disco, o funkaço ''Norma Jean'', ganhará ''o diabo'' (segundo Liminha) em termos de mixagens e edições, inclusive com a participação de Arto Lindsay, o maior brazilianista da música americana

O restante do repertório ficou com a cara que todos queriam — um atestado veemente tanto da permanência quanto da intensa modernidade de Jorge Ben Coisas como o fino humor descritivo de ''O Homem do Espaço'' — a narrativa de uma paixão fulminante entre um extraterrestre e uma ''negumha'' de ''coxas grossas/bundinha empinada'' — e, sobretudo, a vigorosa salada rítmica patente em todas as faixas e notavelmente brilhante em ''Miss X''

Com a candura de quem já passou por muitas experiencias — agradáveis e desagradáveis —, Jorge continua debulhando suas uvas e comentando, sem acidez, sobre a notavel ironia de estar aqui gravando um disco num momento em que, no Brasil e mundo afora, ouvem-se sons antecipados por ele mesmo há 15 anos, em discos como *Africa Brasil*, *Ben*, *A Tabua de Esmeralda* e *Gil e Jorge* ''Ah não, nao tem nada, não É assim mesmo... Olha, esse pessoal de agora, do rock, tem muita coisa boa e tem muita coisa fraca também É uma geração que vem do rock inglês, e tem muita cópia, cópia demais... Mas alguns se destacam. E sempre assim, não é? Já aconteceu antes... Agora tem Titãs, Paralamas... Quem tem um estilo próprio sempre fica...''

No dia seguinte Jorge realiza um antigo sonho: ver a impressão das maos de Little Richard na ''calçada da fama'', em frente à superloja Guitar Center, em Hollywood. O fotografo Roberto Amadeo providencia para que o desejo seja realizado — Jorge se abaixa, reverente, e mede suas maos com as de Little Richard. Depois, resume tudo num único comentario ''Esse sim é que é grande''

Ana Maria Bahiana

THE MISSION

OTIMISMO E UNIÃO

Em meio a arenques, canais e bicicletas, Wayne Hussey ruma para mais um show do Mission, desta vez em Utrecht, Holanda. Está cercado de um batalhão de sisterzinhas of mercy, num charme capaz de fazer morrer de inveja Robert Plant e Ian Astbury

"Holiday Inn! Holiday Inn!"

Não, não se trata de comercial da ubíqua cadeia americana de hotéis. Os quatro Mission expressam seu desejo em uníssono, jogados nas poltronas do ônibus de sua tour européia 88. O ônibus está preso no trânsito de cinco da tarde em Utrecht — algumas centenas de carros e algumas centenas de milhares de bicicletas. Estamos entre o hotel do Mission — o Pays-Bas, tradicional — e a caminho do *soundcheck* no teatro de sua única data holandesa da tour. Dava para ir a pé, mas o Mission não pode mais se dar ao luxo de andar a pé em qualquer ponto da Europa. Afinal, Wayne Hussey e seus capangas são uma banda a caminho das cinco estrelas. Mesmo que ainda não possam pagar uma suíte no Holiday Inn.

Harry Isles, o *tour manager*, é implacável: "Não podemos estourar nosso orçamento. Estes hotéis em que estamos ficando não são ruins. Mais tarde, quem sabe, vocês podem ter algumas noites de luxo."

Yeah! Yeah! Yeah!

Utrecht — como a maior parte das cidades holandesas — é uma confluência de casas senhoriais do século XVII, canais, bicicletas, pontes, lindas louras e barraquinhas vendendo arenque fresco. Sua fonte de orgulho máximo — à parte a catedral e a universidade — é um espetacular centro comercial, entre o aéreo e o subterrâneo, que começa na estação de trem e vai se espalhando como um polvo high-tech. É dentro desse centro que está o teatro. Na entrada do *backstage*, já podemos divisar uma legião de *sisters of mercy*.

Wayne Hussey sai do ônibus e sua caminhada de 20 metros é um acontecimento. As sisters — vestidas do chapeu às botinhas como se estivéssemos no tempo de "Bela Lugosi is Dead" — o seguem como um enxame de morceguinhas maquiladas. A garotada pedestre — de Benetton e Reebok — o segue por outro lado. Wayne, convenhamos, está um luxo — chapéu de bruxa remanescente da fase Sisters, ray-ban, toneladas de colares e pulseiras, camisas e batas herdeiras de Woodstock, calça preta colante até o tornozelo, sem meias, e com mocassim de camurça navajo. Robert Plant e Ian Astbury, se vissem morreriam de inveja.

O Mission é um caso curioso na indústria pop. Ao mesmo tempo, supre uma faixa considerável de mercado. A mídia inglesa os destrói como uma xerox do Cult, de Led Zeppelin ou — supremo pecado — de ambos. No segundo semestre de 87, ninguém dava um penny furado pelo futuro da banda — depois de uma tumultuada tour americana, uma notória espiral de drogas e singles perdidos no espaço (e no tempo). Seis meses depois, no início da tour européia 88, o último álbum, *Children*, estava em primeiro lugar na Inglaterra (na parada *mainstream*, não na independente), e o single "Tower of Strenght" no Top 20. Não é por acaso que Wayne não se cansa de se referir a si e à banda como "sobreviventes".

Conversamos na salinha do backstage, antes do soundcheck. Wayne só toma água. Diferença brutal para quem tomava e chutava todas na estrada. O Mission era uma confirmação ambulante do mito sexo-drogas-rock'n roll. Agora, o nome do negócio é trabalhar duro: "Nós, na estrada, éramos um problema. Todo mundo se entupia de drogas. Uma vez, em Los Angeles, Craig (Adams, o guitarrista, também, como Wayne, ex-Sisters of Mercy) pirou, chamaram a polícia e eu fui preso, fomos expulsos do hotel. Craig largou a banda, ficamos na rua procurando outro hotel... Sabe, onde vamos encontramos esta coisa. Nossa reputação nos precede."

E como. O Mission comporta-se (ou comportava-se) como a arquetípica rock'n'roll band, com o look certo, a atitude certa e os pequenos escândalos certos: machismos pré-históricos, quebra-quebras, guitarras ruidosas, cabelos Summer of Love, barris de alcool, dúzias de groupies, quilogramas de combustíveis. É uma das razões de seu sucesso.

mesmo porque seu público alvo não é exatamente sofisticado. O Mission é uma banda vivida em estrada. Já vimos este rock'n'roll filme antes? Milhões de vezes. Wayne não se importa: prefere lembrar histórias, como a sua volta de Los Angeles, onde atingiu involuntariamente a cabeça de uma groupie com o microfone, tomou batida da polícia e no final a groupie só queria mesmo era conhecê-lo no "íntimo". Ou a reação do xerife de Dallas, que, ao contemplar o visual missionário, solicitou sua imediata remoção para outro Estado — depois do show, é claro, com vigilância extra.

Wayne Hussey ainda acredita no mito rock'n'roll, em sua promessa de rebelião? "Não de rebelião, mas de união. Rebelião, politicamente, não dá mais — só consigo ver estes arruaceiros em estádios de futebol." Ele concorda que 90 por cento dos interessados entram nesse negócio motivados pelo básico — sexo e dinheiro: "É sempre uma razão, e uma boa razão. Mas, se você é sincero e honesto consigo mesmo e com o que faz, a audiência termina notando uma diferença".

Wayne e Andrew Eldritch — o conde de Monte Cristo das catacumbas tecno-góticas — não trocam olhares (velados pelos respectivos e eternos ray-ban) desde a problemática dissolução do Sisters of Mercy. Houve bate-boca transversal via mídia, que Wayne desqualifica. A versão de Eldritch é que Wayne usou o nome Sisters para atrair publicidade em torno do Mission: "A verdade é que Andrew é extremamente intelectual, e eu e Craig somos .. emocionais, viscerais. A nossa convivência foi difícil desde o início, havia muita tensão. Andrew escrevia todas as letras, embora eu tivesse parceria em algumas das músicas. Teve um momento em que percebemos que cada um queria fazer uma coisa diferente. Eu acho que Andrew está bem agora — embora este álbum tenha o mesmo som daquele EP do Sisterhood. Ele até conseguiu colocar um single no Top Ten..."

"Eu ouvia Beatles, Stones, 'Sugar Sugar'. E depois, é claro, o Led. Não concordo totalmente com quem diz que eles estavam à frente de seu tempo"

Wayne concorda que o Mission está continuamente (re)começando do zero, desde seu nascimento no início de 86. Com ele, Wayne, sempre foi assim. O sucesso de *Children* afigura-se como o provável início do *big break*. O álbum é produzido por John Paul Jones, ex-baixista e único não carismático membro da lenda (ainda viva) Led Zeppelin. De uma vez por todas: o Mission não passa de um subproduto do Zep? Wayne diz que pegou os anos 60 de segunda mão, pois não teve idade para viver a época. Não tem ligação direta com jazz, blues e rhythm'n' blues: "Eu ouvia Beatles, Stones, 'Sugar Sugar'. E depois, claro, Led Zeppelin. Não concordo totalmente com quem diz que eles estavam à frente de seu tempo. Algumas das músicas, hoje, soam incrivelmente datadas. Outras, ainda são brilhantes. A coisa mais forte, e talvez maior influência do Led Zeppelin, era o excesso, uma coisa que tinha algo de mistério, e algo de majestoso. Em relação ao nosso LP, quando John chegou, todas as músicas já estavam compostas e praticamente arranjadas. Ele passou uma atmosfera. No estúdio, ele se comportou como se fosse nosso tio mais velho..." Mas Wayne, você não considera *Children* uma homenagem a Led Zeppelin, àquele som entre o convite ao mistério e uma grandiloqüência de arrebentar qualquer P.A.? "Esta é a opinião de muita gente. A 'homenagem' pode estar na estrutura de algumas canções, ou em algumas idéias de John, mas é um álbum com *nosso* som, o Mission." O número um na Inglaterra significa a possibilidade de a banda estourar no mercado mundial, especialmente América. Para Wayne, uma possibilidade no mínimo eletrizante. Foi uma surpresa? "Claro, não deixa de ser um choque. Quando você está fazendo um álbum, escuta, acha que ele está no ponto, pensa que está bom se ele entrar no Top Ten. Mas número um é outra coisa completamente diferente..." Mesmo assim, Wayne não perde a noção do real: "Ainda temos muita estrada para andar. Acho que só daqui a uns dois anos, em 1990, o Mission vai ser uma banda de tocar em estádio, e vender milhões de discos".

Wayne Hussey compõe todo o repertório do Mission na guitarra acústica. Ao contrário de Eldritch, mais apocalíptico-terminal, suas letras têm temas-chave puramente 60's, em que está implícita a perspectiva de otimismo e união: "abrigo", "dança", "torre", "força", "sonho". Ele reconhece que trabalha "com um set mais ou menos fixo de palavras" mas que o que mais o atrai, na verdade, "é o seu som, mais do que o conteúdo." O grande *kick* de Wayne é de ter conhecido ou trabalhado com alguns de seus grandes ídolos: John Paul Jones, Robert Plant — com quem devem fazer uma excursão este ano —, o bruxo Jimmy Page ("sempre que eu o encontro, ele está completamente bêbado") e Iggy Pop (de quem o Mission toca "1969" nos shows). Wayne faz questão de contar como Iggy passou seis meses em Los Angeles vivendo como um mendigo de rua, depois de brigar com seu manager, e antes de ser resgatado por Bowie: "Você vê, tudo é uma questão de lutar para sobreviver".

Como de hábito, Wayne considera *exciting* a perspectiva de tocar no Brasil, embora — como de hábito — este seja um universo completamente fora de referência para os pop stars europeus: "Me disseram que vamos tocar para cerca de dez mil pessoas por show. É tudo isto? E que tipo de som os brasileiros gostam?" Menciono guitarras ruidosas e drive rítmico poderoso. Wayne: "Então, vamos massacrar. Se há uma coisa de que eu tenho certeza, hoje, é que em um dia bom nós já somos uma das melhores bandas do mundo, ao vivo."

Uma gata holandesa aparece para avisar que está na hora do soundcheck. Um roadie quer falar com Wayne sobre um problema. Comentário de Wayne: "O Mission é uma grande família. Nós empregamos um monte de gente". E lá se vai este *gentlemen* de Liverpool — disfarçado de hippie de revista de moda — para seu soundcheck e sua ainda longa estrada em direção à glória. É uma missão despretensiosa. Mas obstinada. Vai chegar lá, com certeza. E a mil e uma noites em suítes do Holiday Inn.

Pepe Escobar

REVISTA POSTER
BIZZ
LED ZEPPELIN
ESPECIAL DE BIZZ
NAS BANCAS

VOCÊ PEDIU
BIZZ TRADUZIU

A-HA * "THE LIVING DAYLIGHTS"
ATLANTIC STARR * "ALWAYS"
BANGLES * "MANIC MONDAY"
BILLY IDOL * "EYES WITHOUT A FACE"
BRYAN FERRY * "THE RIGHT STUFF"
CYNDI LAUPER * "THE FARAWAY NEARBY"
DAVID BOWIE * "NEVER LET ME DOWN"
DEPECHE MODE * "NEVER LET ME DOWN AGAIN"
ELTON JOHN * "YOUR SONG"
EUROPE * "CARRIE"
GENESIS * "TONIGHT, TONIGHT, TONIGHT"
GEORGE BENSON * "KISSES IN THE MOONLIGHT"
GLASS TIGER * "SOMEDAY"
ICEHOUSE * "NO PROMISES"
JANET JACKSON * "LET'S WAIT AWHILE"
KIM WILDE * "YOU KEEP ME HANGIN' ON"
KRAFTWERK * "THE HALL OF MIRRORS"
MICHAEL JACKSON * "THE WAY YOU MAKE ME FEEL"
NEW ORDER * "BIZARRE LOVE TRIANGLE"
PET SHOP BOYS * "IT'S A SIN"
PRETENDERS * "HYMN TO HER"
SPANDAU BALLET * "TRUE"
SUZANNE VEGA * "LUKA"
TALKING HEADS * "TAKE ME TO THE RIVER"

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

TIM MAIA

GRANDE HOMEM GRANDE

"Nunca vi Tim Maia na BIZZ" ele vociféra. Não há pausa, nem silêncio. Assessores correm pelos quartos, secretárias trazem bebidas, amigos, músicos, a balbúrdia não cessa. O grande cantor de MPB, a vez da black music no Brasil, nosso funk master soulman, e a nada uma das figuras mais irreverentes e controvertidas do pop nacional, vai dar uma entrevista a BIZZ. Não é a primeira entrevista de Tim pra BIZZ (Antonio Carlos Miguel fez a primeira, lançada em outubro de 85), mas ainda há muita coisa pra saber. Tim chegou ao seu 18º LP no final do ano passado (*Somos América Continental*), e acabou de produzir o LP de estréia da banda que o acompanha, a Vitória Régia. Um dos maiores vendedores de disco do Brasil (seu último LP, em plena época de crise, vendeu até agora cerca de 160.000 cópias), fã de *Thomas Pappon*

BIZZ — Você acha mesmo que o Brasil é o país do bolero? Que o que vende aqui é a música lenta?

Tim — Vamos por partes. O Brasil é um país onde o que predomina é a música romântica, com influências latinas, com tendência à tragédia, como nos sambas-canções, tangos, boleros. Eu disse isso: no Brasil você ainda vende mais o gênero romântico. Também vende música rítmica, vende samba, vende soul, várias coisas. O Brasil é o sétimo país em venda de disco no mundo! Não é só um gênero que vende tudo isso.

BIZZ — No passado você fundiu funk com música regional e samba, entre outras coisas. Hoje você segue mais a linha romântica. Você desistiu das experiências?

Tim — A imprensa tem essa mania de fazer a pergunta e dar a resposta. Você mesmo falou que Tim Maia fazia fusões e que hoje desistiu. Não fiz nem uma coisa nem outra. Existiu a tentativa de botar um pouco de cada coisa num só gênero. Inclusive é o que acontece atualmente com a música no mundo todo. A música internacional é uma fusão de várias músicas. O Stevie Wonder canta uma mistura de blues com música latino-americana, soul. O inglês se aproximou muito do reggae. Essas misturas fluem para a música ficar mais solta.

BIZZ — Em relação à tua estadia nos EUA, você teve um grupo lá, chamado The Ideals, não foi? Como foi essa experiência? Vocês chegaram a gravar?

Tim — Nós gravamos alguns compactos. Eu cheguei a ter outros conjuntos lá, mas o mais forte foi mesmo o The Ideals. Eu cantava no grupo, fazia back vocals. Todos cantavam, o Bruno, o Phillip, o Cornelius. Era um grupo de soul. Tínhamos um preto só no grupo (o Cornelius) mas éramos mesmo chegados em música de preto americano. Os outros dois caras eram italianos, mas gostavam muito de soul... eram brancos meio "apretados", sabe como é? Vivi muito com brancos nos EUA, mais eram brancos mais pra preto.

BIZZ — Quem lançou esses compactos? Você ainda tem algum?

Tim — Eles foram lançados pela Ray Cox Records. Não sei se ainda existe essa gravadora. Era uma etiqueta como várias que existiam lá. Num prédio só, de trinta andares, tinha milhares de gravadoras, de etiquetas, de empresários. Essa Ray Cox era especializada em spirituals, era de um negão, um preto esperto. Eles alugam seus serviços. Você quer fazer um disco, você vai lá, paga... Eu não tenho mais esses compactos. Quem tem é o Arlenio Lívio Santoça, ele é locutor, fazia parte dos Sputniks. Gostaria de ouvir esses compactos, sabia?

BIZZ — Como foi que você se ligou em soul?

Tim — Desde garoto. Era fã do Peppermint Lounge, daquela transição do rock pro soul... Naquela época eu pensava que tudo ia virar soul. Acho que isso tá acontecendo agora.

BIZZ — E Sam Cooke, Motown?

Tim — Claro. Sam Cooke... (começa a cantar). "Don't know much about History/Don't know about Biology... But I do know that I love you..." ...Pô, essa é f*, hein malandro? Essa é de lá do bau. "That's the sound of the men/working on a chain gang..." Inclusive, se você quiser perguntar qualquer coisa sobre o rock daquela época, Tim Maia é uma enciclopédia de rock brasileiro.

BIZZ — Grande. Você é muito citado quando se fala sobre os primeiros anos dos Mutantes. Vocês apareceram juntos na TV, se conheciam, dividiram shows. Quais são suas lembranças dos Mutantes de 67, 68?

Tim — Tenho lembranças verdadeiras. São lembranças muito boas, tenho saudade daquelas pessoas, era uma formação muito boa, o Arnaldo, o Serginho e a Rita. Garotos ingênuos, mas ao mesmo tempo muito sagazes. Eu sabia que eles iam despanchar. O Serginho tem um grupo muito bom, eu vi outro dia. É meio jazz... Do Arnaldo eu nunca mais ouvi falar e a Rita é minha amiga até hoje. Inclusive, foram os Mutantes que me levaram para a Polygram (na época era Philips). A gente se conheceu justamente no "Quadrado É Redondo" e outros programas legais que tinha na TV Bandeirantes, naquela época. Inclusive, depois, quando o Gil foi cantar com os Mutantes naquele festival ("Domingo no Parque", II Festival da Música Popular Brasileira, realizado em 67 pela TV Record), fiquei com ciúme, falei "pô, eu é que gostaria de estar lá com eles..." Depois nunca mais tivemos oportunidade de transar musicalmente.

BIZZ — Você ainda tem ligações com seitas religiosas (Tim Maia foi ligado à seita Mundo Racional — Universo em Desencanto)?

Tim — Eu me liguei nisso há dez anos atrás, quando estava naquela fase mística dos trinta anos.

BIZZ — Você se arrepende dessa fase mística?

Tim — Sim, me arrependo.

BIZZ — Como é que você vê a chegada do hip hop ao Brasil?

Tim — Eu acho o seguinte, *brother*: nós não podemos continuar nessa de tupiniquim. Vamos fazer uma BIZZ voltada para o que é nosso! Pra soltar lá fora! Quem vai levar minha imagem, as besteiras que eu falo pra lá, pra fora? Não adianta só importar. Vamos fazer um *exchange*!

BIZZ — Você ainda acompanha o que tem saído nas paradas black americanas?

"O brasileiro é folclórico, cara! É muito axé, axé..."

Tim — Não acompanho muito as paradas black... Ouvi uma música nova do Earth, Wind & Fire, achei o maior barato, fiquei satisfeito de ver eles de volta, com um puta suingue, muito bem gravado. Também estou com um tape do Cameo lá em casa. Pô, é f*! Na verdade, tenho voltado a comprar uns discos. O Kool and the Gang deu uma guinada nova também. Foi um conjunto legal, dançou, e depois voltou a ser legal.

BIZZ — Como é o Tim Maia no estúdio? Você assume a direção musical nos teus discos?

Tim — Agora tenho feito os discos com o Lincoln (Olivetti). Gravo as bases, mando pro Lincoln, pro estúdio dele em Jacarepaguá — fica no meio de um pântano —, ele mexe, grava, reformula a base, devolve a fita. Aí gravamos voz, metais, mandamos pra ele, ele faz mais alguma coisa dentro daquele sentido e devolve a fita. Depois colocamos uns solos, mais vozes, mandamos pra ele, ele coloca as cordas, mixa, e está pronto. É exatamente assim. É demorado pra caramba por causa disso.

BIZZ — E você costuma gravar em qual estúdio?

Tim — No estúdio onde deixam. Onde me recebem melhor, desde que os 24 canais estejam funcionando. Tem muito estúdio no Rio.

BIZZ — Você ainda tem seu selo próprio?

Tim — Tenho. Sou o diretor-presidente da Vitória Régia Discos. E a única que paga aos domingos e após as 21 horas! O selo é distribuído pela Continental Discos. E tem a Seroma Edições Musicais, "honestidade ao máximo", é a nossa editora. Seroma vem de Sebastião Rodrigues Maia, sou eu mesmo. O selo se chamava Seroma Discos, mas mudou por que o CGC foi expurgado.

BIZZ — Certa vez você lançou um LP todo cantado em inglês, o With No One Else Around. Foi bem recebido esse disco?

Tim — Esse disco não vendeu nada! Ninguém conhece esse disco! Foi na época em que voltei dos EUA, depois de ter me envolvido com essa religião. Tentei fugir daquilo... Gravei o disco todo em inglês, e não deu certo.

BIZZ — Você acha difícil entrar no mercado americano, mesmo cantando em inglês?

Tim — Claro que não! Pelo contrário. Lá você vai é ter gente a pampa a fins de não te deixar entrar naquele mercado... Mas como a imprensa é desinformada, meu Deus! O *With No One Else Around* não foi lançado nos EUA. A desinformação é total! É culpa do folclore! O brasileiro é folclórico, cara! Axé, axé... muito folclore... Esse disco só teve umas mil ou duas mil cópias prensadas. Não foram vendidas. Eu *mandei* esse disco pra todo mundo. Eu pensava que, se distribuísse esse disco pra todo o Brasil, ele seria tocado. Mandei pra todo mundo, fiz uma lista enorme... Não aconteceu nada.

BIZZ — Você curte reggae?

Tim — Não.

BIZZ — E o que acha da banda do teu sobrinho (o cantor Ed Motta), a Conexão Japeri?

Tim — Acho legal... (meio indiferente) ... gosto sim.

BIZZ — E o Itamar Assumpção, você conhece?

Tim — Outro dia ouvi uma música no rádio, e o cara falou "ouvimos com Itamar Assumpção..." É um negão cantando forte, assim, achei legal.

BLACK FUTURE

A OUTRA "PRAIA" DO RIO

Punks, Artaud e H.Q. se encontram na velha Lapa carioca. Que barulho é esse? Lorena Calábria explica

[illegible]

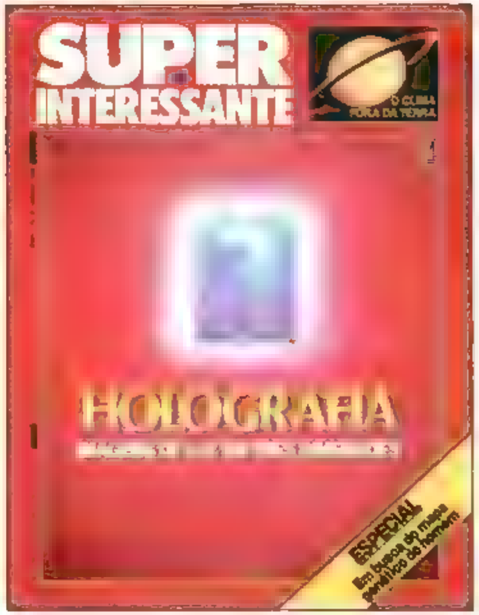
nando com o show no bar Let It Be, contando com as participações intempestivas de Renato "Negrete" Rocha (baixo, Legião) e David Buck (trompete na banda de apoio do B'52, no Brasil, por ocasião do Rock'n'Rio).

Ano seguinte, Lui (aquele mesmo do passo dos Paralamas) muda-se para Brasília e Tantão vai morar na casa de Márcio. O Black Future não arrefece. Sofre algumas modificações nos integrantes, contando com eventuais colaborações. O núcleo continua sendo a dupla Márcio e Tantão. Mas no time oficial ainda entram Edinho (guitarra, também Kongo) e Olmar (baixo). "Ter pessoas tão diferentes tocando conosco é essencial. Cada integrante traz um universo próprio, declara Márcio.

Sempre em combustão, [illegible] ram-se apresentações [illegible] Nesse [illegible] "maldições" [illegible] conseqüentemente incompreendidos. [illegible]

[illegible]

Aqui este cavalo marinho nada.



Na capa de Superinteressante, você jura que vê em 3-D.

Você olha a foto deste anúncio e o cavalo marinho nada. Nada de nada, mesmo. Você olha a capa da nova Superinteressante que já está nas bancas e jura que está vendo o mesmo cavalo marinho em 3 dimensões. É a holografia e Superinteressante é a primeira revista brasileira a sair com uma imagem holográfica na capa. E com um artigo que explica como isso pode ser feito.

Mas esta não é a única diferença entre Superinteressante e as outras revistas. A nova Superinteressante traz reportagens sobre as superinteressantes aventuras do cavalo marinho, que mostram uma espécie onde o pai também é a mãe. Mas a história de um incrível sultão otomano, os climas do outro mundo, o mapa genético do homem e uma múmia de mais de 3 mil anos que está dando lições aos cientistas de hoje.

SUPER INTERESSANTE

PARA O LEITOR SUPERINTERESSADO.

Já nas bancas.

"O ATOR PODE SER TUDO"

MALU MADER

Ela até que tentou abandonar as luzes dos estúdios e partir para o mato e um curso de letras. Mas as câmeras falaram mais alto: a atriz entrou de vez no circuito das novelas de tevê e acabou decolando para o cinema. Agora, ela está pelos telões do país em dois filmes, Dedé Mamata e Feliz Ano Velho, ambos baseados em livros de autores jovens e realizados por diretores idem. E seu brilho rouba as cenas

Um currículo invejável para uma atriz com apenas 21 anos: cinco novelas na Globo — a atual é *Fera Radical* —, uma excelente minissérie — *Anos Dourados*, onde literalmente ofuscou todo mundo —, três filmes — *Rock Estrela*, *Feliz Ano Velho* e *Dedé Mamata*, além do curta *A Espera* e a preparação para uma peça no ano que vem *Dores de Amores*, onde aparecerá no palco como veio ao mundo, contracenando com seu marido, o também ator Taumaturgo Ferreira.

Esta é a trajetória de Malu Mader. Da menina que um dia achou que seria veterinária, "para conciliar a paixão com o interior, com o mato" e que acabou abraçando um ofício onde imperam a agitação, as luzes artificiais, as viradas de noite em exaustivas gravações. E que está na tevê desde os dezesseis — em *Eu Prometo*, a última novela de Janete Clair.

Ainda sem sonhar que um dia estaria dentro deles, Malu "gostava muito de ver filmes" e acabava se "envolvendo com o enredo, com os personagens". Ela ainda tentou *não* ser atriz. Saiu da primeira novela, cursou alguns períodos na faculdade de Letras e em 83 trancou matrícula. Câmeras e refletores falavam muito mais alto que os compêndios. Vieram então *Corpo a Corpo* e *Ti-Ti-Ti* e logo depois a minissérie *Anos Dourados*, seu trabalho mais gratificante (para *nós* também): "Não só pelo papel, porque eu gosto muito de todos os outros que desempenhei. O que me fascinou mesmo foi a obra em si, a equipe toda, o tratamento que o Gilberto Braga deu àquela época. Eu já me identificava com o clima. Ouvia Glenn Miller com meu pai. Eu me emocionei muito com este trabalho".

Fotos Maria Bilac Teru

Depois de ser a Gloriinha da Abolição em *O Outro* e de agora estar fazendo uma jovem vingativa em *Fera Radical*, Malu estará, em agosto, em todos os telões do país com seus dois outros filmes. *Dedé Mamata* é o aguardado *Feliz Ano Velho*. São mais duas adaptações de livros. O curta *A Espera*, de Maurício Faria e Luís Fernando, se baseia em *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, de Roland Barthes — que Malu fez depois de *Rock Estrela*, de Lael Rodrigues, onde encarnava uma jovem executiva. Os dois novos são, respectivamente, baseados em obras de Marcelo Rubens Paiva e Vinícius Vianna. Ambos são jovens, como os diretores Roberto Gervitz e Rodolfo Brandão.

Malu acha muito satisfatório trabalhar com gente nova: "Eles têm dedicação pelo que fazem, são idealistas. Não chegam com aquele papo de quem já está há anos na profissão, tentando te convencer de qualquer jeito. Eu vejo muita sinceridade neles e acabo me envolvendo com o projeto de uma vez". Em *Feliz* , que ela havia lido e adorado, está dividida em dois papéis, Ana e Ângela.

totalmente opostos. E o conflito também está presente nas buscas pessoais de *Dedé Mamata*, "um filme realizado a partir das relações entre pessoas extremamente solitárias, sem rumo.

A atriz sabe que existe a possibilidade de trabalhar no exterior, mas não direciona sua carreira propositadamente para isto: "Às vezes passa pela cabeça, sim, mas não chego a pensar muito no assunto. Eu trabalho é aqui, apesar de estar muito ligada ao cinema estrangeiro". Entre seus diretores preferidos estão Woody Allen, Martin Scorsese, Fellini, Truffaut e Jim Jarmusch e, entre os filmes, *Zelig*, *A Rosa Púrpura do Cairo*, *O Rei da Comédia*, *Depois de Horas* e *A Mulher do Lado*. Isabelle Adjani e Meryl Streep são as atrizes de quem mais gosta, ao lado dos atores Mickey Rourke, Robert De Niro e Harrison Ford. Ultimamente, Malu abandonou o hábito de pegar fitas no videoclube, o que fazia quando a pirataria ainda rolava solta. Prefere ir ao cinema.

Malu acalenta uma vontade antiga: a de vir um dia se tornar uma cantora

onde recentemente se deslumbrou com *O Último Imperador* e *Feitiço da Lua*.

Malu fica ainda mais fascinada pelo cinema quando se vê diante de um bom papel. "Dá vontade de fazer. No fundo, ser atriz é ser muita coisa, realizar vários sonhos impossíveis. Eu me sinto como a virgem dos anos 50. Por isso, o ator não precisa dizer 'eu queria ser'. Ele pode ser tudo", afirma. E, acreditando que pode ser "tudo", ela acalenta uma vontade antiga, a de ser cantora. Ouve muita música negra, assiste aos vídeos da Motown e curte Marvin Gaye, Stevie Wonder, B.B. King, James Brown. Dos nacionais, fica com Caetano, Marina e Luiz Melodia. Não é exatamente uma roqueira, mas gosta muito de Lobão: "Além da música, simpatizo com ele. Não consigo ser imparcial quando gosto da pessoa e, geralmente, acabo gostando de tudo o que ela faz. Só acho uma pena não ter mais tempo de ir a shows."

Lorena Calábria

UMA PRESENÇA LUMINOSA

Ao resolver adaptar para o cinema o romance autobiográfico de Marcelo Paiva, *Feliz Ano Velho*, o jovem Roberto Gervitz sabia que estava empunhando uma faca de dois gumes. Por um lado, contava com uma garantia prévia de divulgação de seu trabalho, já que o livro é o maior best-seller da década no Brasil, com mais de 600 mil exemplares vendidos desde 1982. Por outro lado, baseava seu primeiro longa-metragem num texto de qualidade literária no mínimo duvidosa, que além de tudo mexia com temas delicados — sexo, drogas, rock'n'roll, política e solidão vistos por um garotão tornado paralítico quando mal saía da adolescência. Muita coisa para um estreante, sem dúvida.

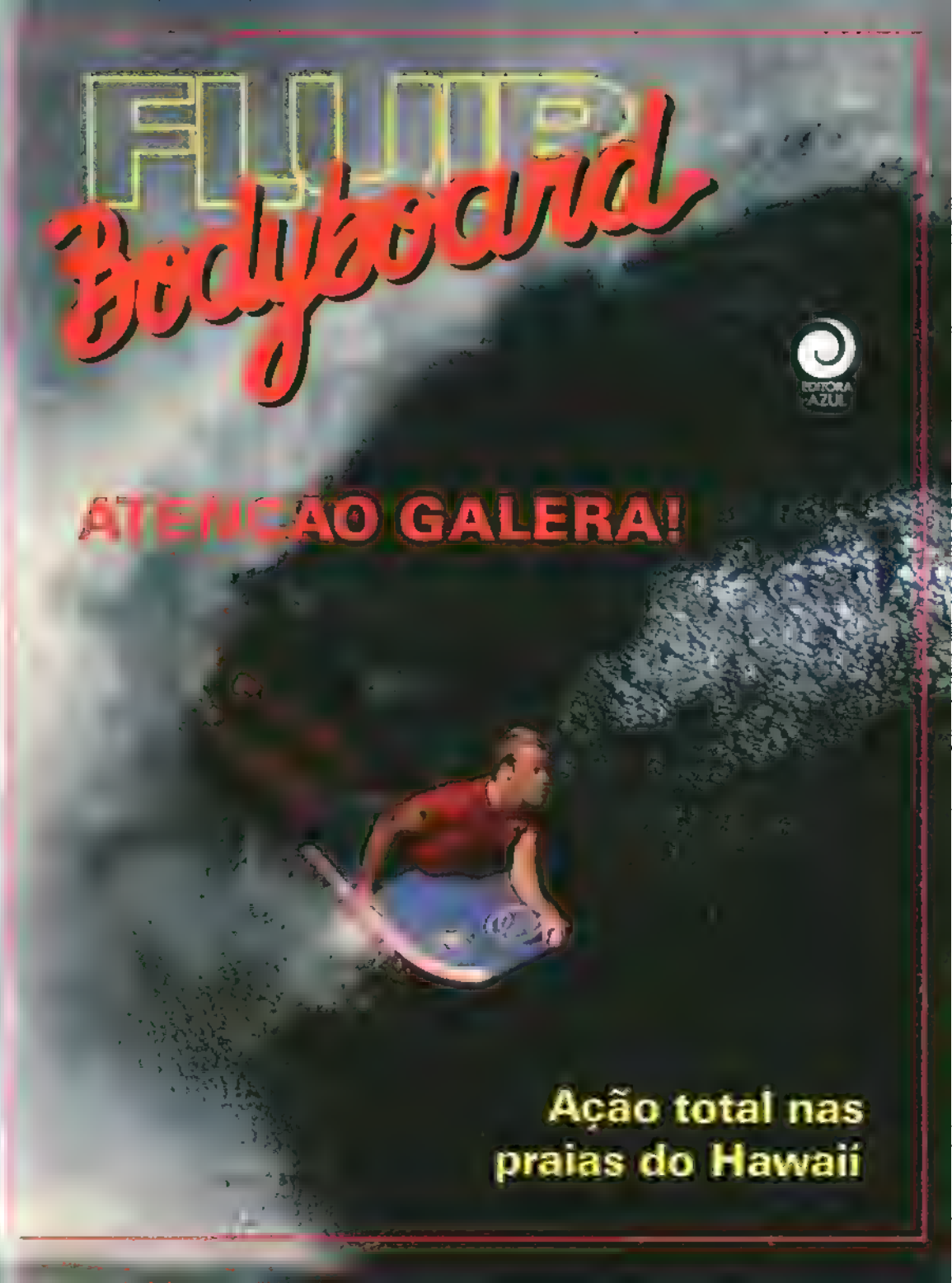
Gervitz enfrentou o desafio com mais ousadia que prudência. Aquilo que no livro era um inventário das desventuras de Mário (o alter-ego do próprio Paiva), o filme procurou dar um sentido que resumisse não só a trajetória do rapaz como a de toda sua geração — que hoje está chegando aos 30. O resultado final é bastante irregular, com erros e acertos.

Na escolha do elenco, o erro maior foi colocar o inexpressivo Marcos Breda no papel de Mário, e os ainda mais fracos Carlos Loffler e Júlio Levy como seus companheiros de república (em seus tempos de Universidade de Campinas). O acerto maior foi ter escalado Malu Mader como Ana, a namorada de Mário. Compondo um personagem mais doce e positivo que os que tem vivido nas novelas globais, Malu esbanja beleza e competência, valorizando todas as cenas em que aparece. Igualmente feliz foi a escolha dos veteranos Marco Nanini (como um colega de Mário na fisioterapia) e Isabel Ribeiro (como a médica que dirige sua recuperação).

Do ponto de vista da linguagem, a opção de Gervitz foi a mais arriscada possível. Além de não contar a história de forma linear, ele deu um tratamento cinematograficamente diferente para cada momento narrado. Assim, a fotografia muda de filtros exageradamente vermelhos (nas cenas de lembranças do protagonista) para tonalidades azuladas e cenografia *clean* (nas cenas "atuais"). O resultado é incômodo, parecendo falta de unidade.

A recriação do ambiente cultural de meados dos anos 70 — um subproduto da cultura *hippie* — é mostrada em toda a sua breguice. Quadros psicodélicos, melodias calcadas em "Stairway to Heaven", do Led Zeppelin, cabelos nos ombros .. A falta de distanciamento crítico em relação ao período chega a produzir um efeito desagradável. O mesmo não acontece com o retrato agudo e hilário dos cacoetes do movimento estudantil nos *seventies*. Bons momentos como estes — aliados à presença luminosa de Malu Mader — compensam os deslizes técnicos e a pieguice que pipoca aqui e ali.

José Geraldo Couto



FAZ UM ANO QUE VOCÊ
NÃO ENTRA NO CINEMA NO ESCURO.

Todos os meses a revista SET mostra pra você tudo que acontece no mundo do cinema e do vídeo. Lendo SET você sempre sabe antes o que vale a pena ver e o que é melhor deixar cair na escuridão. Na edição de aniversário você vai conhecer o novo filme de Ridley Scott, os grandes lançamentos de vídeo deste mês e uma superentrevista da CHER. SET. Sua revista de cinema e vídeo.

GRÁTIS! AGENDA DE VÍDEO
Um presente da revista SET, com endereços de distribuidores de vídeo e assistência técnica de aparelhos de videocassete.

EDITORA AZUL

O REI DA PAQUERA

Robert Downey, que entrou na *Brat Pack*, a quadrilha dos moleques de Hollywood, com *Mulher Nota 1 000* e *De Volta às Aulas*, é *O Rei da Paquera*. As saias costumam acionar os freios de seu Camaro conversível e precipitar cantadas infalíveis, ensaiadas na frente do espelho. Tudo vai bem em sua agenda de encontros até ele cruzar Molly Ringwald, o hit adolescente de *A Garota de Rosa Shocking* e *Clube dos Cinco*. O gancho da ação é simplório: como ela o dispensa após uma rápida passagem pelos assentos de seu conversível vermelho, sem lhe dar seu número de telefone, ele resolve segui-la... Assim, se envolve com escroques da jogatina, para quem o pai da longilínea ruiva deve muito dinheiro.

A fórmula rotineira de comédia leve adolescente tinha tudo para dar certo. Mas não foi desta vez que o diretor James Toback, responsável pelo mais sério concorrente a pior filme da carreira de Nastassja Kinski, *Exposed*, limpou sua reputação. O filme não segura o pique cômico além da primeira metade, tampouco explora cenas de ação. Ainda assim, antes de tudo se encaminhar para o final banal, algumas gags emplacam com fluência. A cena em que o casal é abordado por um assaltante, num beco escuro, que ataca cantando "Blue Suede Shoes", é memorável. E Molly, como sempre, está adorável.

Além disso, há o forte elenco, talvez o motivo mais contundente para justificar a ida ao cinema. Dennis Hopper, o eterno perdedor, vive o bêbado e endividado pai de Molly. Danny Aiello, que recentemente encarnou o pretendente de Cher em *Feitiço da Lua*, é o melhor amigo do *Rei da Paquera*. Harvey Keitel, um dos incansáveis duelistas do filme homônimo de Ridley Scott, se encarrega de distribuir sopapos como o chefete dos gângsteres. E segure os bocejos na altura do final sonso.

Marcel Plasse

Molly Ringwald e Robert Downey: a Garota da Rosa Shocking encontra o Rei da Paquera.

Diane Keaton e seu "presente" mão no morro

PRESENTE DE GREGO

Pode uma mulher sufocar o instinto maternal? Em *Presente de Grego (Baby Boom)*, o diretor Charles Shyer (roteirista de *Recruta Benjamin*) prova que não, ao contar a história de J.C. Wiatt (Diane Keaton), uma brilhante mulher de negócios que vê sua vida tornar-se um pandemônio com a chegada da pequena Elizabeth (de 13 meses de idade), "herança" de um parente distante.

O bebê é o pesadelo de J.C., que não sabe como encaixá-lo entre almoços de negócios e reuniões com seu chefe. Como se não bastasse, o namorado (Harold Ramis) a abandona, incapaz de assumir a responsabilidade de uma família. Paralelamente à crise profissional e conjugal, J.C. vê florescer seu sentimento maternal em relação à gorduchinha Elizabeth (interpretada pelas gêmeas Kristina e Michelle Kennedy).

Para conciliar maternidade e profissão é preciso muito malabarismo e competência — o que não falta a Diane Keaton, que arrasa na interpretação da sofisticada e atrapalhada J.C., uma personagem inesquecível. As cenas em que ela tenta se ocupar da menina são deliciosamente simples e ternas, mostrando o poder de atração de uma criança que consegue abalar o mais duro dos corações. Impossível ficar indiferente a um presente como este.

Eliana Thome de Souza

DESCUBRA A MAGIA DO SURF

O CONTATO É DIRETO. A FORÇA É IMENSA. A ADRENALINA É TOTAL. TUDO É E ESTÁ EM MOVIMENTO. CADA MOMENTO É ÚNICO, ESPECIAL. SERÁ QUE DEU PARA EXPLICAR POR QUE O SURF É O ESPORTE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO?

REVISTA FLUIR

S U R F É F L U I R

BARFLY

Mickey Rourke no roteirofrotina de Charles Bukowski: "Garçon, mais uma e suzo zen!"

Esta é a história de Henry Chinaski (Mickey Rourke), que acreditava que a vida deveria ser sorvida em grandes goles, principalmente com um copo de bebida na mão.

O outsider escritor Charles Bukowski, conhecido pelo entusiasmo ao álcool e também pela sua tumultuária obra (*Cartas na Rua Mulheres, Factotum* etc.), escreveu o roteiro diretamente para a direção de Barbet Schroeder neste ambique cinematográfico. Nada difícil para Bukowski — afinal, se conta várias noites de sua vida, quando tinha 24 anos.

Henry mora em Los Angeles e seu habitat é o balcão de qualquer bar. Precisa de bebida assim como uma manha precisa de moscas. Sua atitude é de autodestruição consentida e festa orgulhosamente em público. Por isso, seu cotidiano não é o mesmo vivido pelas pessoas "normais". Para ele, beber, bater, apanhar e perambular é uma rotina monótona que o filme passa com fidelidade.

Mas surge na vida deste ébrio a paixão, apesar de cuidadosamente abordada, Wanda Wilcox (Faye Dunaway) — que não muda em nada os rumos do filme, além de companhia para todos os portes. Henry e Wanda transam e bebem, e vice-versa. Um dia ele sai para procurar emprego e não consegue, outro dia ela sai para procurar emprego e não consegue. Na verdade eles não querem nada além de beber.

Henry constrói seu charme ao afirmar que "as pessoas não enlouquecem" e que a vida assim é muito chata. E com isso seduz uma jovem, *clean*, editora, encantada com seus contos, que pensa encontrar a solução de seu tédio. Rourke e Dunaway brilham com grandeza superior ao filme. Aqui as águas rolam pra valer, garrafas cheias eles não querem ver sobrar. E nem paz, pois "com ela não se pode escrever algo", como diz Henry. E, assim, este farrapo humano constrói seu inferno particular, sua fonte de inspiração (e ressacas) onde a coragem vale mais que a verdade.

Com o perdão do trocadilho, *Barfly* não é uma má ideia, embora não chegue à cintura de *Crônica do Amor Louco* (de Marco Ferreri), baseado também num conto de Bukowski. Saúde!

Walter Silva

SET CINEMA & VÍDEO

A revista SET está lançando uma seleção de Vídeos de muita categoria

animação,
aventura,
clássicos/arte,
comédia,
cult-movies,
documentário,
drama,
ficção,
guerra,
inéditos no cinema,
musical,
nacional,
policial,
romance,
sexo,
suspense,
terror,
e western.
Indexados por títulos, diretores e atores.

Os 500 melhores vídeos de SET.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

LETRAS

TOTALLY NUDE

RÁDIO BIZZ

TOCA A REVISTA QUE VOCÊ LÊ

Fique ligado. Você vai ouvir na sua cidade, todo sábado seguinte ao lançamento da BIZZ, o programa que toca a sua revista.

PROCURE A FM QUE TOCA A RÁDIO BIZZ NA SUA CIDADE

Angra dos Reis - **Costazul FM**
Araraquara - **Morada do Sol FM**
Assis - **Cultura FM**
Belém - **Comunicação 94 FM**
Belém - **Cidade Morena FM**
Belo Horizonte (Betim) - **Liberdade FM**
Brasília - **Transamérica FM**
Cajazeiras - **Patamuté FM**
Campina Grande - **Campina Grande FM**
Campinas - **Sucesso da FM**
Cuiabá - **Vila Real FM**
Curitiba - **Transamérica FM**
Fernandópolis - **Difusora FM**
Florianópolis - **Antena 1 FM**
Foz do Iguaçu - **Cultura FM**
Garça - **Centro-Oeste FM**
Goiânia - **Araguaia FM**
Guaratinguetá - **Guaratinguetá FM**
João Pessoa - **Arapuan FM**
Lins - **Clube FM**
Londrina - **Antena 1 FM**
Manaus - **Amazonas FM**
Marília - **Itaipu FM**
Maringá - **Maringá FM**
Piracicaba - **Alvorada FM**
Poços de Caldas - **Cidade FM**
Porto Alegre - **Ipanema FM**
Recife - **Transamérica FM**
Ribeirão Preto - **Clube FM**
Rio de Janeiro - **Transamérica FM**
Salvador - Transamérica FM
Santa Rita do Sapucaí - **Difusora 2 FM**
Santo André - **97 FM**
Santos - **95 FM**
São Carlos - **Intersom FM**
São José do Rio Preto - **Cidade Stereo Show FM**
São Luiz - **Mirante FM**
São Paulo - **Bandeirantes FM**
São Sebastião - **Beira Mar FM**
Sorocaba - **Vanguarda FM**
Teresina - **O Dia FM**
Tupã - **Tupã FM**

TODO SÁBADO SEGUINTE AO LANÇAMENTO DA BIZZ, TEM RÁDIO BIZZ NA SUA CIDADE.

BIBA MEIRA

A PEQUENA DEMOLIDORA

Biba Meira, a guria graciosa que tempera a cozinha do DeFalla: eficiência, sensibilidade e talento.

Quem ouve a pancadaria peso-pesado na cozinha do LP do DeFalla se surpreende quando descobre que a encarregada da demolição é uma loirinha de 24 anos, com apenas um metro e meio de altura e 42 quilos. "O fato de eu ser mulher, ter esse tamanhinho e tocar bateria, coisa que não é muito comum entre as m-u-l-h-e-r-e-s, realmente impressiona." Tanto que esteve bem colocada nas votações de melhores instrumentistas de 87 feitas entre a crítica de BIZZ e pelo diário portoalegrense *Zero Hora*.

Biba começou a tocar bateria há quatro anos. Sua entrada no show business, em 84, foi sob vaias e latas de cerveja, substituindo o baterista da banda Urubu-Rei. "Não Me Mande Flores", gravada pelo DeFalla e considerada pela crítica uma das melhores músicas de 87, fazia parte do repertório daquela época.

EQUIPAMENTO

BATERIA: Pearl Export com dois tons de 12 e 13 polegadas, bumba de 22, surdo de 16 e caixa de 14
PRATOS: Um Crash Zildjan de 18 polegadas e chimbau Paiste 2002
BAQUETAS: Ibanez (nacionais)

Outra curiosidade: o baixista e o guitarrista do Urubu-Rei, hoje, também integram o DeFalla.

"Quis aprender a tocar bateria desde os 12 anos." Seu irmão tocava bateria. A atração era fatal. Nessa época, ouvia e gostava de Genesis, Led Zeppelin e Yes, "bandas que têm as caixas mais f*. Até hoje elas me influenciam pra c* Quando comecei a tocar, em 84, era tarada por Bill Brufford..." Agora, ela gosta de Tony Thompson, baterista do Chic, e de bandas pesadas de funk.

Houve uma época em que chegou a tocar em cinco bandas ao mesmo tempo. "Como estava aprendendo, tinha interesse em tocar em várias bandas. Tu aprende muito mais tocando do que estudando." Mesmo assim, não dispensou as aulas, tendo como professor, inclusive, um percussionista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA).

Até hoje, só teve duas baterias. A primeira foi uma Pingüim amarela. Atualmente, toca numa Pearl Export, que, claro, lhe tem inspirado muito mais. "Instrumento nacional é um desânimo total. Tu vê que aquela coisa não tem som... e te trança!" Só possui um prato, "porque não tenho grana pra comprar p* nenhuma". O outro que usa nos shows é sempre emprestado. E nunca usa mais que dois. Todos de ataque, mesmo quando a batida é de condução, pra tirar "mais barulho". "Nunca fui muito chegada em prato", confessa. Prefere usar toms para as complementações e viradas. Condução nos surdos. Se bem que esteja voltando ao básico: chimbau, caixa e bumbo. "Tô ficando mais roqueira mesmo." Exige a mixagem pesada, privilegiando bumbo e caixa. "Em shows, a bateria tem que estar bem em cima, junto aos demais instrumentos e à voz."

Usa um microfone em cada peça e prefere ensaiar o mínimo possível. DeFalla é uma banda que ensaia muito pouco. "Mas é também porque a gente sempre tocou junto, em todas as nossas bandas paralelas." De forma alguma ela sente saudades do tempo em que os ensaios de suas bandas duravam quatro horas e a mesma música era passada inúmeras vezes. "Um saco!"

Na verdade, o único inconveniente em ser pequenina é o condicionamento físico. "Quando comecei a tocar, o show costumava cair na metade, porque eu não tinha forças." Por isso, ela precisa fazer muitos exercícios. "Quando eu tô fora de forma, dá pra notar direitinho .. Eu fico pedindo água!" Costuma fazer ginástica, cooper e natação. Mas não deixa de lado a cerveja e os drops. "Claro que isso prejudica. Mas aí é só correr mais .."

Subir no palco, porém, apenas sóbria. "Toquei bêbada duas vezes .. que eu me lembre... Mas aí quebrei dois pares de baquetas." Uma longa história.

Sendo a única garota na banda, ela geralmente se pega cercada de homens falando sobre "sexo, punheta e mulher o tempo inteiro. Eu, no meio disso, vou fazer o quê? Me divirto pra c*..." Irreverência é o quesito mínimo pra conviver dentro de uma banda formada por notórios canalhas. Mas ainda assim há quem se choque com seu jeitinho meigo de falar tantos palavrões. "Pra c* Mas isso é tão comum. Pra mim, mandar tomar no c* é a mesma coisa que dar um beijinho." Apesar disso, sua reputação é de menina séria. "Pois é, eu não sei por quê. Talvez porque no palco e nas fotos eu esteja sempre séria — fazendo estilo... Mas quem me conhece ..!"

Marcel Plasse

Amsterdam (foto) — duas décadas depois de seus gloriosos Summers of Love — permanece como uma ilha de civilização na terra desolada do hipercapitalismo. O notório *Paradiso* — ex-igreja gótica rebatizada pelo Estado com a função de difundir altas taxas de decibéis e congregar usuários de substâncias fora-da-lei — trocou sua pintura psicodélica pelo preto, mas continua com uma programação impecável. Em um extra-cool sábado de primavera, tive a honra de acompanhar — em locação estratégica — nada mais nada menos do que as bem-dotadas manoplas do lendário Dr John, aliás, Mac Rebennack, aliás, The Night Tripper, o imponente mestre do New Orleans boogie piano. O doutor arrasou com um set solo de megaclássicos da Big Easy, incluindo uma longa sessão em homenagem ao inesquecível professor Longhair, aliás, Henry Rowland, o monstro que legou à Humanidade o supra-sumo de técnica em termos de boogie woog e piano. Não faltou nada, de "Tipitina" a "Jambalaya", de "Don't You Just Know It" a "Rockin' Pneumonia and the Boogie Woog e Flu". Clima de puro piano-bar de New Orleans — onde música e libido rolam 24 horas sobre 24. Para completar, um trio holandês subiu ao palco para acompanhar as *encores* do Doctor. À meia-noite, todos os holandeses transformaram-se em arenque e saíram dançando pelos canais da mágica De Dam

Sren Simon Bonn

As tecnicas de *cut up* e colagem em geral da armada hip hop quando utilizadas com inteligência, podem levar a resultados altamente transgressivos. Foi o caso há dois anos, do rap de Steinski and Mass Media articulado em cima do boletim de radio que anunciou ao mundo o assassinato de Kennedy em novembro de 63. Agora o MLK Project inglês pegou o famoso discurso "I Have a Dream" de Martin Luther King — onde dr King sonha com o dia em que não haverá mais preconceito racial na America — e o editou em cima de uma pesadíssima batida tecnofunk. No lado B deste single de 12" temos o discurso na íntegra, sem musica. Ao lado do rolo compressor neo-Panteras Negras do Public Enemy este e um produto indispensável na discoteca de qualquer ouvinte consciente

Na seção remix, já sério candidato a melhor de 88 (e garantido na trilha sonora deste verão no hemisfério norte) é "The Payback Mix" — ou seja, a dupla Coldcut (remix de Eric B. e Hakim, "Say Kids What Time It Is", "Doctorin' the House") arrasando em cima de clássicos do haaaaaaaaardest working man in show-business. Saiu pela Urban/Polydor (exigir similar nacional). Coldcut cozinha um verdadeiro míssil, onde entra tudo — "Hot Pants", "Sex Machine", "Funky Drummer", "Funky President", "Cold Sweat", o "I Know You Got Soul" original, e até a sireninha de Public Enemy em "Rebel without a Pause". Garantia de neurônios derretidos, ou suas 3 libras e 49 de volta.

Fetichistas do vinil, comecem a carregar suas Magnuns e Uzis: as multinacionais querem acabar com o disco, em benefício deste estúpido símbolo de status, o CD. A Rhino Records, venerável selo especializado em itens para colecionadores, já lançou uma campanha "Salve o LP". As gravadoras por aqui não se cansam de afirmar que os dias do vinil estão contados: no máximo mais 5 anos, até o LP virar peça de museu. Aaaaaaaargh! O que fazer?

O fato é que "industria do disco" é uma expressão que não mais se aplica. As vendas de LPs têm caído, em termos globais, na última década. Desde 1985 cassetes vendem mais que LPs. Na Inglaterra, a partir do ano que vem, CDs vão vender mais do que LPs. A chegada do DAT não vai mudar muito o quadro: o DAT vai conviver com o CD, em vez de substituí-lo.

Para a industria da música, CD é um grande negócio. Philips e Sony ganham um royalty de 2% em cima de cada player vendido por empresas rivais licenciadas para fabricar equipamentos para CD. Fabricas de disco cobram, aqui, cerca de 40 pence (mais ou menos 100 cruzados) para prensar um LP. O preço da manufatura de um CD é mais ou menos 1 libra (pouco mais de 200 cruzados). Nas lojas, os CDs deveriam, portanto, custar no máximo mais 2 libras do que o preço standard de um LP, 6 libras e 99. Mas os CDs custam 5 libras a mais do que um LP comum. É uma mina de ouro. O pior é que pesquisas demonstram: as pessoas não compram CD por causa da alta fidelidade. Compram por conveniência, pelo fato de que o CD é mais resistente do que o vinil e — acima de tudo — pelo desejo de possuir o mais novo símbolo de status eletrônico. Aaaaaaargh! Está lançada a campanha: "Vamos Salvar o LP".

Famosos em geral podem se alvoroçar o tablóide diario inglês *Today* — do nauseante magnata multinacional Rupert Murdoch — pagou um recorde de 350 mil libras (quase 700 mil dolares) pelos direitos de serialização da autobiografia do mutante de uma nova raça Wacko Jacko, *Moonwalking* Jacko, entre outras coisas, revela a seus embasbacados leitores ingleses como costumava levar a irmazinha Janet — que com uma produçãozinha nao é de se jogar fora — para o banheiro Nao para brincar de doutor, mas para lhe cantar algumas canções de sua autoria em "um lugar de boa acustica" Formidável Outro tablóide, o *Sunday Express*, pagou 50 mil libras (quase 100 mil dolares) pelos direitos de serialização da última novela da *best-seller* de aeroporto e sarjetas Jackie Collins (foto), "Rock Star" (com certeza sairá já em tradução brasileira) Façam suas apostas quanto será que o *Noticias Populares* pagaria pelas memórias de Rita Cadillac (detalhe)?

Se descontarmos o bilhete eproduzido em outubro passado pea revista *People* — um texto curto que revelava muito pouco, além da pouca familiaridade de seu autor com regras básicas de caligrafia e gramática —, Michael Jackson não faz declarações extracanção desde 1983. São cinco anos de silêncio sólido a rodear justamente o período em que o ex-menino prodígio do Jackson Five gravou o disco mais vendido de toda a História — *Thriller*, acima de 42 milhões de cópias espalhadas pelo mundo inteiro —, divorciou-se artisticamente dos irmãos, trocou de empresário, comprou os direitos do catálogo de músicas dos Beatles, revolucionou o mercado de videoclips com "Making Of", primeiro e comercialmente mais bem-sucedido de todos, tentou comprar os restos mortais do Homem Elefante", assinou o maior contrato de patrocínio já concebido — 15 milhões de dólares, pagos pela Pepsi —, desapareceu de circulação, gravou o suficiente para preencher um LP, jogou tudo fora, recomeçou e, enfim, realizou o álbum *Bad*, promovido pela primeira e provavelmente derradeira turnê solo de sua carreira de 25 anos ininterruptos

Durante esse tempo em que se manteve calado para a imprensa, Michael desenvolvia, meio que em segredo, uma autobiografia em que prometia esclarecer todos os pontos confusos de sua vida recente Mas *Moonwalk* só não é decepção completa para o leitor ávido de informação — ou fofoca, dependendo do ponto de vista —, porque alguma coisa ele conta: seu primeiro amor foi Tatum O'Neal (atriz filha de Ryan O'Neal), com Brooke Shields ele esteve "romanticamente sério", e Diana Ross teve mágoas quando ela se casou "porque eu a amava". Ou seja, ele não é o boneco assexuado que alguns suspeitavam. Mais, Michael comenta, pela primeira vez em público, seus sentimentos quanto a sexo: "Amo a integração entre os sexos. É uma parte natural da vida e eu adoro as mulheres. O que acho repugnante é quando o sexo é usado como uma forma de chantagem ou de instrumento de poder. É uma forma repugnante de se usar uma dádiva de Deus". As transformações físicas por que passou também são abordadas, sempre num misto de espanto e rancor em relação aos rumores que davam conta de inúmeras cirurgias plásticas e injeções de hormônios que tornassem sua voz mais fina e sua pele mais clara. "Quando comecei a me tornar conhecido tinha ainda feições de bebê gorducho, e essa 'rechonchudice' permaneceu até poucos anos atrás, quando mudei minha dieta e parei de comer carne de galinha, boi, porco e peixe, além de outros alimentos gordurosos e engordativos. Queria apenas ter melhor aparência e viver melhor e com mais saúde. Aos poucos, enquanto perdia peso, meu rosto tomou a forma atual e a imprensa passou a me acusar de ter alterado minha aparência física através de cirurgias. Gostaria de pôr as coisas em pratos limpos: nunca alterei minhas bochechas nem meus olhos. Não afinei meus lábios nem tratei de minha pele. Todas essas acusações são ridículas. Modifiquei meu nariz duas vezes e recentemente adicionei uma covinha em meu queixo. E é só isso. E ponto final."

De "suculento", digamos assim, isso é tudo. Jogue baldes de água fria em suas esperanças de fofocas cabeludas e revelações sensacionais. Afinal, este é um livro "Relações Públicas" editado por Jaqueline Kennedy Onassis (ela mesma, a ex-primeira-dama), com textos de abertura assinados por John Lennon e Thomas Edison (ele mesmo, aquele da aula de ciências) e recheado de historinhas para serem repartidas em família, sobre a casa da família Jackson, os ensaios, o contrato com a gravadora Motown e daí por diante. Só é melhor do que um press release porque "desce" mais fácil e diverte mais.

De interesse especial para leitor sério são as partes que relatam a criação e a gravação de todos os discos solo de Michael Jackson — com nada menos que um parágrafo inteiro dedicado ao percussionista brasileiro Paulinho da Costa — e os caminhos que levaram a cada um dos videoclips de *Thriller*. Aprende-se, nessas partes, a apreciar a dedicação de Michael aos projetos que empreende. Mesmo que seja uma impressão dada pelas palavras do próprio Jackson, esse artista sua a camisa, como qualquer outro ser humano. Digo só que ele vende 40 milhões de discos. E nós não. *J.E.R.*

Querendo "botar" as coisas em pratos limpos," Jacko fala de seus amores e cirurgias

FRANK ZAPPA

Super terça-feira

Wembley Arena (Londres)
19/04/88

Nos últimos tres anos, a lenda viva Frank "Hot Rat" Zappa largou sua gargantual coleção de guitarras no quarto de seu filho Dweezil e ficou só brincando com o Synclavier. Pelo menos o U.S.A. *slick boy* Dweezil — como demonstrou em Wembley, com um solo de dez minutos em "Chunga's Revenge" — aprendeu alguma coisa com Daddy. Mas nada como *the real thing*, e não é por acaso que FZ escolheu justamente o ano eleitoral americano para voltar à estrada.

O show de FZ em sua tour européia-88, *Broadway the Hard Way*, é absolutamente brilhante. Só poderia ser deixado a plateia de quatro, depois de 2h40 min de música com utilizado intervalo de meia hora.

Zappa continua sendo o que sempre foi: um implacável comentarista de sua época. Usa sua música para ridicularizar as grandiosas idiotias made in USA — seja na política institucional ou na mídia. Este ano, suas pauladas vão para o Partido Republicano e os grupos de pressão da extrema-direita, "renascidos em Deus, com seus pastores eletrônicos sempre envolvidos em escândalos".

Na primeira parte do show, FZ e sua banda, escandalosamente top-class, exploram este "conceito". FZ coloca republicanos e pastores em um circo litero-musical onde passamos do rhythm'n'blues envenenado para a brincadeira de roda; do travesti de típica balada soul L.A. ou Filadélfia para a paródia de *revue* da Broadway. FZ é mestre de cerimonias — o show tem a atmosfera de uma longa jam ininterrupta em estúdio —, manejando sua baqueta, interpolada com caretas cínicas, o carnaval de ruídos extras (alguns tocados, alguns sampleados — todos cômicos), tudo em um registro entre o sarcástico, o grotesco e o mais absolutamente *corny*. As letras são de rolar de rir, ridicularizando o moralismo dos pastores de TV, as palhaçadas políticas da era Reagan e, claro, a yupparada que só tem ar quente na cabeça. Os *highlights* ficam para a sensacional "Planeta das Mulheres Baritonas" e o verdadeiro tratado de política externa reaganiana, "Jesus Acha que Você é um Babaca", onde FZ também comenta a tétrica possibilidade de um evangelista chegar à presidência. Só mesmo FZ para livrar a cara com um verso como "E Jesus vai pensar que eu sou um babaca/ como você/ se você virar um macaco por causa desses pastores de TV".

A superbanda destrói, com destaque para sua alma black, Ike Willis (guitarra, além de dividir os vocais principais com FZ); os velhos zapeiros Chad Wackerman (bateria) e Ed Mann (percussão); e cinco feras dissolutas na seção de metais (Bruce Fowler no trombone, Walt Fowler no trumpete e flugelhorn, Albert Wing no sax tenor e flauta, Paul Carmen no sax alto e baritono; e Kurt MacGettrick no sax baritono e clarinete). Mais *tight* do que isso nem em bar de Chicago.

FZ e seu coletivo extraordinario voltam ainda mais endiabrados do intervalo. FZ anuncia que "vai fazer umas safadezas com três musicas dos Beatles. Não convidamos vocês a acompanhar porque mudamos as letras". O que temos é uma trilogia pornografica envolvendo o famoso caso do pastor eletrônico Jimmy Bakker, que andou sucumbindo às tentações do demônio e arruinou sua carreira política. FZ e banda destroem "Norwegian Wood", "Lucy in the Sky .." vira 'Louisiana Hooker with Herpes ("A Prostituta da Louisiana com Herpes") — só para se ter uma ideia —, a primeira estrofe de 'Strawberry Fields Forever" começa com "let me take you down, cause we're going to/ the Texas motel".

Tem mais, zappofilos! Uma versão extended, brilhante nos ups and downs instrumentais, do clássico 'The Torture Never Stops", seguido por um clima country e duas investidas em "My Guitar Wants to Kill Your Mama", e a mega-cult 'Willie the Pimp" (faz falta, no entanto, a voz de Captain Beefheart e o violino de Sugarcane Harris). FZ fechou o show com uma espantosa versão de "Stairway to Heaven".

Zappa, em foto de sua tour européia

a primeira parte em reggae high-tech, com ruídos suínos, e a segunda como ska. A plateia, zappeana e zeppelimiana (média de idade acima de 30, muitos heavies e bikers), ficou tão maravilhadamente perplexa que mal notou o início da primeira *encore*: "Why Does It Hurt When I Pee". Dweezil foi introduzido para 'Chunga's Revenge", solando à la Eddie van Halen. *Aquele estilo de guitar-playing*, com rushes, floreios, arabescos e intimações hendrixianas, só mesmo com o mestre FZ.

FZ ao vivo não é jazz, não é rock, não é cabaré. É todas as anteriores e mais algumas coisas. Final apoteótico: "Bolero", de Ravel, em andamento de reggae e com intervenções circenses. Com uma discografia de mais de 50 LPs, o relançamento de todo seu catalogo antigo em CD, e ainda, em plena ebulição depois de tudo isso que aconteceu na história do pop-rock-jazz, tem gente que acusa FZ de megalomania. *Shut up*, babacas, e deixem o velho Frank *play his guitar*. E quanto mais ao vivo, melhor.

Pepe Escobar

EXUMER

Paul Araújo, mostrando um som a la Slayer

Antepasto

Ginásio da Portuguesa (SP)
22/04/88

Uma grande expectativa se formou em torno do primeiro evento de peso do ano no cenário do heavy brasileiro. Idealizado pela Woodstock Discos e Cacá Prates Produções, o show da banda alemã Exumer, da linha *thrash* — que significa energia, garra, som f*, e não "lixo", como Cacá disse em alto e bom tom na TV —, atraiu uma platéia de 3 500 pessoas. Bastante calor misturado com ansiedade sonora deixou ainda mais afita a massa que gritava pela primeira banda de abertura... Pouco depois das 21h, o quarteto mineiro Sepultura tomou o palco. Mesmo com o som um pouco embolado pela reverberação do ginásio, a banda já na primeira música levou a multidão ao delírio, que quase esmagou a barreira de seguranças da Fonseca's Gang contra o palco. Isto causou um tumulto em frente aos músicos, interrompendo a apresentação do grupo logo após a segunda música. Daí, covardemente, a Polícia Militar teve que dar o ar de sua graça, afastando o público com cacetadas gratuitas. O incidente atrapalhou a performance do Sepultura e diminuiu pela metade o tempo que eles dispunham, deixando um ar de insatisfação em todos os presentes.

Em seguida, já com a situação sob controle, subiu o power-trio carioca Dorsal Atlântica, aclamado pela platéia. Com um repertório totalmente calcado em seu novo LP, o Dorsal conseguiu fazer uma ótima apresentação, faltando apenas um som mais nítido à guitarra de Carlos Vândalo (também vocal).

Era chegada a vez do representante paulista Harppia, recebido de forma amena pelo público, o que se explica por suas influências na linha do heavy tradicional, *a la* Judas Priest. Percy (vocal), ex-integrante do Made in Brazil dos anos 70, mantém o mesmo visual, performance e voz esganiçada já pra lá de saturados. Mostra disso foi o pouco retorno da galera após sua saída do palco. Reafirma-se, portanto, que o metal passa por uma fase de subdivisões de estilos e que nem todos cabem num mesmo espaço, ao mesmo tempo, com o mesmo entusiasmo.

A temperatura já passava de 42° quando o quarteto alemão Exumer iniciou sua apresentação. Comandados pelo baixista/vocalista Paul Arakaki e fortemente influenciados por Slayer — Paul, inclusive, parece uma xerox do estilo de Tom Araya —, eles conseguiram, mesmo assim, satisfazer a platéia sedenta de shows internacionais e de grande porte. *Por isso* foram recebidos como uma big band, embora lá fora eles ainda tenham muito a conquistar. Só falta aguardar as próximas atrações, que serão, entre outras, Nasty Savage, Kreator e, oremos, Slayer e Metallica. Aí sim a coisa vai esquentar mesmo.

Marcos Campolim

MIDNIGHT OIL

A comunhão

Hollywood Palladium (Los Angeles) 16/04/88

Da Austrália para o megacentro do showbiz (EUA) o Oil é, para alguns, "a maior banda de rock do mundo"

Quem é a "maior banda de rock do mundo"? A resposta varia de "quem se importa?" a uma lista de favoritos desta ou daquela facção. A cada noite diferente existe um grupo de músicos, em algum lugar do planeta, que pode ser chamado de "a maior banda de rock do mundo". Jamais conheceremos a maioria delas — nem sempre aquele momento de grandeza é combustível suficiente para uma carreira em larga escala. Nem sempre aquela faísca ateia fogo na opinião dos que têm o poder de dar fama a quem tem valor. Mas sempre existirá uma banda que naquele determinado instante terá sintetizado em canções de três minutos todo o espírito de seu tempo, com a convicção dos crentes, com a fúria dos decididos, com a sutileza de um bate-estacas. E na noite de sábado, 16 de abril, a "maior banda de rock do mundo" era o Midnight Oil.

Você talvez nunca tenha ouvido falar deste quinteto australiano liderado pelo calvo e gigantesco Peter Garrett, um ser intenso que parece a mistura de um mutante e um fazendeiro crazy. O Oil está justamente naquela encruzilhada artística que poderá tirá-los do circuito alternativo e despejá-los no colo do grande mercado internacional. Tem a cara e o coração da Austrália impressos em suas músicas, de uma maneira como nenhum de seus conterrâneos conseguiu até hoje. O Oil tem a capacidade de burilar a repetição de frases e melodias fáceis e fortes e transformar simples palavras em peças de resistência de verdadeiros hinos ("Chegou a hora", de "Beds Are Burning", "Algumas vezes você é levado ao paredão, mas não se entrega", de "Sometimes"). Mas teria sido só por isso que naquela noite o Midnight Oil foi a "maior banda de rock do mundo"? Ou teria sido por causa das ondas contínuas de suor, adrenalina e decibéis descontrolados que transbordaram do palco do Hollywood Palladium toda vez que acendiam aquelas luzes brancas acima e detrás da banda? Teria sido por causa da maneira como público e banda se confundiam numa mesma massa sonora um ssona como ocorre nos shows do Legião Urbana? Teria sido porque o Oil canta junto todas as músicas, como um batalhão de soldados no ataque, um só bloco humano martelando melodia, ritmo e paixão?

Vá se entender. O fato é que o Midnight Oil tem o estofo dos líderes, dos reformistas, dos revolucionários. *José Emílio Rondeau*

JAMES BROWN

The Godfather estava por aqui para mostrar como se faz funk sem sampler. Mas sua presença valeu mais pelo mito do que pelo espetáculo em si

Ritmo e repouso

Palace (SP)
12/04/88

Em algum lugar do passado — mais precisamente o teatro Apollo, no Harlem, em 1962 — isso foi uma epifania encharcada de suor. Mas, um quarto de século depois, no coração de Moema já está dado o desconto.

O que salva Mr. Brown — *The Godfather, Soul Brother Number One*, todos esses títulos que ele tanto ama — de virar um show típico dos cassinos de Las Vegas é que o homem é um gênio. Não deixa de ser um assombro que, entre os ápices da noitada, estejam petardos bem posteriores aos seus "anos dourados" como "Get up Offa That Thing" (75? 76?) e "Gravity" (86).

Mas, para se ter um gostinho do Imortal, é preciso um pouco de paciência: das duas horas de show, ele está presente em cerca de trinta, quarenta minutos — e aí a casa vem abaixo, dinamitada pelo sacolejo monolítico de uma banda em que tudo — dos metais aos teclados e cordas — é ritmo, ritmo, ritmo. A locomotiva mais "sampleada" do *show business, ladies and gentlemen*: "Make It Funky", a balada quase *gospel* "Try Me", "Papa's Got a Brand New Bag" (em andamento quase dobrado ao do já anfetaminado original) e, claro, encerrando a festa, "Sex Machine". Ficaram faltando "It's a Man's Man's World" e "Please, Please, Please" (apresentada como rápida citação) para compor O Essencial James Brown.

Entre estes disparos taquicardíacos é que vem a diluição em longas improvisações da banda. Maceo Parker Jr., velho comparsa e saxofonista de primeiríssima, segura uma onda e tanto. O mesmo não se pode dizer do resto da banda, e a queda da temperatura é humanamente inevitável. E quando James Brown entra na mesma barca, arranhando solos de oito, dez minutos no órgão e até incursionando pela bateria e pelo baixo, ele não está se exibindo. Está apenas poupando sua voz para a próxima investida.

Eu não estou reclamando. *Ninguém* pode reclamar. Tantos "adolescentes" do pop dos 80 poderiam muito bem receber uma dose dessa vitalidade que se poupa para poder dar, a hinos da energia como esses, todo o sangue, suor e esperma que eles merecem — e isso não há processo de gravação, análogo ou digital, que possa roubar.

Depois... ser Imortal também é humano. *J.A.L.*

OLODUM

Os teenagers da bateria do Olodum seguem, atentos, o comando de Neguinho do Samba

Nobre visita

Projeto SP
28/04/88

Em férias (sim, eu as tirei!!!) durante o mês de fevereiro, fui ver o que é que a Bahia tem. Quinta-feira de Carnaval, malas nas costas e eu aportava no hotel Pelourinho, assessorada por Geronimo e o artista plástico Irakitan Sá. Histórias, personagens, sobe e desce a ladeira . do Pelô. É como diz a letra "Ladeira do Pelô" — do Bloco Cultural Olodum — , infinitamente. "E eu vou e eu vou e eu vou e eu vou/ vou subir a ladeira do Pelô". Do hotel, a primeira noite trazia o som dos atabaques. Um vento soprava no quarto.

Concentração. Sexta-feira. A imagem estilizada de Exu mantém seu alerta em frente à Casa de Jorge Amado. Os primeiros *teenagers* do Olodum afinam o couro... Eu, ao lado de Exu, assisto .. Concentração. Ritmo, ritmo, ritmo... Transe — impossível não se arrepiar. Surdos marcados e caixas no mais aloprado hardcore... Êxtase. . E eles sobem a ladeira. "E eu vou e eu vou e eu vou e eu vou. .". Param em frente ao hotel Pelourinho em homenagem. E seguem, levando sua cultura para as ruas de Salvador, no primeiro Carnaval onde os blocos afros eram tão fortes (ou mais) quanto os trios elétricos. A magia não pára no Olodum. Tem ainda, Ylê Ayê, Ara Ketu, Muzenza, Filhos de Ghandi. Um mais maravilhoso que o outro. Impossível eleger um.

São Paulo, quinta-feira de uma véspera de maio. 10% da bateria do Olodum está em São Paulo, hospedada no "grande mangue urbano", centro da capital das capitais. A nostalgia bate forte e a sensação de estar novamente em Salvador vem à tona. O ônibus aporta e vamos todos à Barra Funda, no Projeto SP. A produtora não acredita no atraso quando chegamos. E os integrantes, calmíssimos, descem lentamente e se preparam para o espetáculo.

Neguinho do Samba — ou Antônio Luis Alves de Souza, mestre da bateria do Olodum — não tira o olho de sua ótica central — sério, compenetrado, responsabilidade impar. Não admite erro. Não admite que atravessem. Comanda duro e certeiro. E, ainda, controla os puxadores — Lazinho, Euzebio e Betão — para falarem pouco porque o negocio ali é tocar, tocar, tocar.

Três backing vocals, dois bailarinos, doze na bateria e a participação especial de Bira Reis (ver Showbizz nesta edição) solando na "Vinheta Cuba Brasil" com seu sax soprano, o tom lírico da festa. A platéia delira. Não acredita. Neguinho desce do palco no final do show, com toda sua bateria. Aí a coisa fica mais autentica. Japoneses e brancos ensaiam passos afros à volta do bloco. No mais, é história, história. De musica a musica é história. História rica que nasce nas mais remotas origens africanas. Rica até onde ainda não se pode imaginar. Rica só de ficar lá, na porta do hotel Pelourinho, tomando o vento que desce com a tarde, a olhar os personagens que sobem e descem a ladeira. . Personagens que inspiraram Jorge Amado. E! É fácil ser Jorge Amado em Salvador...

Sônia Maia

GUETO

Funk you

Espaço Mambembe (SP)
23/04/88

Julinho, J.C. ou, ainda, Julio Cesar, mostrando se um dos melhores intérpretes do planeta

-U-E-T Uaaau!! Afiados, depois de 65 shows pelo Brasil, os garotos da zona norte estraçalharam. Mambembe, dançava, pulava, urrava. Uma festa de verdade pra comemorar o segundo aniversário do grupo e, de quebra, encerrar a turnê do LP *Estação Primeira*.

A fórmula soul/samba/heavy-rap de bamba de Marcio, Marcola, J.C e Edson X tornou-se a linguagem universal de um coral de espectadores hipnotizados. As intervenções de Waldyr de Carvalho, tecladista incorporado ao grupo, e a percussão de Andre, dos Mulheres Negras, completaram a fogueira. Mas as labaredas mais quentes pertenceram mesmo a Julio Cesar, com sua performance contundente e nada afetada. J.C. é quase um dos melhores cantores do planeta. Sua voz possui a força de uma distorção de guitarra e não perde a potência no decorrer do show — nem é potência, na verdade é emoção!

Dentre as musicas que farão parte do novo LP que o Gueto grava este mês, "Alma", cantada em falsete do começo ao fim, é uma explosão que deve atingir os picos das paradas. Além dela, foram apresentadas outras duas canções inéditas: "Estive Aqui", mais funk, e "Dúvida", privilegiando as guitarras pesadas.

Os hits não deixaram pedra sobre caco de pedra. A catarse transformou em hit até faixas que nunca tocaram no rádio. O bis foi uma exigência, com a versão mais do que competente de "The Lady Don't Mind" dos Talking Heads e "Borboleta Psicodelica", votada em meio a uma profusão de pedidos que não deixaram de fora nenhuma das canções do repertório adrenalínico.

Ao contrário da maioria dos pops, Gueto está usando seu sucesso para se aproximar cada vez mais do público — e não se encastelar na distancia dos grandes palcos. Ainda bem. É sempre saudável ver uma grande banda no espaço intimo de um puta show.

M.P.

VIVA EM

...xa da um show
...flexibilidade, mostrando
...ercícios e contando
...gredos para manter
...boa forma.

E MUITO MAIS

- Dança: como o bailarino se prepara para dar um espetáculo de criatividade e elasticidade.
- Corpo e mente: exercícios para fazer a dois e conquistar o máximo de bem estar.
- Emagreça sem sacrifícios nas clínicas de Campos do Jordão.

TODOS OS MESES NAS BANCAS

EDITORA ABRIL

TOY DOLLS

Os eternos garotos

Projeto SP
29 e 30/04/88

Os Toy Dolls trouxeram a merecida quantidade de público ao Projeto SP, mostrando como ele fica num estado ideal. Adolescentes, mães e pais (acompanhando os menores), punks e skinheads foram celebrar a vinda das "bonecas de brinquedo", um nome que segue literalmente esse espírito durante o show.

Os Dolls não escondem que simplesmente inexiste audiência para eles em sua terra natal, a Inglaterra. Em entrevista a ser publicada na próxima edição, eles demonstram um ceticismo quanto à música feita atualmente em seu país e, pasmem, dizem que as rádios do Brasil (São Paulo) são melhores que as de lá. A vinda deles ao Brasil mostrou, no mínimo, que ainda há um público adolescente interessado numa música de peso e irônica o suficiente para tirá-los da letargia da era apocalíptica e do país do (sem) futuro.

O Cólera abriu o evento e mostrou um som forte, bem estruturado. Pierre (bateria) está tocando bem, muito bem. O único problema é o lado messiânico da banda, e aqui faço minhas as palavras de um espectador: "O problema do Cólera é que eles levam essa bobagem muito a sério".

Os Toy Dolls não levam nada a sério. *It's funny, just funny*. Olga, o *band leader* e único remanescente da formação original é, sem dúvida, um personagem ímpar. Sua vozinha já sai provocando uma comédia, sua magreza é componente número um de sua performance e toca, *sim*, uma boa guitarra, que chega até a surpreender pelo estilo despretensioso do som. Algo que nos remete aos tempos em que o rock era pura diversão e nada mais além disso. Hoje os tempos são outros...

Das músicas apresentadas quase que ininterruptamente, o destaque vai para o hit "Nellie the Elephant", "Poor Davey", "Firey Jack" e a hilária versão de "Blue Suede Shoes" — famosa na interpretação de Elvis Presley —, além da canção-título do primeiro LP, "Dig That Groove Baby". Do último álbum, *Bare Faced Cheek*, destaque para "Howza Bouta Kiss Babe???" e "Fisticuffs in Frederick Street".

Tirante a desagradável postura tribal dos skinheads no sábado, que incluiu um furo no cerco de seguranças, garantindo a subida de pelo menos um deles para "cumprimentar" Olga com um soco na lateral de seu crânio e, ainda, os chute e pontapés deflagrados para afastar a platéia "não-skin" para o fundo do salão — cenas essas que lembravam bem as leituras fictícias/atualíssimas de Frank Miller na série *O Cavaleiro das Trevas* e *Ronin* — a festa foi no mais puro estilo rock'n'roll: juventude, suor, som. *So funny. That's all we need!*

Sónia Maia

Olga, Deca (baixo) e Marty (bateria) trouxeram para adolescentes, skatistas, punks e skinheads brasileiros uma boa dose de peso e ironia

ROBERT PLANT

À sombra

Hammersmith Odeon (Londres)
17/04/88

"Oh, well..."
Alguns segundos de silêncio.
"Jimmy Page".
Robert Plant fez o anúncio calmo, como se pronunciasse um dos inescapáveis "thank you" entre canções de qualquer show. Mas era como se a Sexta Frota americana tivesse bombardeado todas as refinarias do Irã de uma só vez. Lá estava ele, entrando no palco — Mr. James Patrick Page, o mítico, o legendário bruxo que levou o Led Zeppelin aos maiores excessos da história do rock'n'roll, dentro e fora do palco. Inchado (bebe como uma mula), de barriga, jeans qualquer-coisa e camiseta, a eterna ponta de cigarro caindo dos lábios, James Patrick pegou sua Gibson envenenada e..., *lord have mercy*, transformou a última de três noites de Robert Plant solo em Londres em um dos raríssimos momentos inesquecíveis da música popular nos anos 80 do *designer*-tudo.

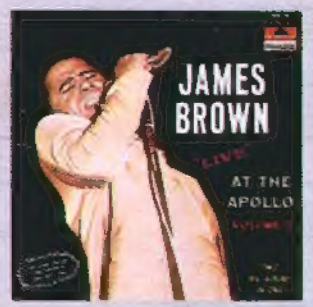
Até aí, não estava acontecendo nada. Ou muito pouca coisa. Plant promovia ao vivo seu novo álbum, *Now and Zen*. Em conteúdo musical — e lingüístico —, uma acumulação de truques de gosto tão duvidoso quanto a brincadeira do título. Em síntese, um mix de *Physical Graffiti*, do Zeppelin, com rockabilly, via informática. Por nada incrível que pareça, o melhor do álbum — e do show — era derivação do Zeppelin: 16 compassos de "Kashmir" em "Heaven Knows" (no disco o riff é de Page; ao vivo está em sampler), e um rockabilly tecnopop, "Tall Cool Me", onde Plant e Page brincam com trechos sampleados de "Dazed and Confused", "Black Dog", "Whole Lotta Love" e "Custard Pie", entre outras. Page toca em duas músicas no LP solo de Plant. Plant também aparece no novo, primeiro e até agora único LP solo de Page. Mas quando notamos que o melhor momento de *Now and Zen* é o riff sampleado de "Custard Pie", dá pra se perceber a quantas andava esse concerto.

Plant bem que tentava um clima com "Ship of Fools", a sua seqüência para "Stairway to Heaven". Mas não conserva nem mesmo todo o potencial daquele seu uivo metálico arquetípico — afogado por uma espiral de ecos tecnológicos. Só mesmo o "uuuuuuh yeah" fazia jus à lenda. E quanto às suas letras, *my God:* a mesma lenga-lenga sobre amazonas sedutoras, e onde vai depositar sua semente de macho guerreiro — tudo envolvido por uma pompa e circunstância que sugerem profundas reflexões metafísicas sobre a condição humana.

Page — ainda que cambaleando — emergiu no palco com o efeito de um míssel balístico intercontinental. Como se sabe, o Led Zeppelin nunca foi uma banda de heavy metal — embora até tivesse fundado o gênero. Page via como o dever primordial do rock'n'roll expandir o vocabulário do blues. Foi o que ele fez no Zep — articulando todos os cruzamentos possíveis com dinâmicas, luzes, sombras, climas, espaço, tempo, mas sempre mantendo o coração selvagem da música. Era tudo uma questão de moldar uma tremenda quantidade de ruído para o espectro emocional da experiência de um público basicamente anglo-saxão, primeiro mundo, entre Inglaterra e EUA. Sob esse aspecto — e apesar das viagens submísticas — Page, Plant, Bonzo, (três personalidades fortíssimas) e Jones chegaram a ser absolutamente brilhantes.

Plant adorou pregar esse "truque de cartola" (como o definiu) em sua audiência. É como se proclamasse para o mundo: "Olha aqui, esse é o meu amigo Jimmy Page, o fera dos feras". E ele continua fera mesmo. A banda de Plant é inócua, pseudopop e pseudoheavy, com uma avalanche de teclados, e mesmo assim caiu babando atrás do *drive* de Page. Já tinham registrado uma versão insípida de "Black Country Woman" (em *Physical Graffiti*). Page, em três *encores*, os guiou em "Trampled Underfoot", "Misty Mountain Hop" e uma estraçalhadora versão de "Gambler's Blues", de Otis Rush, o mestre de Chicago, onde Plant adentrou em *medley* com "I Can't Quit You Baby" (do antológico *Zep I*) e "Since I've Been Loving You" (do *Zep III*), e Page nos premiou com três dos mais incandescentes solos já registrados em palcos na Inglaterra nesta década. Mostrou tudo — em ataque, em desvario, em construção de clima, em puro espírito flamejante do blues... enfim, uma aula prática de *porque* o Led Zeppelin transformou-se naquela lenda *larger than life*. Finalizaram com "Rock and Roll', devastadora, Plant com um extremo senso de humor brincando com os seus "uuuuuh yeah", e Page até pulando e quase se desmanchando no solo. Nesses vinte minutos, a platéia do Odeon, em êxtase, foi capaz de esquecer tudo: o sonho com a volta do Zeppelin, a impossibilidade deste sonho, os "filhos" de Zeppelin que hoje invadem a indústria pop, a eletrificação do blues, o fato de Plant estar usando Page para promover as vendas de seu álbum. O que tivemos, nesses vinte minutos, foi o que cada vez menos o rock'n'roll é capaz de nos dar: a linha direta, *now and zen, para o coração do nirvana sobre a Terra*.

Pepe Escobar



JAMES BROWN
LIVE AT THE APOLLO (1963/1968/1971)

Se o verdadeiro e único Godfather é o *haaaaaardest working man in show business* — como anunciam seus mestres de cerimônia há três décadas — *Live at the Apollo* é o melhooooooooor LP ao vivo na história do show business. Mas qual deles? Todos. Sim, porque existem três. O primeiro é absoluta lenda: gravado em dezembro de 62, saiu pela King, em janeiro de 63, e relançado pela Solid Smoke em 80. O segundo é um LP duplo, gravado em junho de 68; saiu pela King dois meses depois e foi relançado em 86 pela Rhino, da Califórnia, como dois LPs separados (*Live at the Apollo volume 2, parts 1 and 2*). O terceiro também é um LP duplo, gravado em 21 e 22 de julho de 71, e lançado em dezembro do mesmo ano pela Polydor.

Qualquer brownnófilo sério precisa ter os três, claro (como a negada, que já o transformou no *the most sampled man in show business*). O terceiro é fácil de ser encontrado no mercado. Mas não é tão arrasador quanto o segundo, o relançado em duas partes pela Rhino, também facilmente encontrável. Quanto ao primeiro, mate ou morra, mas não consuma o resto de sua existência sem incorporá-lo à sua discoteca.

No terceiro LP temos o Godfather na fase em que a estrutura harmônica de suas músicas, já em strip-tease acelerado, cai em um exercício modal em cima de um só acorde (com a banda tocando um verdadeiro bilhar polirrítmico). No segundo LP temos JB à frente de uma de suas superbandas massacrantes (incluindo Maceo Parker e o Pai da Guitarra Funk, Jimmy Nolen, com Brown de 65 até sua morte, de ataque cardíaco, em 83), atacando standards ("Think", "I Feel Good", "Cold Sweat", "Try Me", "Please, Please, Please") e clássicos alheios, como "Kansas City". E no primeiro LP temos um Homem fazendo História: as sincopadas que se tornariam *o* som dos anos 60 (e base para *todos* os sons negros e brancos bem informados subseqüentes), as grooves de arrebentar, os ritmos entrecruzados, o scratch percussivo da guitarra, as tonalidades bebop da seção de metais — gospel mixado com *jazz licks*, cujo filho pródigo foi chamado de soul music e, claro, com riff impagável por cima, por baixo, em volta e através desta elaborada estrutura em movimento de ritmo incessante, *aquela* voz infernal, pontuada por soluços, gritos, uivos, grunhidos, berros, pedaços de palavras mastigadas e o imperativo "take it to the bridge!"

JB define seu som: "De onde vem, é um segredo entre Deus e eu". *Right on*. Mas por que gravar no Apollo? JB explica em sua autobiografia (gritem para ser traduzida aí): "O Apollo era um lugar especial. *O* lugar para artistas negros... Você podia fazer seis ou sete shows num dia só. Você comia lá, dormia lá, e continuava ensaiando quando não estava no palco. A platéia era muito dura. Se eles não gostavam, davam a entender. Na hora".

Para quem tinha pacto com o Lord lá em cima e fazia 350 shows por ano, o Apollo foi uma manha. JB pagou a gravação ao vivo do primeiro LP do próprio bolso (5 700 dólares, um monte de $$$ na época). Foi gravado em *duas* pistas, ou seja, com mixagem quase que instantânea. Usaram apenas oito microfones, dos quais três para a platéia. JB queria lançar um LP *live* para que as pessoas, na época, pudessem pelo menos *escutar* o seu show, já lendário. *Live at the Apollo*, o primeiro, é o Evangelho segundo o Godfather. Ele lembra, na biografia: "Assim que eu entrei em 'I'll Go Crazy' eu sabia que era um daqueles dias". Uma mãozinha extra do Lord lá em cima, que é tarado por soul e funk (quando não está de mau-humor), JB, no Apollo, estabeleu-se definitivamente no Olimpo. *Good God, sock it to me, uuuuuuuh!* — *Pepe Escobar*

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editores: José Eduardo Mendonça
Editor Executivo: Roberto Wagner Pereira Perucci
Editora Assistente: Bia Abramo, Sônia Maia
Redação: Celso Salles Pucci, Thomas Pappon
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Deise Bânhas
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Cesar G. Lima e Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: José Augusto Lemos (consultor), Alex Antunes, Antonio Guerino Neto, Arthur G. Couto Duarte, Cesar Garcia Lima, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Jean-Yves Neuhville, José Geraldo Couto, Leopoldo Rey, Lino Tragtenberg, Luiz Antonio Giron, Marcel Plasse, Marcos Campolim, Nico Pereira de Queiroz, Tom Leão, Waldir Montenari, Walter Silva
Arte: Angelo Asson, Mercedes De La Lastra
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Ciciano, Kid e Marcelo Faustini, Rui Mendes, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto Araujo
Gerente-SP: Julio Cesar Ferreira
Contatos: Arthur de Oliveira Neto, Marcia Andrade, Tânia Polo Resende
Gerente-Rio: Getúlio Torres
Contato: Lidia Camarate
Produção Gráfica Publicidade-Gerente: Edna K. Bungo

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente). **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809. **Nova York:** Odilio Liceti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993. **Paris:** Pedro de Souza, 33, rue de Mergnesnil, 75008, Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone: 42.66.31.18, Telex ABRILPA 650731.
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Auta Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP. Telex: (011) 22113.
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Marinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Promoção: Vani de Pieri

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli,
Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes
Diretor de Publicidade: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1111, CEP 01139, tel. (011) 826-6777. **Telegramas:** Editabril Reinpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 23674, Telegramas: Editabril-Abrepress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Wares, Alvarraga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Cr$ 3 720,00 a vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não foram entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTNs verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 05. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou na distribuidor da sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Show-Room: R. Groenlândia 1919 • tel. 282-7873 · R. Haddock Lobo 1385 • tel. 883-4142 • Ribeirão Shopping lj. 80 • tel. 634-2284 Rib. Preto

DOLCE BRASTANIA

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

RABO PRESO

Sou estudante de música e colecio-no a revista BIZZ desde o primeiro número. Sou também assinante da mesma. Hoje, joguei a minha cole-ção da revista no lixo e informo também que não vou renovar a mi-nha assinatura. Não acredito e nem confio em 99 por cento dos artigos publicados pela revista. Vocês es-tão de rabo preso com as grandes gravadoras. Tudo cheira à matéria paga. Exemplos: 1) entrevista com o Prince e anúncio do disco recém-lançado, dentro do encarte com a entrevista; 2) no número 31, artigo do senhor Pepe Escobar sobre o Terence D'Arby e anúncio da gra-vadora logo a seguir. Muito sutil. **Osvaldo Mello, São Paulo — SP**

Rabo preso? Apenas com a quali-dade da informação. Nos parece óbvio que as gravadoras queiram anunciar seus produtos na revista que julgam de maior credibilidade junto ao leitor. Nos parece óbvio, ainda, que anunciem produtos que estejam sendo lançados de artistas que a redação, por uma questão de bom jornalismo, está sempre acom-panhando em cima da pinta.

ENFORQUEM O CRÍTICO

São vários os motivos que me levam a escrever para a revista. 1°) Na Dis-coteca Básica de BIZZ 30, o "musi-cólogo" Hermano Viana (que deve-ria ser enforcado) afirma, entre ou-tras besteiras (maior até do que colo-car Grace Jones na dita seção), que o mérito da música pop não é a ousa-dia ou o experimentalismo, e sim a busca de um lugar-comum ideal. Sendo assim, fora com Beatles, Tal-king Heads, Brian Eno, Kraftwerk, Fellini, Vzyadoq Moe, etc... E viva Bee Gees, Grace Jones, Donna Sum-mer, e, o maior de todos, Michael Jackson. Pô, cadê a coerência da re-vista? 2.°) Com relação ao debate so-bre O Futuro do Rock Brasil, só quero acrescentar algumas coisas. A Sandra (Mercenárias) esqueceu de dizer que elas vieram a Belém, mesmo sem nunca terem ido ao Chacrinha. Todos os discos dos ca-tálogos da Wop Bop, Baratos Afins e Cogumelo chegam até Belém. 3.°) Ainda na BIZZ 31, na Discoteca Básica, Celso Pucci afirma que Nick Hopkins é o sexto Stone. Seria ele mesmo ou Ian Stewart? **Bill, Belém — PA**

Vamos por partes, Bill. 1.°) Não sejamos dogmáticos! Não é incoe-rente dar ao autor do texto o direi-to de mostrar sob que ângulo ele interpreta a música pop. Nesse ca-so específico, ele diverge de você e do que muitos pensam dentro da revista. Mas o texto aponta os ar-gumentos corretos para justificar a entrada do LP na Discoteca Bási-ca. No mais, achamos que esse procedimento é democrático e só enriquece o conteúdo da revista. 2.°) Celso Pucci responde: "Na verdade, o 'sexto' Stone original foi Ian Stewart, pianista da banda nos idos de 62, quando ainda eram semiprofissionais, voltando a tocar o-casionalmente com eles nos anos 70. Mas Nicky Hopkins também tem que ser considerado um Stone, pois foi o pianista oficial da banda em seu período áureo, tendo participa-do de seus discos mais importan-tes. Ou seja, escolha você mesmo seu 'sexto'..."

ROCK EN LATINOAMERICA

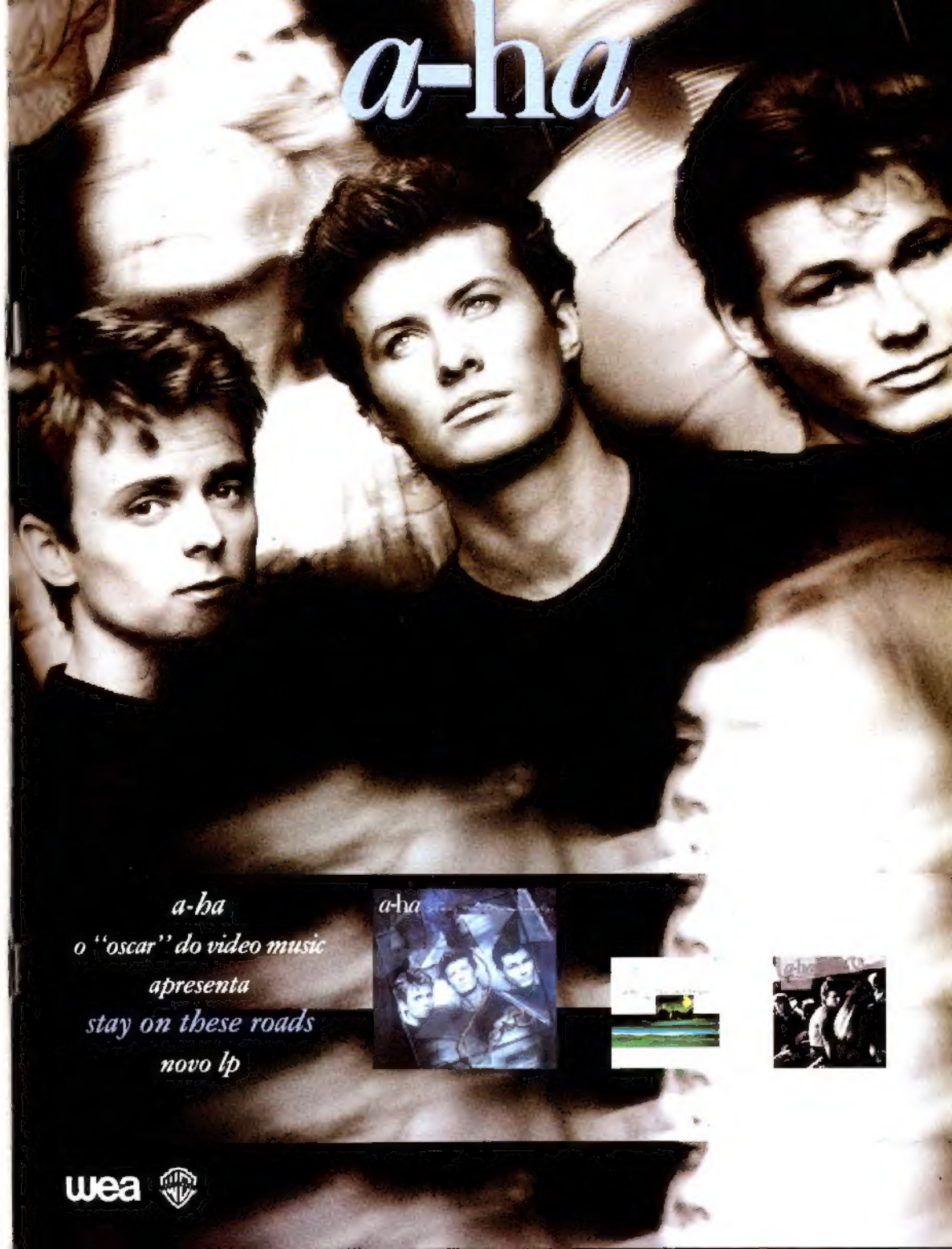
Antes que nada les pido perdón por no escribir en portugues, pero sólo se leerlo bien y hablarlo un poco. Vuestra revista es excelente, especialmente porque en Uru-guay solo existen publicaciones underground sobre rock. Una modesta sugerencia es que presteis más atención a grupos y artistas de rock latinoamericanos. Bandas de Chile, Argentina y Uruguay son programadas em las radios de acá junto con grupos como Paralamas (los brasileiros más populares en Uruguay), Titãs, RPM, Lobão y otros. A quines quieran escribir pueden hacerlo en español, portu-gues o inglés. Prometo contestar. **Andrés Sanabria Blanco, Francis-co de Sostoa, 1337, apto. 301, Montevideo — Uruguay**

El motivo de esta carta es para fe-licitarlos, porque BIZZ es excelen-te, tanto en composición, fotogra-fías, reportajes, notas y colores que adornan sus páginas. El rock brasi-leño es muy poco difundido aquí, solamente os Paralamas tienen dis-cos editados en Uruguay, otros gru-pos se escuchan por FM gracias a que algunos disc-jockeys traen el material de Brasil. Mi grupo prefe-rido es Titãs, del cuál tengo su úl-tima casette. El 27 y 28 de febrero se llevó a cabo Montevideo Rock II, con participación de grupos de Argentina, Brasil, Chile y Uru-guay. Lo mejor del espectáculo fueron os Paralamas. Ojalá BIZZ se acercára y llegáse al país herma-no para realizar notas y reportajes a los integrantes de esta movida de rock uruguayo que surge en el año 85 junto con el retorno de la demo-cracia — grupos como Los Tontos jy Alvacast. Mi endereço es para todos aquellos que quieram infor-marse sobre el rock uruguayo. **Carlos Rolando Ball, av. Agra-ciada, 2921, apto. 13, Monteví-deo — Uruguay**

Carlos e Andrés têm razão: sabe-mos muito pouco sobre os grupos de rock de países tão próximos co-mo a Argentina, o Chile e o Uru-guai. Só que até agora, infelizmen-te, não apareceu nenhuma oportu-nidade de fazer uma reportagem sobre o assunto. Quanto a shows de grupos brasileiros pela América Lati-na, ainda não temos nenhuma con-firmação, mas deve estar nos pla-nos. BIZZ estará presente e apoia-rá qualquer tentativa nesse sentido. E, claro, qualquer grupo que vier daí será bem-vindo.

PENFRIENDS

Meu nome é Alex, eu sou um ra-paz italiano de 16 anos. Eu gosta-ria de ter penfriends (entre 14 e 20 anos de idade) no Brasil. Eu posso escrever em italiano e inglês. Meus cantores favoritos são: Duran Du-ran, Madonna, Depeche Mode e George Michael. **Alessandro Lem-bo, Via del Santuario, 207, 65100 Percara (PE) — Itália**



THE MISSION ACABOU!

Ao lançar o seu segundo e bombástico LP, que se chama *Children*, The Mission retoma a frente do rock Europeu, finca-se de vez na América e no Japão e pressente a sua consagração máxima no Brasil.

Ao conceber o LP *Children*, The Mission se mantém na linha pura do rock, sem concessões, empulhações, purpurinas eletrônicas.

Ao conhecer *Children* você vai constatar que The Mission acabou. Acabou com o óbvio, com a fricotisse e outros conceitos, preconceitos e pós-conceitos que tentam tirar o rock do ar.

Produzido
pelo ex-Led Zeppelin
John Paul Jones

· T H E M I S S I O N ·
· C H I L D R E N ·

PolyGram